

Em seus braços para sempre

Lynne Graham

Resumo

Tinham passado quatro anos desde aquele verão no que Tabby se apaixonou pelo Christine Laroche .Mas tinha ocorrido uma tragédia e Christine não tinha querido saber nada mais dela.Não teve oportunidade de lhe confessar ao arrogante francês que estava esperando um filho dele.

Agora Tabby tinha uma nova vida junto a seu pequeno Jake, Seu único problema era a lembrança do Christien . Então reapareceu em sua vida... e quis meter-se em sua cama

Descobriria o francês que tinha um filho secreto?



Capítulo 1

CHRISTIEN Laroche, com uma expressão de interrogação em seus perspicazes olhos escuros, observou o retrato de sua defunta tia avó Solange. Uma mulher silenciosa que nunca havia dado que falar e que, entretanto, tinha surpreendido a toda a família com seu testamento.

-Incrível! -exclamou de sobressalto sem poder ocultar sua desaprovação-. No que estaria pensando Solange?

-Dói-me ter que dizê-lo, mas minha pobre irmã deve ter perdido a cabeça ao final de seus dias -lamentou-se um irmão da falecida sem sair de seu assombro.

-Sem dúvida! É incrível que tenha deixado parte dos terrenos do Duvernay a uma estrangeira que não é da família -corroborou outro familiar cheio de ira.

Se o ambiente tivesse sido menos tenso, Christien teria tido que fazer um esforço para não rir do espanto de seus familiares. A riqueza não lhes tinha subtraído nada de seu apego atávico e apaixonado para as terras da família. Entretanto, a reação de todos era desmesurada porque o legado era minúsculo em valor monetário. Os terrenos do Duvernay mediam vários milhares de hectares e a parcela em questão era uma pequena casa de campo com um pouco de terra ao redor. Mesmo assim, ao Christien também tinha zangado aquele legado que considerava censurável e muito inconveniente. Por que sua tia avó lhe tinha deixado algo a uma jovem a que tinha visto umas quantas vezes em sua vida? Era um mistério que adoraria desvelar.

-Certamente, Solange tinha que estar muito doente, porque seu testamento é um insulto para mim -lamentou-se entre soluços Matilde, a mãe viúva do Christien-. O pai dessa garota matou a meu marido e minha própria tia o recompensa...

Christien, com um gesto severo ante o desafortunado comentário de sua mãe, permanecia junto à janela que dava aos elegantes jardins do Duvernay enquanto a dama de companhia de sua mãe se esforçava por consolá-la. Embora tinham acontecido quase quatro anos da morte de seu marido, Matilde Laroche

seguia vivendo em sua enorme casa de Paris com as persianas baixadas, vestia de rigoroso luto e nunca saía ou se divertia. Ao Christien custava recordar que sua mãe tinha sido uma pessoa muito sociável com um quente senso de humor. Sentia-se impotente porque não havia consolo nem medicação que aliviasse o mais mínimo sua dor infinita.

Também era verdade que Matilde Laroche tinha sofrido uma perda devastadora. Seus pais se apaixonaram por meninos, tinham sido os melhores amigos durante toda sua vida e seu matrimônio tinha alcançado uma intimidade excepcional. Além disso, seu pai só tinha cinqüenta e quatro anos quando morreu. Henri Laroche, um relevante banqueiro, gozava do vigor e a saúde própria de um homem na flor da vida. Entretanto, isso não tinha impedido que morrera prematuramente por culpa de um condutor bêbado.

O condutor bêbado tinha sido Gerry, o pai da Tabitha Burnside. Essa noite espantosa quatro famílias foram vítimas de um só acidente de tráfico e Henri Laroche não foi o único que morreu. Morreram o próprio Gerry Burnside, quatro de cinco passageiros foram com ele e um quinto ficou gravemente ferido e morreu mais tarde.

Quatro famílias inglesas tinham estado acontecendo aquele nefasto verão na granja que havia justo debaixo da imponente casa de férias dos Laroche na Dordoña. Seu defunto pai tinha comentado que deveria ter comprado esses terrenos para impedir que os ocupasse uma horda de veraneantes ruidosos. Naturalmente, a nenhum Laroche lhe teria passado pela cabeça mesclar-se com turistas, cuja idéia da diversão parecia limitar-se a torrar-se ao sol e beber e comer em excesso. Entretanto, aquele verão seus pais só passaram uns dias na vila e Christien teve quase todo o tempo para trabalhar em paz, salvo algumas visita de amigos e de sua noiva daquela época.

Havia três Burnside entre toda a gente que ocupava a granja: Gerry Burnside, Lisa, sua jovem segunda mulher, e Tabby, filha de seu primeiro matrimônio. Antes de que conhecesse Tabby só tinha visto as duas mulheres de longe e não as distinguia. Lisa e Tabby eram loiras e com bom tipo e ele não só tinha dado é obvio que eram irmãs, mas também tinha dado obvio que eram de uma idade parecida. Ele não tinha tido a mais mínima idéia de que alguém era uma colegial...

Naturalmente, inclusive à distância, Tabby não podia dissimular sua lascívia, disse-se Christien enquanto fazia uma careta de desdém com sua sensual boca. Entretanto, ele, como qualquer jovem presa da luxúria de sua idade, tinha

participado avidamente em tudo o que seguiu. Os banhos do Tabby nua na piscina iluminada só podiam ter estado dedicados a ele. Ele tampouco se ficou na casa exclusivamente para olhá-la, mas a visão de seus formosos peitos e da deliciosa curva de seu traseiro lhe tinha animado grandemente as tardes nas que se ficou tomando uma taça de vinho no terraço.

Não se culpava por ter desfrutado da visão. Qualquer homem se teria excitado ao ver como exhibia seus encantos. Qualquer homem se teria aproveitado de uma provocação tão evidente. Naturalmente, então ao Christien não lhe ocorreu perguntar-se por que ela ficava tão freqüentemente em casa enquanto o resto saía para jantar todas as noites. Só ao pensá-lo ao cabo do tempo tinha chegado à conclusão de que o tinha estado provocando. Ela, certamente, o teria visto no povoado e em seguida se teria informado de quem era e o que isso supunha. Ao dar-se conta de que a vila dos Laroche dava à piscina da granja, ela teria suposto que antes ou depois ele a veria banhar-se nua.

Ao Christien não tinha surpreso o mais mínimo que Tabby fizesse todo aquilo para apanhá-lo. Já de adolescente se deu conta de que as mulheres encontravam irresistível sua beleza moréia e magra e que eram capazes de fazer quase algo por chamar sua atenção. Entretanto, nunca se tinha envaidecido desse êxito extraordinário com as mulheres. Sabia perfeitamente que o sexo e o dinheiro formavam uma combinação muito poderosa e atrativa. Tinha nascido muito, muito rico. Era filho único de dois filhos únicos muito ricos e de adulto se feito mais rico ainda. Herdou dos Laroche o talento para fazer dinheiro e sua extraordinária destreza empresarial. Deixou a universidade aos vinte anos e nove meses depois já tinha ganho seu primeiro milhão com os negócios. Cinco anos depois, quando era o proprietário de umas linhas aéreas internacionais que estavam batendo todos os recordes de benefícios e notava certo aborrecimento de trabalhar sete dias à semana, começou a sentir-se aborrecido. Aquele verão tinha desejado algo diferente e Tabby o tinha proporcionado com acréscimo.

Ela não se andou com rodeios e tinha aceito suas condições. Tinha-a tomado em sua primeira entrevista. Depois seguiram seis semanas do sexo mais desenfreado que tinha conhecido em sua vida. Obcecou-se com ela. A insistência do Tabby em não ficar a passar a noite com ele e em manter em segredo sua relação lhe acrescentava uma emoção ilícita a cada encontro. Entretanto, o que nunca poderia esquecer era que, depois de só seis semanas

de prazer sexual sem limite, tinha-lhe pedido que se casasse com ele para poder gozar daquele corpo maravilhoso a qualquer hora do dia.

Matrimônio! Christien seguia sentindo um calafrio ao lembrar-se. Seu impressionante quociente intelectual não lhe tinha servido de muito na hora de tentar conter uma libido irrefreável e ficou sem palavras quando se inteirou de que tinha estado deitando-se com uma colegial. Com uma colegial de dezessete anos que era uma mentirosa compulsiva.

Enquanto Veronique fazia todo o possível para tentar proteger o da ameaça de um escândalo atroz, ele seguia presa de uma luxúria tal que tinha decidido que poderia lutar com uma mulher a que ensinaria a dizer a verdade e, além disso, manteria-a na cama quase todo o tempo. Entretanto, ao dia seguinte, viu sua hipotética noiva comportar-se como uma prostituta com um motorista e, deixando a um lado a ira, a incredulidade e o desgosto, viu-se liberado imediatamente de sua obsessão...

-Se essa Burnside puser um pé nas terras dos Laroche, manchará a memória de seu pai! -exclamou Matilde Laroche.

Christien voltou de seu ciúme e piscou ante o tom teatral de sua mãe.

-Isso não ocorrerá -afirmou com uma convicção tranquilizadora-. Farei-lhe uma oferta para que atadura a parcela e ela, naturalmente, aceitará o dinheiro.

-É um assunto que te resultará muito desagradável -comentou-lhe Veronique com um sussurro cheio de compreensão-. Deixe que eu me ocupe.

-É muito generosa como sempre, mas não faz falta.

Christien olhou com agradecimento à formosa e elegante morena com a que pensava casar-se.

Veronique Giraud era tudo o que tinha que ser a mulher de um Laroche. Ele a conhecia de toda a vida e suas origens eram parecidos. Era advogada, uma anfitriã excelente e muito tolerante com a fragilidade emocional de sua futura sogra. Entretanto, na relação do Christien com sua noiva não havia nem amor nem luxúria. Os dois consideravam que o respeito mútuo e a sinceridade era o mais importante. Embora Veronique que queria lhe dar filhos, a intimidade física não a entusiasmava e já lhe tinha deixado claro que ela preferia que satisfizesse suas necessidades com uma amante.

Ao Christien o lembro lhe parecia muito satisfatório. Seu desejo de aceitar o laço matrimonial tinha aumentado ao saber que não lhe privaria da inapreciável liberdade masculina de fazer o que quisesse e quando quisesse.

Ao cabo de um mês mais ou menos, tinha que ir a Londres por trabalho e visitaria o Tabby Burnside para lhe fazer uma oferta pela casa de campo. Ela, sem dúvida, ficaria atônita ante sua presença. Perguntou-se como estaria depois desses anos. Estaria danificada? Só tinha vinte e um anos. Esteve a ponto de encolher-se de ombros. Ao fim e ao cabo, não lhe importava.

-Uma casa na França...- Disse-se Tabby sonhadoramente, um sítio próprio e ensolarado...

-Naturalmente, venderá a casa da anciã por tudo o que possa tirar -deu por sentado Alison Davies-. Darão-lhe uma boa quantidade de dinheiro.

Tabby, em troca, pensava no ar puro do campo em vez das fumaças da cidade que segundo ela provocavam o asma de seu filho.

-Jake e você terão algo se por acaso chegarem as vacas magras.

Sua tia, uma mulher morena com chicoteados olhos cinzas, assentiu com a cabeça.

Tabby seguia pensando em quão afortunada tinha sido porque Solange Rousell lhe tivesse deixado uma casa na França. Estava convencida de que tinha que ser o destino. Seu filho tinha sangue francês e um golpe de sorte extraordinário quando menos o esperava lhes tinha proporcionado uma casa na França. Isso estava escrito! Quem podia duvidá-lo? Olhou ao Jake, que estava jogando no pequeno jardim. Era um menino encantador com peraltas olhos castanhos, uma pele olivácea e um arbusto de cachos escuros. Nesse momento sua asma não era grave, mas quanto poderia piorar se ficava em Londres? Tabby tinha começado a planejar sua nova vida na França com seu filho o mesmo dia que recebeu a carta do notário francês. O momento não tinha podido ser melhor, já que Tabby procurava desesperadamente uma desculpa para deixar a confortável casa de sua tia. Alison Davies só tinha dez anos mais que sua sobrinha. Quando, como resultado da morte de seu pai, Tabby se tinha ficado na ruína e além grávida, Alison lhe tinha devotado uma casa. Tabby sabia muito bem quão agradecida tinha que lhe estar.

Entretanto, uma semana antes, Tabby tinha escutado uma discussão entre o Alison e seu noivo Edward que lhe tinha deixado com um profundo remorso. Edward ia tomar se um ano sabatino no trabalho para viajar. Tabby já sabia e também sabia que sua tia não ia acompanhar o. O que Tabby não sabia até que ouviu acidentalmente a discussão era que Alison Davies preferia renunciar a essa viagem antes que lhe dizer a sua sobrinha que teria que buscar-se outro sítio para viver.

-Não tem que te gastar suas economias! Esta casa é tua graças a seus pais e poderia alugá-la por uma boa quantidade enquanto estamos de viagem. Isso cobriria seus gastos -argumentava Edward na cozinha enquanto Tabby procurava as chaves para abrir a porta traseira ao voltar de seu trabalho da tarde.

-Já discutimos isto -replicava Alison-. Não posso lhe dizer ao Tabby que se vá para que venham uns desconhecidos. Ela não pode pagar um alojamento aceitável...

-Quem tem a culpa?- Ficou grávida aos dezessete anos e está pagando seu engano! -Edward estava furioso-. Temos que pagá-lo nós? Não tivemos suficiente com logo que ter desfrutado de uns momentos sós e, quando o temos feito, você tiveste que cuidar de seu filho?

Tabby sentia uma pontada de dor quando se, acordava daquela crítica tão feroz. Entretanto, parecia-lhe uma crítica justificada. Acreditava que tinha que haver-se dado conta ela mesma de que estava abusando da hospitalidade de sua tia. Sentia-se afligida por que Alison estivesse disposta a fazer esse sacrifício por ela quando já tinha sido tão generosa. Naturalmente, Tabby só pensava em trocar-se de casa o antes possível para que Alison pudesse ser livre de fazer o que quisesse. Entretanto, não queria que ela soubesse que tinha ouvido a discussão.

-Não posso deixar de me perguntar por que uma anciã francesa se acordou de ti em seu testamento -reconheceu Alison enquanto sacudia pensativamente a cabeça.

Tabby saiu de seu ensimismamento, abriu de par em par os expressivos olhos verdes e se passou por detrás da orelha uma mecha de cabelo entre loira e cor caramelo. Alguns costurem eram muito íntimas para as falar inclusive com sua tia.

-Solange e eu nos levávamos muito bem...

-Mas se só lhes viram um par de vezes...

-Tenha em conta que o que me deixou é uma parte minúscula de suas posses -disse Tabby querendo dar uma explicação-. Para mim a casa de campo é algo incrível, mas para ela... Devia ser algo insignificante.

Tabby sempre tinha conectado muito profundamente com o Solange. A primeira vez tinha balbuciado ao reconhecer que adorava ao Christien. A segunda, não tinha estado tão segura de si mesmo e não tinha podido ocultar seu temor de que Christien estivesse perdendo interesse. A terceira e última...

Alguns meses depois de que terminasse aquele funesto verão, Tabby havia tornado sozinha a França para declarar na investigação do acidente. Estava desejando voltar a ver o Christien. Tabby acreditava que com o passado do tempo ele teria podido compreender que os dois tinham perdido a seus pais adorados. Entretanto, logo se deu conta de quão equivocada estava porque, se acaso, os meses transcorridos tinham feito que Christien estivesse mais frio e esquivo. Inclusive Veronique, que tinha sido muito amistosa com ela, mostrava-se distante e hostil.

Tabby, como filha do Gerry Burnside, tinha passado a ser uma emprestada para qualquer que tivesse sofrido as conseqüências do acidente.

Para ela, o dia da declaração foi tão doloroso e crucial em sua vida como os imediatamente seguintes ao acidente. Os meses anteriores tinham sido um pesadelo e inclusive teve que pedir dinheiro emprestado a sua tia para voltar da França, mas sonhava ingenuamente com a reação do Christien ao saber que era o pai de seu filho.

Entretanto, o dia da declaração seus sonhos se derrubaram como castelos de areia. Nem sequer chegou a lhe dizer que era o pai de seu filho recém-nascido porque ela não quis comunicar-lhe diante de tanta gente e lhe negou a possibilidade de ter uma conversa privada. Ela, destroçada por tanta crueldade, partiu antes de romper a chorar diante dele, seus familiares e amigos. Uma vez na rua, notou que uma mão tomava a seu com um gesto de consolo. Tabby levantou o olhar cheia de desconcerto e se encontrou com os olhos pormenorizados do Solange Rousell.

-Sinto que a família se haja interposto entre o Christien e você -a mulher suspirou com uma lamentação sincera-. Não deveria ter sido assim.

Solange voltou a entrar precipitadamente no edifício antes de que ela pudesse lhe responder e reconhecer que suspeitava que o rechaço do Christien se devia a algo pior que a mera lealdade familiar.

-Pensa vender a casa da França, verdade? -insistiu Alison.

Tabby tomou uma baforada de ar e se preparou para soltar a notícia.

-Não... Espero ficar.

Sua tia franziu o cenho.

-Mas a casa... Está nos terrenos de... Christien Laroche... Não?

-Solange dizia que Christien ia muito pouco por ali porque preferia a cidade

-Tabby fez um esforço enorme para dizer seu nome em voz alta-. Também me disse que o imóvel era extraordinariamente grande e que a casa estava em um

extremo. Se mantiver a descrição, coisa que penso fazer, ele nem sequer saberá que estou ali.

Alison não parecia nada convencida.

-Está segura de que não quer voltar a vê-lo?

-Claro que não! -Tabby fez uma careta-. Para que ia querer vê-lo?

-Para lhe dizer o do Jake.

-Já não quero lhe dizer nada do Jake. Já passou o momento de fazê-lo - Tabby levantou a frente porque se Christien e sua esnobe família se haviam sentido ofendidos por sua mera presença, a existência de seu filho só teria aumentado a ofensa e o desprezo-. Jake é meu e nos arrumamos bem.

Alison não disse nada porque não estava convencida e sabia quão vulnerável Tabby podia ser por culpa de seu bom coração e sua natureza confiada. Sempre se havia sentido muito protetora com a única filha de seu defunto irmão e também tinha sido consciente do perigoso efeito que tinha sua sobrinha no sexo contrário. Tabby tinha o cabelo loiro com mechas de cor caramelo, os olhos verdes, covinhas e uma figura incrível que parecia um relógio de areia. A única qualidade que sobrava ao Tabby era um atrativo sexual que causava estragos.

Quando ia pela rua, os homens não podiam deixar de olhá-la e se sabia que tinha provocado algum acidente de carro. Em realidade, parecia como se a má sorte perseguisse o Tabby, disse-se tristemente Alison ao pensar no amontoado de desgraças que tinha havido na vida de sua sobrinha durante os últimos anos. Mesmo assim, Tabby se metia nos assuntos mais desatinados e, embora os resultados eram desastrosos muitas vezes, seguia sendo uma otimista incurável.

Teve-o presente e Alison posou seus olhos cinzas e cheios de nervosismo em quão jovem tinha diante.

-Não queria resultar uma desmancha-prazeres, mas me parece que não tiveste em conta quanto caro é manter uma casa de férias em outro país.

-Como! Não estou pensando em que seja minha casa de férias. Isso era o que estava pensando? -Tabby riu-. Falo de viver ali; de que Jake e eu comecemos uma nova vida na França.

Sua tia, atônita, olhou-a fixamente.

-Mas... Não pode fazer isso...

-Por que? Posso fazer minhas miniaturas em qualquer sítio e as vender por Internet. Já estou me fazendo uma base de clientes e o que pode haver mais

inspirador que a paisagem francesa? -Tabby transbordava entusiasmo-. Já sei que no princípio passarei alguns apuros econômicos, mas como sou proprietária da casa, tampouco necessitarei muitos ganhos para sair adiante. Jake tem a idade perfeita para ir a outro. País e aprender outro idioma...

-Pelo amor de Deus! Está fazendo todos esses planos e nem sequer viu a casa -exclamou Alison.

-Já sei -Tabby sorriu-, mas a semana que vem vou tomar o transbordador para ir vê-la.

-E se for inabitável?

Tabby ficou muito reta.

-Já o pensarei quando a vir.

-Parece-me que não está sendo prática -disse Alison com um tom mais acalmado-. Viver no estrangeiro pode parecer muito emocionante, mas tem que pensar no Jake. Na França não tem família, não há ninguém que possa te ajudar se tiver que trabalhar ou cai doente.

-Mas estou desejando ser independente.

Primeiro Alison se sentiu surpreendida e logo doída.

Ao Tabby não a afetou porque sabia que era seu argumento mais convincente.

-Alison, tenho seguir adiante por meus próprios meios, tenho vinte e um anos.

Sua tia se levantou e começou a recolher os pratos do jantar com as bochechas ruborizadas.

-Entendo-o, mas não quero que queime suas naveas e logo te dê conta de que cometeste um engano.

Tabby ficou sentada e pensou em todos os enganos que tinha cometido. Jake entrou correndo pela porta da cozinha e se jogou em seus braços. Com a respiração entrecortada e entre risadas, o menino se sentou no joelho de sua mãe e lhe deu um abraço.

-Quero-te, mamãe -disse alegremente.

Ela o abraçou com força. Quase todo mundo era muito considerado para dizer-lhe mas ela sabia que todos pensavam que Jake tinha sido seu maior engano. Entretanto, quando sua vida se torceu, só a perspectiva de ter aquele bebê lhe tinha dado força para seguir adiante e a confiança em que o futuro seria mais feliz. Christien tinha sido como um sol em sua vida e, quando saiu dela, fez-se uma escuridão eterna.

Alison se voltou da pia para olhar a sua sobrinha com o cenho franzido.

-Antes de que devesse viver aqui, eu trabalhava com um tipo chamado Sejam Wendell. adorava a França e foi se viver a Bretanha onde pôs uma agência imobiliária. Ainda nos felicitamos por Natal, posso chamá-lo e lhe pedir que te ajude enquanto está ali.

O gesto de preocupação do Tabby deu passo ao de surpresa.

-Já sei, já sei... -continuou Alison-. Não deveria me colocar onde não me chamam, mas, faz por mim, deixa que Sejam te ajude. Morreria da preocupação.

-Mas, no que vou necessitar ajuda exatamente? -perguntou Tabby com tom decaído.

-Bom, de entrada, terá que tratar com o notário e seguro que terá que fazer papelada. Seu francês é muito elementar e possivelmente não seja suficiente.

Tabby sabia que seu conhecimento do idioma era escasso, mas não gostava da idéia de ter que depender de um desconhecido. Entretanto, a verdade era que nesse momento não podia concentrar-se no que lhe resultava um problema mínimo quando o passado ocupava toda sua cabeça.

Enquanto ajudava ao Jake a deitar-se, as lembranças, dolorosos e estimulantes, arrastaram-na a quatro anos antes, ao verão que já lhe parecia como se tivesse passado fazia um século...

Podia recordar que durante toda sua infância, sua família e seus três amigos mais íntimos, os Stevenson, os Ross e os Tarbert, tinham ido a Dordoña de férias e tinham alugado uma casa o suficientemente grande para as quatro famílias. Os Stevenson tinham uma filha, Pippa, que era de sua mesma idade e sua melhor amiga. Os Ross tinham duas filhas, Hilary, que era seis meses menor, e Emma. Os Tarbert só tinham uma filha, Jen. Quando Pippa, Hilary, Jen e ela eram muito pequenas, foram às atividades da mesma igreja e suas mães se fizeram amigas. Mais tarde, as distintas famílias se mudaram a diversos sítios, mas mantiveram a amizade e as férias na França.

Entretanto, no outono de seus dezesseis aniversários, sua vida feliz e tranqüila, que ela tinha tido por segura, esfumou-se sem prévio aviso. Sua mãe morreu pelas complicações de uma gripe. Seu pai ficou destroçado pela repentina morte de sua mulher, mas seis meses depois voltou a casar-se sem comentá-lo com ninguém. Lisa, sua segunda mulher, tinha sido a recepcionista

loira e de vinte e dois anos que tinha trabalhado em seu concessionário de carros. Tabby ficou tão atônita como todo mundo.

Quase da noite para o dia, seu pai se converteu em um desconhecido que se vestia como se fora muito mais jovem e que se comportava como se também o fora. Já não lhe dedicava tempo a sua filha porque sua noiva tinha ataques de ciúmes se lhe emprestava atenção. Para contentar a Lisa, comprou outra casa e se gastou uma fortuna. A Lisa desgostou Tabby desde o começo e lhe deixou muito claro que era terceira em discórdia e que isso a incomodava.

Naturalmente, aquele verão Lisa não tinha querido ir de férias a França com os amigos de seu marido, mas, por uma vez, seu pai se manteve firme.

Lisa, cheia de ressentimento, não fez nenhum esforço por encaixar e se vangloriou por assombrar aos amigos de seu marido com seu comportamento. Ela, uma adolescente hipersensível, morreu-se de vergonha mil vezes e evitou na medida do possível a companhia dos adultos.

Além disso, por desgrça, também se havia sentido como uma estranha em companhia da Pippa, Hilary e Jen. Suas amigas com seus lares, seus pais sãs e salvos e sua inocência, pareciam com anos luz dela. Ela se tinha mantido fiel a seu pai e não havia dito a ninguém o quanto desgrçada e só que se sentia. Então viu o Christien e tudo e todos os que a rodeavam deixaram de existir.

Foi ao segundo dia das férias. Ela estava sentada em uma mureta do sonolento povoado que havia perto da granja enquanto ruminava a humilhação de que Lisa a tivesse chamado «pequeno inseto repugnante» diante dos espantados pais da Pippa. Então, um precioso carro esportivo amarelo deu a volta à esquina como um animal rugente e se deteve na rua a uns metros dela.

Um homem muito alto e atlético com óculos de sol se baixou e foi a terraço do café. Levava uma camisa branca descuidadamente arregaçada e umas calças de algodão cor marrom clara. sentou-se em uma mesa, deu-lhe um bilhete ao filho do dono, e este foi à loja que havia ao lado para comprar o periódico. Tinha-o feito com tanta elegância, que ela não perdeu detalhe de nenhum de seus movimentos.

O dono do bar o saudou com um respeito quase reverente e voltou a limpar a mesa que já estava pronta. Levaram-lhe o café e o inevitável croissant com uma deferência indisimulada e logo o periódico. A cena lhe tinha parecido tão francesa, que ela estava fascinada. Então, Christien se pendurou os óculos de sol do bolso da camisa. Ela não podia apartar o olhar daquela cara magra e bronzeada; do cabelo negro que lhe tampava a frente; dos impressionantes

olhos escuros como a noite mais fechada. O coração lhe pulsava com tal força, que logo que podia respirar.

Ele a olhou um instante e ela ficou hipnotizada, apanhada, enrolada por uma tormenta. Foi como se o amor a tivesse atravessado como um raio súbito e certo. Ele voltou a concentrar-se no periódico. Ela voltou a olhá-lo e a deleitar-se com a mera contemplação de sua perfeição grácil e bronzeada. Ao cabo de um tempo, ele voltou a cruzar a rua, montou-se no carro e se afastou lentamente, o suficientemente devagar para poder olhá-la com calma desde detrás dos cristais escuros do esportivo

-Quem é? -tinha-lhe perguntado ela ao jovem que ia limpar a piscina da granja..

Ele não entendeu a arrebatada descrição que fez do Christien, mas sim a do carro.

-Christien Laroche. Sua família tem uma vila na colina. Tem mais dinheiro que um banco.

-Está casado?

-Deve estar brincando, as mulheres o rifam. Por que o pergunta? Crie que tem alguma oportunidade? Para um homem como ele, você é um bebê -burlou-se.

Ao recordá-lo, Tabby fez um esforço por voltar para presente, mas lhe chateava ter pensado no Christien. A herança do Solange lhe tinha feito voltar a pensar em coisas que lhe tinham ensinado umas lições que lhe tinham vindo muito bem. Agasalhou ao filho do Christien e o sorriu com carinho. Gostasse não, Jake era como seu pai em miniatura.

Entretanto, se ela podia fazer algo, Jake nunca consideraria as mulheres como troféus sexuais.

Uma semana depois, Tabby vendeu a única coisa valiosa que conservava: um alfinete com diamantes para o cabelo que Christien lhe tinha agradado. Não lhe doeu nada desprender-se dele porque não o tinha usado nunca e não levava uma vida em que os alfinetes com diamantes fossem muito úteis. Adorou comprovar que valia muito mais dinheiro de que tinha imaginado. Pôde comprar uma velha caminhonete de transporte e ficou dinheiro para pagar a viagem ao outro lado do Canal da Mancha. Alison a convenceu de que fizesse sozinha a primeira viagem e deixasse a seu filho durante um comprido fim de semana. A casa de campo certamente estaria suja e as nuvens de pó não seriam muito boas para o asma do Jake.

Uma semana antes da viagem, Tabby acabava de voltar de deixar ao Jake na creche e estava tomando o café da manhã quando bateram na porta. Foi abrir com meia torrada na mão. Teve que levantar a cabeça para ver o homem moreno vestido com um traje cinza que havia diante dela e a torrada lhe caiu da impressão.

-Te teria chamado por telefone para te avisar de que pensava vir, mas o número de sua tia não aparece na lista. -sussurrou Christien com uma voz cristalina.

Tabby se tinha ficado sem fôlego. Seu maravilhoso acento lhe percorreu o espinho dorsal como se a tentasse a algo escuro e proibido. Seus sentidos ficaram em estado de máxima alerta e não podia apartar os olhos daqueles rasgos magros e exóticos. Sem saber bem o que fazia, deu um passo atrás, como se sentisse inconscientemente ameaçada. Uma ameaça lhe apaixonem, entretanto, uma ameaça deliciosa, uma dessas ameaças que atraía a tudo o que ela tinha de débil e voluptuosa. O estava inclusive mais irresistível do que ela recordava e, por muito que a espantasse, seu coração lhe pulsava como uma perfuratriz.

Entretanto, não podia acreditar-se que Christien Laroche estivesse diante dela, que estivesse a ponto de entrar na casa do Alison, nem sequer, que se dignasse a lhe falar. Não podia lhe parecer real.

Tabby tinha os olhos cravados nele. A última vez que se viram, ele a tinha tratado com um desprezo que a tinha atravessado como uma faca, uma faca que devia estar envenenado porque a dor não terminou então. Ela se tinha aborrecido por amá-lo, desprezou-se pelo desejo que não podia sufocar e tinha sentido lástima de si mesmo por procurar os rasgos do Christien no inocente rosto de seu filho.

-O que faz aqui? -perguntou-lhe Tabby com um fio de voz.

Ele entrecerrou os olhos e esboçou um leve sorriso que suavizou sua boca grande e viril enquanto fechava a porta detrás de si, apropriou-se de todo o espaço, e o vestíbulo da casa do Alison se reduziu a umas proporções claustrofóbicas. Era muito mais alto, mais forte e mais impressionante que o que ela se permitiu recordar. Também era extraordinariamente bonito e sabia perfeitamente. Era o tipo de homem do que ela deveria haver-se mantido afastada. Não tinha tido a sensatez de afastar-se e, para sua vergonha eterna, deitou-se com ele às poucas horas de conhecê-lo, o qual era um motivo de tortura constante.

-Vim a te fazer uma oferta que não pode rechaçar.

-Ah, claro que posso rechaçá-la... Rechaçaria algo que me oferecesse!

Tabby o disse tão fogosamente como se lhe tivesse devotado os sete pecados capitais envoltos em celofane.

Christien a observou sem alterar o gesto. Olhou-lhe a juba cor caramelo, os olhos como brasas e as sardas que tinha nos maçãs do rosto, mas o olhar se entreteve na boca carnuda, vulnerável e delicada. Só tinha que olhar aqueles lábios para recordá-los sobre sua pele nua. Seu corpo o traiu e se endureceu como uma reação foto instantânea. Ele recordou que nenhuma mulher lhe tinha dado tanto prazer, mas que ela também, a suas costas, tinha ido em uma Harley Davidson com um tipo qualquer. Notou que a ira se apoderava dele.

-Quer apostar algo, chérie? -perguntou-lhe com um tom lento e arrebatador.

Capítulo 2

EU não arrumado sobre seguro e não te convidei a entrar! -o rosto do Tabby estava avermelhado de ira pela insolência do Christien, Ninguém, absolutamente ninguém, podia ser insolente tão bem como Christien Laroche. Com a arrogante cabeça muito alta, podia arquear sarcásticamente uma sobrancelha e conseguir que a gente se sentisse diminuta. Era um talento que lhe vinha de ser o último de uma dinastia com várias centenas de anos de antigüidade em que cada um de seus membros se considerava alguém excepcional. Christien, seguro de si mesmo até um grau intimidador, sabia que era mais inteligente que a maioria e não se podia dizer que lhe sabê-lo fizesse mais humilde.

-Mas você não sabia me negar nada, Ma belle... -replicou-lhe Christien sibilina e delicadamente.

Tabby vacilou e fechou os punhos enquanto ele seguia olhando-a como se só fora carne humana coberta com o pôster de seu prego. Seu impertinente olhar se deteve sobre os firmes peitos que tampavam uma camiseta vermelha e desbotada e Tabby se sentiu mais tensa ainda. Seu corpo estava cedendo sob o prendedor como reação a seu repasse visual. Notou que os mamilos lhe erguiam e se deu a volta para ir-se precipitadamente ao salão.

Logo que podia pensar com clareza. Christien tinha tido sempre esse efeito nela, mas se sentia humilhada. Como podia discutir com ele? Nunca tinha podido lhe negar nada nem tinha querido. Tinha estado escravizada. Embora era virgem quando o conheceu, ele tinha conseguido lhe tirar a luz uma lascívia que ela desconhecia. Ele era o único homem do mundo ao que nunca deveria ter conhecido porque sabia que com ele estava indefesa.

Christien não estava disposto a seguir comprovando o efeito que lhe produzia aquela camiseta que se atia a seu generoso peito. Soprou ligeiramente com ire de chateio ao dar-se conta de que estava perguntando-se como reagiria ela se a agarrava sem pensá-lo, como fez uma vez. Ficou a um par de metros da tentação. Recordou-se que ela não era formosa. Tinha um nariz um pouco

grande, uma boca bastante larga e era muito baixa para ser elegante. Entretanto, em conjunto, se acrescentava as sardas e as covinhas que adornavam seu sorriso esplendoroso, parecia-lhe tão formosa, que ele tinha querido lhe pôr um véu como a uma mulher árabe e encerrá-la em uma torre do Duvernay para poder vê-la e desfrutá-la só ele. sentiu-se desconcertado ao recordar o sentido de posse primitivo que lhe tinha inspirado.

-Eu gostaria de comprar a casa e o terreno que te deixou minha tia avó - disse Christien friamente.

Tabby empalideceu. Olhou fixamente aos tablones do chão e fez um esforço para não deixar-se dominar por uma sensação absurda de ofensa e rechaço. Por que se não ia ter ido ver a depois de tanto tempo? Ele nem sequer podia suportar que ela fora a proprietária de uma parte minúscula das terras dos Laroche. Tabby pensou com amargura que o sentia por ele.

-Não tenho interesse em vendê-la -replicou Tabby com firmeza-. Evidentemente, sua tia avó queria que ficasse a casa de campo...

-Mais pourquoi... Mas, por que? -perguntou-lhe Christien-. Não o entendo.

Tabby não pensava lhe dizer que ela acreditava que sua tia avó tinha sentido lástima dela porque lhe tinha destruído o coração. Ou que, em sua opinião, a anciã se identificou tanto com ela porque tinha passado por alguma experiência parecida.

-Acredito que terá sido um capricho... Era uma pessoa encantadora - improvisou com certa tensão porque lhe teria encantado ter tido a ocasião de voltar a ver a anciã.

-Na França -Christien voltou a utilizar um tom profundo-, não se acostuma a deixar nada, nem sequer uma parte mínima de terreno, a alguém que não seja da família. Estou disposto a te pagar um preço muito superior ao de mercado para recuperar essa casa de campo.

Tabby se sentia dominada por uma ira carregada de ressentimento, mas tentou conservar a calma. Desgraçadamente, isso começava a ser muito complicado desde que tinha descoberto o verdadeiro motivo da visita do Christien. Fazia três anos, Christien se tinha negado a lhe conceder a possibilidade de falar um momento a sós com ele, apesar de suas súplicas humilhantes, e ela acreditava que nunca o perdoaria. Entretanto, nesse momento, o mesmo homem imensamente rico estava disposto a ir visitar a por uma casa de campo que sua tia avó só utilizava para comidas campestres. Ao Tabby pareceu que era espantosamente cruel e insensível.

Em qualquer caso, ela podia ser uma intrusa, mas seu filho sim tinha direito a aquela casa. O nascimento ilegítimo do Jake lhe tinha deixado à margem do círculo daquela família, mas tinha sangue Laroche. Além disso, Solange Rousell não lhe tinha deixado a casa de campo com a idéia de que a vendesse ao Christien sem havê-la visto. Parecia-lhe que vender sua herança imediatamente era um desprezo e um desagradecimento à memória do Solange.

-Não a venderei -Tabby levantou a cabeça e se encontrou com o penetrante olhar do Christien.

Imediatamente, sentiu que o ventre lhe abrasava e que cada centímetro de seu corpo captava fisicamente a virilidade que para ela era um tortura insuportável.

-Primeiro, olhe o cheque -propô-lhe ele arrastando as palavras com seu acento ligeiramente francês que ressaltava os ângulos de seus maçãs do rosto.

Tabby piscou pela surpresa e se deu conta de que tinha deixado um cheque sobre a mesa que havia diante da janela. Ela tinha a mente em branco.

-Toma o cheque e te convidarei a comer.

Christien a desejava e se perguntava se conseguiria sair daquela casa sem deixar-se arrastar pela tensão sexual que flutuava no ambiente.

Quantas vezes tinha ouvido o mesmo? Quando esteve com ele, a quantas comidas e jantares a tinha convidado sem ir a nenhuma? Não tinham podido resisti-lo suficiente para chegar ao restaurante. Uma vez acabaram em um estacionamento. Outra vez deram meia volta na estrada entre risadas e maldições pelo desejo que ele sentia. Enquanto estiveram juntos, ela tinha perdido mais de seis quilos e se havia sentido afortunada de poder saquear a geladeira da vila enquanto ele estava dormido.

-Tentarei te convidar a comer... -Christien corrigiu a frase.

Os olhos lhe brilhavam debaixo das entupidas pestanas que havia entrecerrado sensualmente e esboçava um sorriso que subtraía seriedade a sua boca perfeita; ele também estava lembrando-se daqueles momentos.

Esse sorriso fez que Tabby recordasse sua dor e não pôde seguir olhando-o. Uma vez livre de seu olhar hipnotizadora, cruzou-se de braços com uma repentina sensação de frieza e temor.

-Não, obrigado... Por favor, toma seu cheque e marcha lhe -disse-lhe entrecortadamente.

Tabby piscou pela surpresa e se deu conta de que tinha deixado um cheque sobre a mesa que havia diante da janela. Ela tinha a mente em branco.

-Toma o cheque e te convidarei a comer.

Christien a desejava e se perguntava se conseguiria sair daquela casa sem deixar-se arrastar pela tensão sexual que flutuava no ambiente.

Quantas vezes tinha ouvido o mesmo? Quando esteve com ele, a quantas comidas e jantares a tinha convidado sem ir a nenhuma? Não tinham podido resisti-lo suficiente para chegar ao restaurante. Uma vez acabaram em um estacionamento. Outra vez deram meia volta na estrada entre risadas e maldições pelo desejo que ele sentia. Enquanto estiveram juntos, ela tinha perdido mais de seis quilos e se havia sentido afortunada de poder saquear a geladeira da vila enquanto ele estava dormido.

-Tentarei te convidar a comer... -Christien corrigiu a frase.

Os olhos lhe brilhavam debaixo das entupidas pestanas que havia entrecerrado sensualmente e esboçava um sorriso que subtraía seriedade a sua boca perfeita; ele também estava lembrando-se daqueles momentos.

Esse sorriso fez que Tabby recordasse sua dor e não pôde seguir olhando-o. Uma vez livre de seu olhar hipnotizadora, cruzou-se de braços com uma repentina sensação de frieza e temor.

-Não, obrigado... Por favor, toma seu cheque e marcha lhe -disse-lhe entrecortadamente.

Tabby olhou para outro lado e se perguntou por que estava consentindo que a fizesse sentir-se como se fora menos que ele.

-Em qualquer caso -acrescentou Christien com certo tom depreciativo que certamente era fruto de sua camiseta descolorida e os jeans desgastados me parece que o dinheiro te viria muito melhor.

-Por que sabe? Não sabe nada de mim! -Tabby se voltou cheia de fúria.

Christien a olhou pensativamente. Pela primeira vez, ela não tinha duvidado em fazer exatamente o que ele queria.

-Ao contrário, sei muitas coisas de ti que preferiria não saber - contradisse-lhe ele com certa aspereza-. Que é uma mentirosa compulsiva...

-Não o sou. Só disse uma mentira. Nunca me perguntou a idade!

Tabby tinha as bochechas congestionadas.

Christien a olhou com um desprezo evidente.

-Que não pode te responsabilizar de seus atos...

-Te cale!

-E segue perdendo a cabeça quando lhe dizem seus defeitos...

-Crê que é tão perfeito? -vaiou-lhe Tabby presa da ira.

-Não, eu não fui perfeito, ma belle -concedeu-lhe Christien com um sussurro aveludado e os olhos cravados nos dela-. Mas eu nunca, nem quando estava mais desenfreado, tive dois amantes de uma vez. Foi repugnante que te deitasse com o tipo da Harley Davidson enquanto eu estava em Paris... E foi uma ofensa que eu não podia passar por cima.

O silêncio estava carregado de hostilidade.

Tabby olhava seu rosto magro e varonil com os olhos como pratos pela incredulidade.

-Repete isso... Eu... Eu não fiz o que há dito, eu não fiz nada com um tipo com uma Harley!

-Isso sim que é bom! A mentirosa compulsiva ataca de novo -burlou-se Christien com uma careta.

Christien, afligido pela humilhante lembrança, passou junto a ela e saiu ao vestíbulo.

Tabby ficou parada na porta do salão sem dar crédito ao que tinha ouvido.

-Realmente pensou que te tinha sido infiel? Como pôde pensá-lo?

-Se comigo foi fácil, por que não foste ser o com outro? -Christien a olhou com uma insolência mesclada com desprezo e animosidade-. Além disso, sejamos sinceros, cinco dias sem uma relação sexual era muito tempo para ti.

-Não te perdoarei que me tenha falado assim...

-Não quero seu perdão.

Em realidade, Christien acreditava que o perdão, inclusive em seu aspecto mais mínimo, era muito perigoso para seus interesses.

Tabby Burnside só era um problema. Não tinha princípios. Que isso o atraía era algo que ele não devia fomentar. Ela aceitaria o cheque, naturalmente. Não obstante, se terei que seguir negociando, deixaria o assunto em mãos de seu advogado em Londres. Ao fim e ao cabo, ele ia casar-se com o Veronique, que era uma mulher formosa, honrada e digna de confiança. Seria uma mulher excelente. Acabaria sendo pai e um neto levantaria o ânimo de sua mãe. Acaso não se comprometeu sobre tudo por isso? Sua aliança com o Veronique não estaria dominada pelo sexo desenfreado, as discussões e os furiosos ataques de sentimentalismo. Isso era uma bênção, disse-se Christien.

Tabby ficou com o olhar perdido durante muito tempo depois de que se fora Christien. O tipo da Harley Davidson...? Referiria-se ao Peter, o estudante inglês? Peter e dois seus amigos estavam acontecendo o verão perto. Pippa e

Hilary se feito amigas deles e Tabby tinha saído com o Peter em sua moto quando Christien estava em Paris, mas isso tinha sido tudo. Por que a tinha acusado de deitar-se com ele? Como pôde acreditar que ela ia comportar se assim? Como pôde acreditar isso quando estava tão evidentemente louca por ele?

Tabby voltou a retroceder no tempo e a reviver outra vez aquele verão. Depois da primeira vez que tinha visto o Christien, tinha vivido em um sonho no que só estavam eles dois. Sua madrastra tinha deixado de ser tão desagradável quando ela decidiu ficar na granja enquanto outros saíam de noite. Tinha desfrutado da intimidade e da tranquilidade de banhar-se nua na piscina de azulejos azuis. Ainda recordava o frescor da água sobre sua pele reaquecida. Um dia, ao princípio da segunda semana, foi a eletricidade enquanto estava banhando-se. Ouviu que um carro estacionava na porta da casa e se agasalhou com uma toalha para tentar encontrar sua habitação na labiríntica casa. Deu é obvio que todos haviam tornado antes e foi à porta, mas se encontrou ao Christien com uma lanterna.

-Vi que se foi a luz e tenho suposto que estaria aqui sozinha. Jantar comigo, chérie -sussurrou-lhe ela.

-Mas... Há um blecaute.

-Temos um gerador.

Ela ficou parada, estalando os dentes pelos nervos e com o cabelo empapado.

-Estou molhada...

-Quer que te seque?

-Tenho que me vestir.

-Por mim, não se preocupe -o olhar zombador, meio velada pelas exuberantes pestanas negras, cravou-se em seu rosto ardente-. Seguro que não tem muito calor com essa toalha?

-Nem sequer sabe como me chamo.

-Neste momento não me importa.

-Tabby -disse ela lhe balbuciem e afligida pela intensidade de seu olhar.

-Não te pega um diminutivo, embora seja mais baixa do que pensava - confessou-lhe Christien enquanto a iluminava com a lanterna-. Sua pele é fantástica. Não te maquie; detesto-o.

Para o Tabby sua aparição tinha sido como se feito realidade um sonho e estava aterrada de que pudesse desaparecer enquanto se vestia. Tinha-lhe deixado a lanterna e lhe havia dito que a esperaria no carro.

-Não sei como te chama -disse-lhe ela quando se montou no carro.

-Naturalmente... Claro que sabe -contradiu-lhe ele com uma confiança desconcertante.

-De acordo... O perguntei a um do povoado. -balbuciou Tabby.

-Não esbanje seus melhores ardis comigo, conheço-me isso todas e a sinceridade é mais estimulante.

-Não te conheço... Não deveria me montar em um carro contigo -exclamou Tabby, que subitamente se sentiu perdida junto a ele.

-Em troca, eu tenho a sensação de te conhecer muito bem, ma belle. Há quatro noites, vi como te despia e te banhava na piscina.

Tabby ficou atônita ao comprovar que seus banhos não tinham sido tão íntimos como ela pensava.

-Como diz...?

-Não seja afetada. Avaliação a decisão e a iniciativa em uma mulher. Também admiro a mulher que sabe o que quer e o persegue -Christien soprou com intimidade-. A estratégia foi muito efetiva... Aqui me tem.

Seu pasmo e seu abafado se debatiam com a satisfação por seu aparente respeito do que tinha interpretado como um intento de chamar sua atenção. A tentativa de passar por uma mulher com iniciativa triunfou sobre o sentido comum. Não lhe exigiu airadamente que lhe explicasse como tinha podido vê-la em uma piscina que estava rodeada por um muro nem lhe tinha perguntado como tinha cansado tão baixo para espiá-la. Tampouco lhe contradisse a hipótese carregada de arrogância de que ela tinha feito todo o possível por conquistá-lo e, ao final, ocultar-se detrás dessa imagem falsa de si mesmo foi seu primeiro engano com o Christien.

Não havia um grande mistério no motivo pelo que se deitou com o Christien a primeira vez que saíram. Estava tão impressionada de jantar a sós com ele naquela vila incrível, que logo que provou bocado, mas sim bebeu três copos de vinho. Tampouco tinha muitas possibilidades de resistir a alguém com sua experiência na sedução. Em realidade, foi um caso perdido assim que a beijou pela primeira vez porque ninguém podia beijar como Christien.

-Estou louco por ti... -Christien tomou em vela e deu uma volta.

Fez-o de uma forma natural, como se ela não fora essa gordinha a que desprezava sua madrasta dizendo que estava ao bordo da obesidade. O teria adorado só por isso, por elevá-la no ar sem soprar pelo esforço.

-Enfeitiça-me -jurou-lhe Christien.

Ela se sentiu tão adulada, que tentou lhe ocultar a dor que havia sentido a primeira vez que fizeram o amor e ela perdeu a virgindade sem que ele o notasse. Quando ele suspeitou que para ela as coisas não tinham ido tão bem como ele, tinha esperado, ela fingiu que ia se dormir pela vergonha.

Para ela nunca se tinha tratado de uma questão meramente sexual porque a primeira vez que foi se dormir em seus braços ela esperou com toda sua alma que ele não queria fazer o que já tinham feito tantas vezes. Em metade da noite, ela se sentou no bordo da cama e acendeu a luz.

-Aonde vai? -perguntou-lhe ele.

-Mmm...Me volto -balbuciou Tabby que estava espantada ante a idéia de que Pippa pudesse haver dito que não estava na habitação que compartilhavam.

-Não quero que vá, mas... Ciel! -exclamou Christien-. No que estava pensando? É uma loucura que fique. Sua família é muito liberal?

Seu pai o teria matado com um tiro sem pestanejar, mas reconhecê-lo não teria ficado nada bem. Ele ficou desconcertado quando ela se negou a que a levasse de carro e ela ficou mais espantada ainda quando ele se empenhou em acompanhá-la andando.

-Podemos ficar amanhã para tomar o café da manhã? -perguntou-lhe ele.

-Tentarei escapar na comida...

-Tentará? Não te gostou?

Christien esboçou um sorriso de desolação que resultava irresistível. Lhe doía fisicamente afastar-se dele.

Quando entrou pela janela da habitação, Pippa estava completamente acordada.

-Tornaste-te louca? -vaiou-lhe seu amiga com um tom cheio de fúria-. Acreditava que não ia me dar conta de que te aconteceste toda a noite com esse tipo do carro esportivo?

-Como te deste conta?

-Só tive que me fixar em como o espiava de uma janela do piso de acima. Estava preocupadíssima e não sabia se dizer-lhe a meus pais -reprovou-lhe Pippa cheia de fúria-. O que te está passando? Não volte a me pôr em uma situação assim!

O que lhe tinha passado aquele verão? Perguntou-se Tabby com certa vergonha. Felizmente, não voltou a ser tão temerária. Pippa, molesta por seu comportamento com o Christien, foi ao quarto do Jen. Sua necessidade dele tinha sido devoradora, seu amor absoluto e nada nem ninguém lhe importava. Só queria viver e respirar por ele. Dormia durante o dia e, como um vampiro, só cobrava vida quando ficava o sol.

Tabby, com os olhos transbordantes de lágrimas, olhou o cheque que tinha deixado Christien e o fez mil pedaços. Nem sequer tinha chegado a ver quanto estava disposto a pagar pela casa da França. Ele não queria que fora a França, mas ela já o tinha organizado tudo. Como tinha podido dar por sentado que poderia comprá-la e obrigá-la a fazer coisas que não queria fazer? Como se atrevia a chamá-la mulher fácil em sua cara? O a tinha traído, mas, claro, não lhe tinha feito nenhuma promessa de fidelidade. Como tampouco lhe tinha falado da impressionante noiva loira que tinha em Paris.

Iria à casa de campo do Solange e ficaria todo o tempo que quisesse. Seria um gesto de respeito para uma mulher encantadora que, desgraçadamente, não tinha chegado a conhecer bem. Possivelmente, ao final do verão considerasse se algum sítio dos arredores do Duvernay era o melhor para começar uma vida nova com seu filho, mas quanto ao Christien Laroche, seria melhor que se separasse de seu caminho desde esse momento.

Capítulo 3

SEJAM Wendell, um homem loiro, de uns trinta anos, com olhos azuis e um sorriso muito atrativo, acompanhou-a até o estacionamento do povoado. Soltou um grunhido quando se deu conta da hora que era.

-Vou ter que te deixar aqui. Tenho uma entrevista com um cliente.

-Não se preocupe. Ajudaste-me muito... E obrigado pelo café -disse-lhe Tabby sinceramente.

O antigo colega de sua tia tinha resultado ser uma verdadeira mina de ouro quanto a conhecimento de todo tipo de assuntos locais.

Apesar de que ia atrasado, Sejam a acompanhou até a velha caminhonete carregada com seus pertences.

-Não tente descarregar as coisas você sozinha -disse-lhe com certo tom imperativo enquanto ela se montava-. Eu me passarei esta tarde e te darei uma mão.

-Agradeço-lhe isso muito, de verdade, mas eu a carreguei e poderei descarregá-la.

Estava ruborizando-se pelo olhar apreciativo de Sejam. Ficou em marcha e se despediu com a mão. Gostava, mas esperava que tivesse captado que adoraria ter um amigo e nada mais.

Eram as quatro horas de uma calorosa tarde de junho. Tinha demorado pouco no porto e a destreza de Sejam com o idioma tinha acelerado os trâmites com o notário. Já estava a uns vinte quilômetros de seu destino final. Entretanto, ao sair do Quimper, viu um escapar encho de cerâmica de cores que recordou a sua infância. Sua mãe tinha colecionado essa cerâmica e todos os anos acrescentava uma peça mais a estanteria que tinha na cozinha. Pouco antes de que se mudassem à casa nova, Lisa, sua madrastra, desfeito-se da coleção e de tudo o que pudesse ter alguma relação com a primeira mulher de seu marido. Depois da morte de seu pai, Tabby lamentou muito não ter nada que mantivera vivo a lembrança de seus pais.

Estava atravessando Bretanha para reclamar sua herança e lhe resultava impossível não lembrar-se de que o sonho de sua mãe tinha sido ter uma casa

na França. Naturalmente, quando reconheceu a casa de campo de dois pisos com partes de madeira, estava na melhor disposição para sentir-se emocionada e que gostasse de tudo o que via.

A porta principal de sua nova casa dava a uma grande habitação com uma chaminé de granito e vigas vistas. Tinha muita personalidade e Tabby sorriu. Seu sorriso se dissipou um pouco quando comprovou que a cozinha consistia em uma pia de pedra e uns fogões antigos que dava a sensação de que não os tinham aceso desde fazia séculos. As instalações do banheiro eram igual de primitivas. Entretanto, a outra habitação que havia no piso de abaixo foi uma surpresa muito agradável. Era um alpendre acristalado muito luminoso que lhe serviria muito bem como estúdio para trabalhar. No piso superior havia duas habitações com um sótão. Abriu as janelas para que se arejassem e voltou a descer pelas escadas de carvalho para sair da casa.

O jardim tinha umas vistas maravilhosas, um horta e um riacho precioso. Jake desfrutaria muitíssimo ali, disse-se Tabby. Já tinha visto tudo o que tinha que ver e decidiu que tinha que analisar objetivamente sua herança. Christien havia dito que era uma casita do verão muito elogiada e tinha toda a razão porque não havia calefação central, nenhuma cozinha ou um banheiro em condições. Também tinha esperado que tivesse havido alguns móveis que completassem o pouco tinha ela, mas além de um par de cadeiras de vimes na habitação acristalada, a casa estava completamente vazia. Por outro lado, o telhado e as paredes pareciam sólidos, seus gastos de manutenção seriam mínimas e, quando tivesse uns ganhos aceitáveis, poderia pôr alguns adornos.

Cada vez estava de melhor humor. Sentou-se debaixo de uma árvore e comeu algumas costure que tinha comprado nos subúrbios do Quimper. Uma vez satisfeita a fome com meia barra de pão cheia de tomates e presunto, ficou umas calças curtas e uma camiseta e se dispôs a limpar a habitação onde pensava dormir essa noite. Uma hora depois, quando tudo estava completamente limpo, baixou a cama da caminhonete. A cabeceira e o pé eram de madeira e levá-los até a habitação não foi uma tarefa fácil. Estava fazendo um último esforço para subir o colchão quando ouviu que batiam na porta da casa que estava entre aberta. Quase o tinha conseguido e se agarrou a ele enquanto tentava recuperar o fôlego. Estava decidida a não soltá-lo e estirou o pescoço para tentar ver quem estava na soleira da porta, mas era impossível.

-Quem é? -perguntou com a esperança de que fora Sejam, que tinha chegado para lhe jogar essa mão que lhe tinha devotado.

-Sou eu... -uma voz masculina de tom grave e tranqüilo lhe chegou com toda claridade-. Christien.

Ela não podia vê-lo e a tinha surpreso completamente. Tabby deixou escapar uma palavra bastante ordinária. Uma palavra que não havia dito jamais e lhe chateou não poder dominar sequer sua língua. Em realidade, só queria que a tragasse a terra. Christien não podia ter eleito um momento pior para visitá-la.

Christien entrou, estirou o pescoço e se perguntou se ela estaria acima com algum homem.

-Pensa descer logo para falar comigo?

Tabby, que se sentia apanhada e estúpida, deu a volta ao colchão e tentou que acontecesse a esquina enquanto se estirava tudo o que podia para tentar ver o Christien. Entretanto, esse movimento foi suficiente para que lhe escapasse o colchão e a arrastasse escada abaixo. Deu um grito, mas não serve de nada. O bordo se chocou contra os joelhos do Christien e o desequilibrou antes de que pudesse apartar-se.

Christien caiu e apoiou as duas mãos ambos os lados da cara atônita do Tabby. Tabby recebeu o impacto de um homem de quase dois metros de alto que estava lhe esmagando a parte inferior do corpo.

-Zut alors! -Christien a olhou com fúria.

Por um instante, enquanto ela caía pelas escadas como se estivesse montada em um tapete voador de uns desenhos animados, tudo lhe tinha parecido desfocado, mas nesse momento se encontrou olhando a uns olhos dourados como pedras preciosas que adornavam uma cara masculina tão formosa que teria talhado o fôlego de qualquer mulher. Seu pequeno corpo se mantinha tenso como a corda de um violino debaixo do peso do Christien. Notou em seu peito algo tão capitalista como doloroso e lhe secou a boca. As lembranças físicas a estavam dominando e os sentidos só queriam redescobri-lo.

O aroma limpo e invocador do Christien, o mero aroma de sua pele, resultou-lhe tão imediatamente conhecido, que ela mesma se surpreendeu. Olhou seus rasgos magros e morenos e se deleitou com as sobrancelhas de ébano, o nariz reta, os proeminentes maçãs do rosto e a mandíbula firme. Logo voltou a conectar com seus impressionantes olhos e sentiu uma palpitação lenta e penetrante no mais profundo de suas vísceras. Os mamilos se endureceram de forma abafadiça debaixo da camiseta. Ela não queria sentir-se assim, logo

que podia acreditar-se que ainda reagisse dessa forma a sua virilidade primitiva e sem artifícios, mas era como se desatou toda uma cadeia de reações que já não podia deter.

Estava tremendo. Moveu um pouco os quadris para cima e separou ligeiramente as coxas para agüentar melhor seu peso. Não podia negar que o pulso que lhe tinha desbocado embora fazia todo o possível por recuperar a prudência.

-A que demônios crê que está jogando? -perguntou-lhe Christien com um tom que tentava dissimular a ereção ardente enquanto se levantava outra vez e se separava dela.

Aquelas palavras foram a perdição do Tabby. A mera insinuação de que ela tinha baixado as escadas montada em um colchão para golpeá-lo nas pernas fez que estalasse em uma gargalhada.

-Parece-te gracioso, verdade? -grunhiu Christien sem dar crédito ao que ouvia.

-A ti... Não?

Antes de que passasse um segundo, a boca ávida e ardente do Christien se apropriou da de Tabby para frear aquelas risadas quase histéricas. Era uma tentação erótica em estado puro. Uma excitação eletrizante se apoderou do Tabby pela primeira vez em quase quatro anos. A cabeça lhe dava voltas e o ar lhe queimava na garganta. A descarada introdução de sua língua na umidade de sua boca a estremeceu até o mais profundo de seu ser. - Perdeu qualquer contato com a realidade, agarrou-o e deixou de ser um casal passivo. Rodeou-lhe o corpo com os braços, acariciou-lhe as costas até alcançar os ombros e lhe aconteceu os dedos das mãos pelo cabelo negro e sedoso.

-Christien...?

-Não...

Christien se separou dela com um movimento brusco. Olhou-a com a respiração entrecortada e uns olhos como brasas douradas que ressaltavam seus rasgos selvagens e a tensão que tinha escrita em cada linha de sua cara magra e poderosa. Ficou de pé com um movimento ágil, mas necessitou de toda sua força de vontade para apartar-se dela. Dar-se conta lhe incomodou e lhe surpreendeu e, sobre tudo, desconcertou-lhe saber que o que tinha acabado com seu extraordinário domínio de si mesmo tinha sido aquela risada que tanto recordou a aquele verão.

Nunca tinha esquecido essa risada contagiosa tão característica dela; esse costume de soltar uma gargalhada no momento ou no lugar menos apropriados; essa capacidade para lhe levantar o ânimo quando o tinha baixo. Ele, um cínico solitário, tinha gozado com essa calidez, com essa tranquilidade confiada e extravagante com a que parecia amar. Christien mantinha um gesto inexpressivo. O amor que lhe tinha devotado não valia um cominho, mas o sexo tinha sido extraordinário, recordou-se com uma mescla de diversão e amargura.

-Por que o tem feito? -recreminou-lhe Tabby hesitantemente.

-Você que crie, chérie?

O tom grave e sedutor estremeceu ao Tabby.

-Não deveu fazê-lo. É água passada.

Tabby, tremendo como uma folha em meio de um furacão, levantou-se e lhe deu as costas. Os joelhos apenas a sujeitavam. Os lábios avermelhados ainda a abraçavam e quão único queria era voltar a afundar-se em seus braços para deleitar-se com seus beijos até que a espantosa sensação de perda que tinha tido por ele se evaporasse como uma má lembrança.

Entretanto, não deveria estar pensando assim de um homem que a tinha utilizado e se desembaraçou dela sem nenhum olhar. Em realidade, era aterrador reconhecer que ainda sentia esse desejo e que era tão vulnerável. Onde estavam seu orgulho e sua inteligência?

-Como soubeste que me mudava hoje? -perguntou-lhe enquanto se agachava para agarrar o colchão e pô-lo outra vez de flanco.

Alguém que sabia que ela tinha uma entrevista com o notário para recolher as chaves tinha cometido o engano de comunicar-lhe ao Matilde Laroche e esta tinha interrompido imediatamente a jornada trabalhista do Christien. Tinha deixado a sua mãe em mãos do atento médico, mas sua paciência tinha passado por uma prova muito dolorosa. Seu defunto pai só tinha ido a uma das festas campestres do Solange, por isso ele, Christien, não podia entender que sua mãe considerasse que aqueles prados descuidados fossem como terra sagrada.

-Entendo que queira jogar uma olhada a sua herança -comentou Christien com uma tranquilidade forçada-. Naturalmente, terá curiosidade, mas não posso me acreditar que esteja pensando em viver aqui.

-Por que não pode acreditá-lo?

-Impossível... Não é habitável -respondeu-lhe ele.

Tabby o olhou pela extremidade do olho. Seu traje tinha um corte impecável que lhe realçava os largos ombros, os estreitos quadris e as coxas largas e poderosas. Estava impressionante e, sem dar-se conta, o olhar dissimulado tinha deixado de sê-lo para converter-se em um olhar descarado. Ruborizou-se quando ele arqueou uma sobrancelha com um gesto de surpresa. Tabby apoiou uma esquina do colchão no último degrau e lhe lançou outro olhar.

-Não pensa me dar uma mão?- franziu o cenho como se o tivesse desconcertado.

-Naturalmente, não deve ser fácil estar em forma quando passa todo o dia em um escritório -Tabby suspirou.

Christien esboçou um sorriso amplo e completamente inesperado.

-Creio que vou tragar me um anzol tão evidente?

Tabby ficou cravada ante o arrebatador daquele sorriso que conhecia tão bem. O agarrou o colchão com suas mãos largas e fortes, subiu-o escada acima, dobrou com facilidade a esquina que tinha causado tantos problemas e se parou ante a habitação onde estava montada a estrutura da cama.

-De onde tiraste a cama? De um esgoto? -perguntou-lhe Christien.

-É velha, mas sólida.

Entretanto, a cama procedia de algo bastante parecido a um esgoto, embora não pensava reconhecê-lo. Quase todos os enfeites e móveis que tinha na caminhonete tinham chegado do desvão e a garagem de sua tia, que Alison estava esvaziando.

-Ainda não me há dito o que faz aqui -disse Tabby ao Christien enquanto se agachava para rebuscar em uma caixa de cartão até que encontrou uns lençóis.

Christien observou o lençol que estava estendendo e se deu conta de que estava cuidadosamente remendada com um tecido de uma cor levemente distinta. A visão do lençol remendado lhe surpreendeu mais do que quis reconhecer. Imaginou como uma Cinzenta sentada à luz de uma vela e estendeu as mãos com um gesto desdenhoso.

-Por que gastas suas forças nisto? Não pode viver aqui...

-Você não poderia viver aqui -replicou-lhe Tabby, que estava remetendo os lençóis para manter-se ocupada e não olhá-lo como uma colegial atordoada. Você não poderia viver sem todos seus luxos, mas eu estarei muito contente com o mais essencial...

-Essa cama é dupla... Com quem pensa compartilhá-la? -perguntou-lhe Christien de improviso.

Tabby se imaginou ao Jake, que se metia em sua cama a primeira hora da manhã e sorriu ligeiramente.

Christien se aproximou dela com o gesto tenso e os olhos brilhantes pela ira.

-Se tiver decidido viver no Duvernay, só haverá um homem em sua cama e esse homem serei eu, entende?

Tabby se ergueu para olhá-lo sem poder dar crédito ao que tinha ouvido.

-Tornaste-te louco?

-É o que queria? Por isso vieste? -ronronou Christien embora a pergunta tinha uma insolência que cortava como uma faca-. Quer retomá-lo onde o deixamos aquele verão?

Tabby lhe deu um tapa, impulsionada unicamente por uma ira profunda e incontrollável.

-Vale-te isso como resposta?

Ao Christien surpreendeu tanto o ataque físico, que retrocedeu um passo.

Seus olhos dourados refletiam uma impressão evidente e Tabby se ruborizou.

-Obrigaste-me a fazê-lo...

Christien a agarrou com força das bonecas.

-Então, terei que me assegurar de que não o volte a fazer.

Tabby tentou soltar-se, mas não o conseguiu.

-Você tem a culpa! -gritou-lhe cheia de impotência- foste um grosseiro. Estou em minha casa e tenho todo o direito a estar aqui. Se entrar nela, o mínimo é que te comporte com educação...

-Ou me violará?

Tabby seguia tentando escapar dele e notou que a cara lhe ardia pela sardônica interrupção.

-Não posso vir à França sem que pense que só vim para te perseguir?

Ele fez uma careta arrebatadora com a boca.

-Talvez quero, que me cace...

-Mas eu não quero voltar a ter nada que ver contigo...

-Não? -perguntou-lhe Christien enquanto a atraía para si.

-Não... -assegurou-lhe Tabby apesar de que o coração lhe pulsava a toda velocidade.

-Posso me comportar com muito boa educação -sussurrou Christien.

-Não quando está comigo...

-Zangaste-me...

Baixou a arrogante cabeça para lhe beijar a palma de uma mão enquanto lhe soltava a outra. Ela se estremeceu pela carícia. Ela retrocedeu no tempo. Apertou as coxas com força ao sentir que se derretia. Sentia-se sensível e inflamada e a vergonha a atravessava como um dardo. Ela era apaixonada como o era ele e isso tinha sido uma fonte de prazer e descobrimentos. Tinha acreditado que faziam um casal perfeito, mas nesse momento, quando notava que o sangue lhe fluía como lava ardente, sentia-se assustada e lhe parecia um signo de debilidade. Ela o olhava sem poder conter o desejo quase insuportável.

-Não o faça...

-Que não, faça, o que? -perguntou-lhe Christien com tom rouco-. Que não faça... Isto?

Passou-lhe a mão pelo cabelo para lhe inclinar a cabeça para trás e lhe roçou o lábio inferior com a ponta da língua. Tabby tremeu ao sentir o fôlego ardente.

-Ou, isto?

O entrou nos lábios separados e ela gemeu até que a dominó a impotência quando ele voltou a separar a cabeça.

-Me diga o que quer, chérie.

Ela levantou uma mão como se movesse com vontade própria e a afundou em seu cabelo. Ficou nas pontas dos pés e o atraiu para si porque queria sentir sua boca mais que qualquer outra costure no mundo. Ele a levantou em voo e a beijou com força antes de dar um passo e deixá-la na cama. Nesse instante, a cama cedeu e se derrubou com estrépito.

Christien soltou um juramento, voltou a recolhê-la do colchão e se afastou um pouco com ela nos braços.

-Tinha-me esquecido de que... Ainda não apertei os parafusos -balbuciou Tabby.

-Poderia te haver feito mal -Christien voltou a deixá-la no chão.

-Me alegro de que tenha passado, evitou que fizéssemos uma tolice -assegurou Tabby.

ouviram-se uns passos de homem que subiam pela escada.

-Tabby? -perguntou uma voz conhecida-. Passa-te algo? Vi a porta aberta e ao entrar ouvi um estrondo.

Tabby, com um sorriso, rodeou a figura imóvel do Christien e foi às escadas.

-Sejam... Alegro-me de que tenha vindo e vou aproveitar descaradamente de ti. Que tal lhe dá as chaves de fenda?

Christien, com olhar turvo, observou ao jovem loiro que sorria de satisfação. Desejou lhe dar uma patada que o mandasse escada abaixo.

-Trouxe a caixa de ferramentas -reconheceu-lhe Sejam enquanto passava junto ao Christien.

Christien estava tão doído, que quase lhe fez uma careta de brincadeira.

-Sejam... Apresento ao Christien.

Nenhum dos dois estendeu a mão e se saudaram com um gesto da cabeça.

Tabby tentou passar por cima que Christien fazia que Sejam parecesse baixo, magricela e mal barbeado. -Arrumarei a cama facilmente -assegurou-lhe o inglês antes de ficar a assobiar.

-Posso falar contigo abaixo? -perguntou - Christien ao Tabby com um sussurro.

Tabby começou a baixar com as costas rígida.

-Esse tipo vai viver aqui contigo? -perguntou-lhe inexpressivamente Christien.

-Acredito que não é de sua incumbência.

-Então, posso voltar acima e lhe partir o pescoço?

Tabby empalideceu.

-Estou sendo muito claro. Não quero a nenhum homem perto de ti. Quem é?

Tabby o olhou aos olhos e lhe secou a boca.

-Não tem direito...

Christien se voltou para as escadas.

-Irei perguntar se...

-Não! -exclamou Tabby espantada-. É um amigo de minha tia que vive por aqui. Por amor de Deus, conheci-o hoje.

Ao Christien parecia que não tinha chegado a pensar nada do que havia dito ou feito desde que tinha entrado naquela casa, mas que ela reconhecesse que só era um conhecido tinha apaziguado a ira irracional que tentava conter.

Tabby saiu até o Ferrari prateado que tinha estacionado diante da casa.

-Quero que te parta e... Que não volte...

-Não me minta...

Ela fechou os punhos com todas suas forças e lutou com toda sua alma contra sua fraqueza.

-Não vou vender esta casa, vou ficar me... Isso é tudo o que precisa saber...

-Para que os dois fiquemos acordados nas noites calorosas?

Christien avançou um pouco e a encurralou contra a superfície metálica quente pelo sol.

-Diga-me isso agora -ordenou-lhe ele com um tom inflexível.

-Não...

Tabby, quase hipnotizada pelo sedutor brilho de seus olhos, olhou-o com as pupilas dilatadas e o corpo ardendo com uma excitação quase irrefreável.

-Diga-o como o pensa -apressou-a Christien enquanto se inclinava sobre ela.

A porta da casa se fechou com uma portada e os dois se separaram bruscamente.

Sejam olhou ao Tabby com um gesto de desculpa.

-Sinto muito... Foi o vento.

-É um tolo muito preparado -grunhiu Christien com um tom ameaçador.

Tabby se afastou ruborizada e sem dizer uma palavra. Não se voltou para olhá-lo porque lhe dar as costas lhe havia flanco um esforço quase sobre-humano.

O Ferrari ficou em marcha e Sejam pôs os olhos em branco.

-Ver os dois é muito... Ilustrativo.

-Uma briga com... Christien? -Tabby franziu o cenho-. Do que está falando?

-Acredito que nunca tinha visto uma atração tão forte. Acabo de sair de uma relação bastante larga e agora compreendo o que era não ter... A faísca... Sentir esse fogo.

Tabby, surpreendida de que sua reação ao Christien fora evidente inclusive para um desconhecido, ficou vermelha como um tomate.

-Interpretaste-o mau...

-Não, não acredito, mas sei me ocupar de meus assuntos.

Sejam, com um sorriso, perguntou-lhe o que queria descer da caminhonete e lhe indicou uns móveis que tinha comprado com a intenção de fazer que a habitação do Jake fora mais agradável.

Depois de um par de horas, com a caminhonete vazia e só outra vez, Tabby se despiu para lavar o cabelo e o resto de seu corpo; só contava com um lavabo e uma chaleira. Quando se meteu em sua antiquada cama, seguia pensando no Christien. Em sempre passado a assaltava quando se sentia mais débil; sempre olhava para trás para tentar dar com o momento exato no que sua fantasia de felicidade eterna tinha começado a rachar-se.

Ao final da terceira semana de férias, quando levava uma semana com o Christien, Veronique tinha aparecido de visita. Christien estava falando por telefone enquanto ela apoiava a cabeça em seu regaço meio dormida. Ainda recordava ter levantado a cabeça para ver a encantadora mulher com um traje de linho marrom que estava na porta com um sorriso radiante e que os saudava com a mão de forma muito amistosa. Veronique lhe tinha parecido muito simpática, recordou Tabby com amargura. Naturalmente, ela tinha dezessete anos e tinha aceito ao Veronique por sua aparência e à outra mulher resultou fácil ganhar sua confiança.

-Eu acreditava que me encontraria com o Eloise... Não deveria comentá-lo - sussurrou-lhe Veronique como se fora seu melhor amiga no preciso instante em que Christien se afastou-. Mas estava desejando que Christien conhecesse alguém novo e parecem muito felizes juntos. Por favor, não me ponha em um compromisso, não diga que a mencionei.

A amiga da infância do Christien só tinha necessitado meia hora para plantar as sementes da insegurança e a desconfiança. Em seguida soube quem era a modelo de Paris que Veronique dava por sentado que seguia com o Christien e a inteligente moréia lhe ofereceu alguns valiosos conselhos para sua relação com o Christien.

-Não queria me entremeter, mas acredito que devo te advertir de que Christien em realidade detesta que lhe mimem constantemente. Fala de outros noivos, adora a competência. Não se concentra muito no que dizem as mulheres...

Naturalmente, bastaram-lhe algumas pergunta bem formuladas para dar-se conta de que não era uma estudante de arte de vinte e um anos. Christien nunca lhe tinha perguntado coisas concretas. Por que lhe teria ocorrido fingir ser alguém que não era desde a primeira vez que se conheceram? Perguntou-se Tabby com certa preocupação. Ela pensou que um homem com um Ferrari e uma vila fantástica não faria nem caso a uma garota de dezessete anos recém saída do colégio. Adiantou-se quatro anos ao que gostaria de ser no futuro. Depois desse ataque de imaginação não teve que fingir nada mais porque sua relação se apoiou no presente mais imediato.

Não estiveram separados nem um dia até que Christien teve que ir a Paris por trabalho. Ninguém lhe perguntava aonde ia nem que fazia, já que seu pai tinha bastante lutando com o temperamento de sua jovem mulher. Em realidade, parecia que sempre se sentia ameaçado, recordou Tabby com

amargura. Graças às rabanadas da Lisa, os amigos de sua família se colocaram em uma dinâmica de atividade frenética para tentar encobrir que estavam acontecendo umas férias espantosas. Só as mais jovens do grupo tinham compreendido que se Tabby preferia ficar só todos os dias e todas as noites era por algo mais que por culpa de sua madrasta.

-O que é o que mais você gosta de mim? -tinha-lhe perguntado uma noite ao Christien.

-O que te faz pensar que há algo que eu gosto? -Christien soltou uma gargalhada quando lhe deu um murro de brincadeira nas costelas-. Que nunca tenta ser o que não é -disse com uma seriedade impressionante-. Agradeço saber para confiar-me...

Ela se desfez em sorrisos até que compreendeu que o que acabava de ouvir deveria lhe gelar o sangue. A um homem que valorava a sinceridade e a honradez não gostaria de muito uma juvenzinha que lhe tinha contado um montão de mentiras para tentar parecer mais amadurecida e sofisticada. Durante aqueles últimos dias, ela se havia sentido mais insegura porque Christien estava mais silencioso e distante com ela e temia que começasse a aborrecer-se da relação.

-Acredito que está distanciando-se de mim -confessou ao Solange quando a visitou pela segunda vez em sua vila.

-Christien é sério e profundo por natureza -tranqüilizou-a a anciã-. Não é fácil entender aos homens complexos, sobre tudo se forem jovens e impulsivos.

Quando, uns dias depois, Veronique revelou «acidentalmente» a idade que tinha Tabby, Christien tirou reluzir um gênio que ela não tinha chegado a imaginar-se. Entretanto, a pior humilhação certamente fora quando Christien, sem aviso prévio, foi à granja decidido a conhecer seus pais. Lisa saiu da piscina com os peitos nus para paquerar com ele e isso provocou uma discussão de bêbados entre seu pai e sua madrasta. Christien se comportou muito correta e discretamente. Tabby, que captou o rechaço que dissimulava, sentiu uma vergonha enorme por sua família.

-Devo considerar que me deixaste? -perguntou-lhe horrorizada enquanto ele se montava em seu esportivo.

-Coloquei-me nisto precipitadamente. Tenho que pensar -disse-lhe antes de lhe dar um beijo fugaz que a deixou sem respiração para separar-se imediatamente depois-. Sozinho.

-Não pense que vou ficar me sentada te esperando! -avisou-lhe ela, que súbitamente se sentia muito assustada pelo novo distanciamento que notava nele e pela rígida disciplina que se impôs quando estava com ela.

Christien a olhou com uma tristeza tão sincera, que ela se sentiu incômoda.

-Parece tão jovem... Não posso me acreditar que outra pessoa me tenha insone o que eu teria que ter sabido desde o começo.

Foi a Paris e não a chamou por telefone nem ficou em contato com ela. Veronique deixou cair que teria ido ver o Eloise, que tinha passado quase todo o verão trabalhando em Londres. Tabby, atormentada por seu silêncio, procurou a companhia de seus amigos pela primeira vez em todas as férias. Fez todo o possível para não demonstrar que tinha o coração feito pedacinhos. Nunca pôde imaginar-se que a próxima vez que veria Christien seria na sala de espera de um hospital depois de uma tragédia inimaginável que não deixava fresta algum para os sentimentos pessoais nem o diálogo.

Christien, com uma toalha atada à cintura e molhado pela ducha, olhava ao infinito pela enorme janela do dormitório.

Sentia-se desassossego pela mera idéia de saber que Tabby estava ao outro lado de quão terrenos rodeavam a casa de seus antepassados. Além disso, tinha-a deixado com um tal Sejam, um desconhecido mal barbeado. Um desconhecido que também a desejava. Acaso não era estranho que um homem fora de visita com a caixa de ferramentas na mão? Um homem não poderia interpretar a amistosa naturalidade do Tabby como um convite a algo mais? Como não lhe teria ocorrido que Tabby podia estar em perigo? Tinha-a deixado a mercê de um tipo sorridente que podia ser um psicopata. Tirou-se a toalha e começou a vestir-se.

Havia uma luz tênue nos dois pisos da casa de campo. Christien se desceu do carro, avançou pelo atalho e se parou junto a uma velha árvore para olhar dentro de um buraco que havia no tronco. Tirou uma chave poeirenta, mas voltou a deixá-la em seu sítio com o cenho franzido. Golpeou a porta com a mão...

Capítulo 4

QUANDO ouviu o golpe, Tabby estava jogando um novelo na poltrona de vime que tinha metido dentro da casa. Deu um coice que quase a atirou ao chão. Quem podia bater na porta depois de meia-noite? Cobriu-se com a manta porque só levava uma direta camisola.

Era Christien, com o cabelo moreno agitado pela brisa e os olhos dourados cravados nela. O coração lhe parou, logo começou a pulsar com toda sua força e lhe pareceu que o chão se balançava debaixo de seus pés. Ela o olhou com uns olhos de um verde maravilhoso meio talheres por uma mecha de cabelo cor mel. A boca era carnuda, delicada, úmida e rosa.

-Por que voltou? -perguntou-lhe com um fio de voz.

Christien nem sequer o expor. Havia tornado porque não podia estar longe. Entrou e fechou a porta. Tomou os dedos e os soltou da manta. Com as entupidas pestanas velando seu olhar, separou-lhe a manta dos ombros e a deixou cair lentamente.

-Christien...? -sussurrou ela hesitantemente.

O logo que podia tomar fôlego enquanto observava suas curvas exuberantes e provocadoras. Uma luxúria insaciável o apanhou com uma força superior a qualquer vício. O algodão branco moldava seus peitos altos e transbordantes e o tecido era muito fina para ocultar a protuberância rosada dos mamilos. Queria tocá-la, saboreá-la, voltá-la louca com o mesmo desejo que abrasava a ele.

-Se Sejam tivesse seguido aqui contigo... Acredito que o teria rachado de cima abaixo -confessou-lhe atropeladamente.

Tabby voltou a tampar-se com a manta, mas as mãos lhe tremiam.

-Não me deito com todo mundo... Não o tenho feito nunca nem o farei. Não tem nenhum motivo para pensar isso, mas se estivesse com ele, não seria teu assunto...

-Mas eu o tenho feito meu assunto, ma belle.

Ela o olhou aos olhos embora sabia que não deveria havê-lo feito. A intensidade do olhar disparou tudo seus alarmes, mas não se moveu nem um centímetro. Em realidade, não podia mover-se. Durante quase quatro anos tinha dedicado todas suas energias a ser uma boa mãe para o Jake e a estudar para licenciar-se na universidade de arte. Tinha tido que esforçar-se muito para ser uma mãe solteira e uma estudante, que, além disso, necessitava um trabalho de meia jornada. Não tinha tido muito tempo para sair com homens, mas isso tampouco tinha sido um sacrifício quando nenhum homem normal podia desalojar ao Christien de sua cabeça. Christien, com seu cabelo moreno sobre a frente escura, com o perigoso brilho dourado em seus olhos impressionantes, sem que nada alterasse a perfeição de sua beleza dura e varonil. Christien, o definitivo de entre os inalcançáveis.

Com a boca seca, voltou a centrar-se no homem de carne e osso que tinha diante.

-Por que quer que eu volte a ser teu assunto?

-Não sei -Christien deixou escapar uma risada áspera-. Estarei louco, mas sigo aqui.

Lhe sentiu saudades que dissesse que era uma loucura voltar a estar com ela e seguir ali. Estava a uns centímetros, tão impressionante e tão perto que lhe fraquejavam as pernas.

-Deveria partir...

-Deveria, mas não o farei.

-É uma ameaça ou uma promessa? -sussurrou ela.

-O que quer que seja, mon ange?

Sua presença era tanto uma ameaça como uma promessa e ela sabia. Nunca tinha deixado de desejá-lo e nunca tinha conseguido odiá-lo. Como teria podido fazê-lo quando entendia por que se mantiveram afastados? A tragédia que tinha assolado a suas famílias tinha sido de tais proporções, que tinha acabado com o pouco que ficava de sua relação.

-O que quero...? Adivinha-o.

Queria-o a ele e só a ele. Era uma verdade que tinha tão enraizada que não podia negá-la nem por orgulho.

Christien soprou com um brilho resistente nos olhos. Tomou em velo em uma demonstração de confiança e força masculina que a fez sentir-se débil, voluptuosa e aturdida.

Beijou-a avidamente na boca e lhe separou os lábios para irromper em seu receptivo interior. Ela se estremeceu até a medula. O coração lhe saía do peito e se estirou para aprofundar o contato. Era tão maravilhoso, que seu próprio desejo era como um vício. O a apoiou contra a parede e introduziu a língua com voracidade.

Tabby fez um esforço sobre-humano para separar os lábios dos dele e fechou os olhos para tentar conservar um pouco de domínio de si mesmo.

-Tudo me dá voltas -balbuciou.

Com um movimento quase torpe que não se parecia em nada a sua elegância habitual, ele a separou da parede e a estreitou contra si. Estreitou-a com tanta força, que ela quase não podia respirar.

-Sinto muito... Perdi o controle -disse ele entre dentes.

Ela o rodeou com os braços e esboçou um grande sorriso em seu interior, onde ele não podia vê-la. Esse era o homem que nunca bebia mais de uma taça de álcool porque para ele era inconcebível não ter o domínio completo de si mesmo. Fazer que perdesse o controle embora fora um segundo era um lucro maiúsculo e ouvir o dizer era um verdadeiro prazer.

-Eu nunca conservo o controle quando estou contigo -sussurrou ela sem ressentimento nem prazer, simplesmente aceitando que era assim.

Christien se sentiu embriagado por um triunfo tão velho como o mundo. Ela era dele, seguia sendo dele. Ele não raciocinava segundo princípios que considerava de um sexismo primitivo nem era possessivo com as mulheres, mas ela era diferente e ele também era diferente com ela e isso era um enigma ao que não lhe tinha dedicado nem um segundo de seu tempo. Deixou-a no chão do dormitório onde havia um abajur aceso sobre uma caixa que fazia de mesinha de noite. Ele não se considerava imaginativo, mas já estava vendo aquela habitação nua decorada com todas essas coisas tão femininas que ela adorava.

Christien, com o olhar escuro e dourada meio coberta pelas pestanas, observou-a com tanta intensidade que ela sentiu que a abrasava com sua virilidade.

-Você presta atenção e te desejo tanto que morro - confessou enquanto se sentava no bordo da cama e a atraía para si para colocá-la entre as coxas.

Seria por isso pelo que ele seguia sendo tão especial para ela? Perguntou-se Tabby. Tinha a capacidade de olhá-la e de fazer que se sentisse como se fosse uma mulher extraordinária quando ela sabia que era uma mulher normal e corrente. Um pouco mais impressionante ainda quando Christien sim era alguém

realmente extraordinário. Inclusive com jeans gastos e um pulôver de algodão marrom, transbordava sofisticação. Tinha essa beleza masculina que só se via nas telas de cinema. Esses homens estavam acostumados a dirigir-se para mulheres realmente formosas, mas ela agradecia humilde e eternamente que algo que não sabia o que era o tivesse levado até ela.

Vulnerável e quase enjoada por seus sentimentos, Tabby o olhou.

-Christien...?

-É preciosa, ma belle -disse enquanto lhe tirava a cinta que lhe sujeitava a juba frisava de cor caramelo.

-Não o sou...

-Shhh...

Acariciou-lhe o cabelo e se inclinou para introduzir a língua entre os lábios suculentos e tentadores como uns morangos.

Ela se estremeceu, inclinou-se e teve que apoiar as mãos nas coxas dele para manter-se em pé. Os mamilos lhe doíam pela ternura. A só idéia de ter suas mãos peritas sobre o corpo fazia que tremesse de desejo e tinha abandonado todo pensamento racional ou contenção.

-Por favor... -ouviu-se dizer a si mesmo.

-Quero tomar o com calma... Imaginei-me isso muitas vezes -sussurrou ele com a voz rouca.

Tabby, hipnotizada, olhava-o aos fantásticos olhos dourados talheres por umas pestanas negras e mais largas que as dela mesma. Como as do Jake, disse-se a si mesmo antes de que lhe secasse a garganta ao compreender que teria que não tinha mais alternativa que lhe falar de seu filho nesse momento. A idéia a acovardou e pôs a mente em branco.

Christien lhe tirou os suspensórios da camisola e deixou ao descoberto a redondez cremosa e orgulhosa de seus peitos. O tecido lhe roçou as protuberâncias rosadas e ela, ardendo de desejo, notou que a camisola lhe caía até os quadris. Ele deixou escapar um grunhido de admiração.

-Deixa de me olhar... -ofegou ela, que se sentia morta de calor pelo terrível desejo que a mantinha ali exposta a sua vista e ofegante de que a acariciasse.

-Não posso... É deliciosa.

Christien a atraiu para si e tomou com a boca um mamilo rosa e erguido.

Ela, com um ofego, soltou todo o ar que tinha contido, separou os lábios e inclinou a cabeça para trás com uma sensação doce e arrebatadora que lhe percorria todo o corpo enquanto o calor úmido de suas vísceras aumentava de

intensidade. Ele, com as mãos sobre seus arredondados quadris, devorava um mamilo e logo o outro e ela gemia de forma premente. Só existia ele e o que podia fazer que ela sentisse.

Percorria-lhe os peitos com os dedos largos e destros enquanto a beijava na boca uma e outra vez e a voracidade masculina de seus beijos a enlouqueceu. Ela se aferrou a ele, notou que a camisola caía até o chão e emitiu um grito surdo enquanto os firmes dedos de lhe acariciavam a carne úmida e sensível de entre as coxas. Ela se estremecia completamente abandonada às exigências de seu corpo. Tombou-a na cama e a olhou enquanto se tirava o pulôver sem nenhuma elegância.

-Ciel... Me havia esquecido o que era estar contigo, ma belle.

Observou-a com certo descaramento.

-Eu nunca me esqueci.

Tabby comprovava com deleite o tamanho e a força de seu corpo e a protuberância que se marcava debaixo dos jeans fez que tremesse de desejo. Completamente consciente de sua nudez e dos olhos que a devoravam, arqueou as pernas e lhe correspondeu com um sorriso perverso e divertido.

Ela não podia apartar os olhos dele. Seu esbelto torso tinha um triângulo de cachos escuros nos peitorais. Tinha uns músculos poderosos, mas era ágil de movimentos como um atleta. Tinha o ventre plano como uma tabela de lavar e dividido em duas por uma linha de cabelo negro e sedoso. Olhou-o enquanto se desabotoava os jeans, os tirava e deixava ao descoberto uns bóxers e umas coxas largas e talheres de pêlo. Ela se sentiu afligida por sua excitação.

-Enlouquece-me de desejo -grunhiu Christien.

Tabby se estremeceu com seu acento aveludado e sedutor. Ele a atraiu para si e fez um esforço para conservar a calma e sossegar o ritmo com uns beijos carinhosos, mas ela o apanhou com sua língua e ele oprimiu sua ereção contra a pélvis dela com um gemido surdo e profundo. Ela estava tombada na cama enquanto ele a devorava com beijos desenfreados e arrebatadores. Tabby o necessitava cada vez mais e arqueou as costas enquanto gemia seu nome contra sua boca insaciável e ele se deleitava com seus mamilos.

-Por favor...

-Se não esperar, farei-te mal -advertiu-lhe Christien chiando os dentes.

-Não... Não o fará -lhe haveria dito algo.

-Sim... Como a primeira vez, como um estúpido, como um menino muito ansioso -Christien a olhou com seu fabuloso corpo rígido enquanto tentava manter o controle.

-Não foi tua culpa -Tabby lhe beijou a mandíbula-. Era minha primeira vez e lhe deveria haver isso dito, mas me deu vergonha.

Christien piscou. Sua primeira vez? Quando se conheceram, era virgem, inocente aos cem por cem, pura e imaculada e ele não o notou. Ficou atônito ao comprovar que em algum lugar remoto de seu ser, onde o desejo não o dominava, sempre o tinha suspeitado, mas nunca o tinha tirado a luz e se enfrentou a isso. Por que? Era possível que se negou a aceitar essa responsabilidade?

-Christien...

O tinha os olhos empanados por uma sensação de remorso e se preparou para separar-se dela, mas Tabby lhe acariciava a cabeça com suas delicadas mãos e ele a olhou aos resplandecentes olhos verdes e caiu presa de seu feitiço. O embriagador contato das bocas voltou a disparar o desejo até o frenesi e o anseio aumentou quando ele mediu a sensibilidade ardente e sedosa entre as coxas dela, que sentia uma tortura sensual e se arqueava e lhe suplicava mais com cada fibra de seu corpo.

-Tenho que entrar em ti... -Christien a pôs debaixo dele.

Introduziu seu turgente membro em sua intimidade ardente e úmida e empurrou com força. A impressão a paralisou momentaneamente. Podia notar como a atravessava e sua excitação era quase insuportável depois de tanto tempo. Aquela posse a estremecia no mais profundo de sua alma voluptuosa. O sangue lhe rugia através das veias e o coração o martelou enquanto ele a levava a um ritmo enloquecedor. Ela voou a uma altura que nunca tinha alcançado, gritou seu nome e seu corpo lhe rasgou em um êxtase incontrolável. Era algo tão maravilhoso, que quase lhe doía, e os olhos lhe empanaram de lágrimas. Seu esplêndido corpo se estremeceu e ela se aferrou a ele. Era como se tivesse passado quatro anos em uma letargia de que tivesse despertado repentinamente. Estava emocionada.

Christien emergiu do orgasmo mais fantástico de sua vida e tentou tomar fôlego. Deu-se a volta, arrastou-a com ele e a olhou aturdido. Apartou-lhe a juba do rosto oval e notou que lhe tremia a mão. Isso lhe impressionou mais ainda.

Tabby aspirou o aroma adocicado de sua pele e gozou ao reconhecê-lo, embora uma vozinha lhe dizia para seus interior que acabava de cometer uma loucura.

Christien a beijou na delicada frente e voltou a colocá-la sobre ele.

-Uma vez não é suficiente contigo.

-Não seja avaro -brincou ela enquanto se ondulou acima em seu corpo decidida a não pensar no que estava fazendo.

-Deveria haver imaginado que era virgem quando nos conhecemos.

Christien soprou porque estava começando a desembaraçar a assombrosa realidade do marasmo de informação equivocada com o que tinha protegido deliberadamente as lembranças dela durante aqueles anos.

-Não queria sabê-lo... Pensava que poderia te comprometer de algum jeito - sussurrou Tabby-. Disse-me mesma que não te tinha dado conta, mas em realidade estava tentando me explicar algo que não podia entender ao ser tão jovem.

Fazia quase quatro anos que ninguém era tão sincero com o Christien e seus dentes brancos e perfeitos chiaram um momento. Como norma, as mulheres nunca diziam as verdades à cara.

-Não foi assim...

Claro que tinha sido assim, disse-se Tabby com tristeza. Ela tinha perdido a cabeça e tinha tentado ser algo que não era. Ele, por seu lado, tinha tomado aquilo para o que estão programados todos os homens jovens: tinha conquistado sexualmente a uma mulher disposta. Tudo o que tinha passado entre eles tinha sido inevitável segundo o sexo de cada um; ela se tinha apaixonado perdidamente e ele se aborreceu dela.

-Sim foi assim... E te aborreceu...

Todo o corpo do Christien estava em tensão.

-Não me aborreci... Foi com aquele tipo da Harley.

-Não o fiz.

Christien a levantou, a tirou de cima e a deixou a seu lado.

-Dava a verdade por uma vez em sua vida.

Tabby, furiosa, sentou-se.

-Estou dizendo a verdade!

-Onde está o quarto de banho? -perguntou-lhe Christien.

-Abaixo -Tabby apertou os dentes; seus olhos verdes jogavam faíscas-. Fui com o Peter em sua moto e Pippa e Hilary também foram com os amigos dele em suas motos. Saí essa noite, mas não passou nada.

-Por favor! Não me venha com contos. Vi-te beijando com ele no povo... Zorra! -espetou-lhe Christien com uma raiva que surpreendeu a ele mesmo.

Tabby ficou petrificada enquanto Christien se levantava da cama de um salto e ficava os jeans. Tabby se lembrava de que ao baixar-se ela da moto, Peter se tinha inclinado para diante e a tinha beijado antes de separar-se. Foi um segundo e ela não quis montar um número diante de todo mundo por algo tão pouco importante.

-Viu aquilo... -balbuciou ela realmente espantada-. Oh, não!

Christien a olhou com um gesto de brincadeira.

-Fez-o com ele na moto como te tombou no capô de meu carro para mim?

-Não seja repugnante!

Tabby se sentia ferida e furiosa, mas conseguiu que seu ágil cérebro funcionasse com rapidez. Foi como se a peça de um quebra-cabeças encaixasse de repente, mas, ao reverso que em um quebra-cabeças, essa peça tinha trocado por completo o desenho. O que viu Christien, de forma isolada, deveu parecer horrível. Ele tinha estado toda a semana em Paris, não se tinha posto em contato com ela e ao voltar a tinha visto beijando-se com outro.

-Por que não te enfrentou comigo ou me disse algo? -perguntou-lhe Tabby enquanto ele se dirigia para as escadas.

-Pensa que ia rebaixar me tanto? -perguntou-lhe ele a sua vez com tom de incredulidade.

Tabby quis gritar de impotência e o seguiu.

Christien saiu do quarto de banho atônito pelas instalações.

-Não te pode nem lavar!

-Há um lavabo e um jorro de água quente. Quero falar do Peter...

-Esse é seu nome...?

-Basta! -gritou-lhe Tabby-. Minhas amigas e seus amigos estavam diante e era a plena luz do dia. Fui dar uma volta em sua moto e nada mais. Esse estúpido beijinho que viu foi quão único passou entre nós.

-Pensa que me vou acreditar isso

-Por que não? Não lhe devolvi o beijo e tudo foi tão rápido, que tampouco pude empurrá-lo... Foi uma tolice. Estava louca por ti...

-A mentirosa maior da Europa!

Tabby ficou pálida e logo ficou vermelha como um tomate pelo remorso porque não podia rebatê-lo.

-Nisso não minto. Não me teria ido com nenhum outro e deveria havê-lo sabido, mas possivelmente você se o fizesse e só necessitava uma desculpa para te desfazer de mim.

Christien soltou um juramento em francês, mas estava mais tranquilo e começava a duvidar. Naquela época, ele também tinha acreditado que ela estava muito louca por ele para ir-se com outro. Entretanto, também sabia que, ela era muito jovem e que os teimosias das garotas jovens podiam durar muito pouco.

-Para ti foi a desculpa definitiva para te afastar, verdade?

O olhar do Tabby refletia o espanto que lhe produzia recordar quando se encontraram como dois desconhecidos na sala de espera do hospital onde se juntaram todos os que tinham sofrido as conseqüências da embriaguez do Gerry Burnside.

Gerry Burnside tinha tomado uma curva pelo pista contrário da estrada e tinha embutido seu todo terreno contra o Porsche do Henri Laroche. Lisa, a madrastra de Tabby, tinha sido a única pessoa adulta que não ia no carro de seu marido e ficou histérica na sala de espera. Pippa estava destroçada pela morte de sua mãe e esperava saber o resultado da operação de urgência de seu pai. Hilary e sua irmã pequena Emma se abraçavam. Tinham perdido a seus pais. A mãe do Jen estava muito grave e ela rezava para que se salvasse.

Christien tinha aparecido com o Veronique; seus olhos negros refletiam desolação, comoção e dor. Tabby tinha querido ir abraçar o, mas não tinha tido a têmpera de aproximar-se do homem que amava e que tinha perdido a seu pai por culpa da embriaguez e a temeridade indesculpável de seu próprio pai.

-A morte de meu pai... O acidente... Nunca me teria afastado de ti - Christien, com um gesto tenso em seu magro rosto, rodeou-a com seus musculosos braços.

-Não fiz nada com o Peter -insistiu Tabby, que estava disposta a que a escutasse.

Christien lhe passou uma mão ofegante pelo cabelo e a beijou com ânsia. Não queria lhe dar mais voltas ao passado. Só queria pensar na próxima vez que estaria com ela e na seguinte e em quantas vezes poderia ir ali de Paris. Para encontrar-se com ela na casa do verão de sua tia avó no Duvernay? Impossível. Buscaria-lhe algum sítio mais adequado e muito melhor em outro lado.

De madrugada, Tabby abriu os olhos e gemeu de agradar pelas peritas carícias do Christien.

-Outra vez...?

Estava maravilhada pelo vigor do Christien e encantada de que ele fora tão exigente.

-Está cansada?

Seu maravilhoso acento era tão efetivo como a forma em que tinha conseguido derretê-la inclusive quando estava meio dormida.

-Nem te ocorra parar.

Christien riu antes de dar rédea solta a sua descarada quebra de onda de desejo e deixá-la aturdida com uma overdose de prazer.

Quando Tabby voltou a despertar, já tinha amanhecido e ao estirar-se comprovou que lhe doíam uma dúzia de locais bastante íntimos. Voltou-se para olhar ao Christien enquanto dormia. As pestanas languíssimas, as maçãs do rosto angulosos e uma sombra de um tom negro azulado que lhe marcava a mandíbula. Tinha o lençol ao redor do quadril e deixava ao descoberto um braço comprido e musculoso e um arbusto de pêlo que lhe cobria parte do peito. Ela suspirou sonhadoramente com o queixo apoiado nas mãos. Era como se tivesse retrocedido no tempo e não queria despertar e reconhecer que quatro anos depois teria que ser muito mais sensata.

Era o pai de seu filho e por isso tampouco era tão estranho que não tivesse podido esquecê-lo. Em qualquer caso, já parecia que tinha ficado claro que aquele verão se separaram por um estúpido mal-entendido. Mas Christien era assim, um cínico e pessimista que sempre esperava o pior. Fez uma careta com a boca. Já entendia por que não lhe tinha dedicado nem cinco minutos o dia da investigação pelo acidente. Seu orgulho lhe impedia de passar por cima ou perdoar a traição. Pela primeira vez, também compreendeu que a própria intensidade do rechaço tinha sido muito reveladora.

Não se envergonhava de haver-se deitado com ele, e sabia que, se ele despertava, não lhe negaria nada. Era o único homem com o que se deitou, mas era literalmente dele porque o pedia constantemente e, se seguia amando-o, como suspeitava, tinha isso algo de mau? Sobre tudo quando, ao parecer, o destino lhes tinha dado uma segunda oportunidade. Ou teria sido Solange quem lhes tinha dado uma segunda oportunidade?

Tabby sorriu porque notava um comichão de felicidade, mas voltou a ficar tensa ao dar-se conta de que Christien se levaria uma boa surpresa quando lhe

falasse do Jake. Decidiu que passaria algum tempo com o Christien antes de lhe dar a grande notícia. Redescobririam sua relação e esclareceriam qualquer outro equívoco que pudesse surgir. Como se sentiria ele ao saber que era pai de um menino de três anos? Espantado? Encantado? Mas, não estaria adiantando-se aos acontecimentos e sendo uma presunçosa? Ao melhor Christien se deitou com ela por mero prazer. Talvez voltava a partir assim que despertasse. Ao melhor todo aquilo não tinha significado nada para ele.

Pálida como a cera e enjoada pela hipótese, Tabby deixou de olhá-lo e se levantou da cama. Olhou o relógio e fez um gesto de desgosto porque eram quase as nove. Tinha um montão de coisas que fazer e muito pouco tempo. Ao dia seguinte, teria que levantar-se cedo para tomar o balsa de volta a Inglaterra. Baixou para assear-se um pouco e vestir-se. Chamaria o Alison da cabine que tinha visto no povo e falaria com o Jake. Compraria lenha e acenderia a cozinha e também compraria os mantimentos essenciais. Dentro de pouco mais de uma semana voltaria para a França com o Jake e tinha que conseguir que a casa fora o mais acolhedora possível.

Devia deixar uma nota ao Christien para lhe explicar aonde tinha ido e quando pensava voltar? Não resultaria pegajosa? Sentiu-se muito vulnerável ao rechaço. O melhor seria não fazer nada. O já sabia onde estava ela e além disso teria que ir-se a sua casa para tomar o café da manhã porque ali não havia nada. Em qualquer caso, ao fazer o amor com ele à noite anterior, ela tinha demonstrado uma considerável capacidade de superar o maior obstáculo que havia entre eles: o espantoso acidente no que tinham morrido seus pais. Independentemente do que sentisse Christien, sua família se horrorizaria quando se inteirasse de que voltavam a estar juntos, por não dizer nada de sua paternidade. Quinze minutos depois, Tabby se foi no carro.

Estava recordando como Solange tinha tentado desculpar a seus familiares pela aberta hostilidade que lhe tinham demonstrado durante a investigação do acidente.

-Minha sobrinha, a mãe do Christien está sedada. Seu sofrimento é espantoso -confessou-lhe a anciã-. Todos choramos ao Henri, mas, com o tempo, a família também compreenderá a todos os que perderam a seus seres queridos.

Quando Christien despertou, surpreendeu-se de encontrar-se solo na casa. Nunca tinha passado uma noite com uma mulher. Ao princípio não podia

acreditar-se que Tabby se foi e foi ao alpendre acristalado de onde se via todo o jardim, mas comprovou que não havia ninguém por nenhum lado.

A habitação estava cheia dos materiais de um artista e, quando viu uma miniatura, ficou olhando-a com certa surpresa. Nunca tinha visto nada tão pequeno, perfeito e minucioso como aquela paisagem. Se aquela miniatura ao óleo era de Tabby, ela tinha muito talento, mas também estava convencido que se destroçaria a vista ao trabalhar a aquela escala.

Christien decidiu que devia ter ido comprar algo para o café da manhã. Voltou para a habitação e se aproximou da janela quando ouviu um carro que se aproximava.

Um Mercedes prateado avançava pela estrada. Franzio levemente o cenho porque sua mãe tinha um carro parecido, embora não tinha conduzido um carro do acidente de seu marido. Entretanto, tampouco pôde evitar lembrar-se da reação histérica que teve quando se inteirou de que Tabby ia tomar posse da casa do Solange. Seu Ferrari estava estacionado na mesma porta. Pareceu-lhe que era uma loucura pensar que sua mãe podia estar tão mal da cabeça para rondar pela casa como uma perseguidora qualquer. Mesmo assim, quis ver a matrícula do carro, mas para quando chegou à porta principal, o Mercedes já tinha desaparecido.

Christien empregou quase todo o tempo fazendo chamadas desde seu telefone móvel para organizar uma viagem a uma casa do vale do Loira. Era muito pitoresca, estava apartada e tinha umas vistas maravilhosas. Estava seguro de que Tabby aceitaria a oferta porque o contrário seria de loucos. Quando passaram outros trinta minutos sem que ela aparecesse, começou a preocupar-se de que lhe tivesse podido acontecer algo. Teria ido em sua desmantelada caminhonete e se teria esquecido de que na França conduzem por um lado da estrada distinto que na Inglaterra? Sentou-se em seu carro e se dirigiu ao povoado, que estava a um par de quilômetros. Tabby tinha que ter acontecido por ali para chegar à casa e, se tinha ido comprar comida, esse era o sítio mais normal de fazê-lo.

Ao chegar à estreita rua em costa, viu o Tabby. Estava muito atrativa com uma saia vaqueira muito curta e uma camiseta branca enquanto conversava e ria com um homem muito sorridente que lhe enchia a caminhonete com troncos de madeira e lhe olhava as esbeltas pernas. Não parecia que tivesse ido comprar algo para tomar o café da manhã nem parecia ter muita pressa por voltar para a casa.

Tabby viu o Ferrari e ficou geada. Christien a olhava com o guichê baixada, uns óculos de sol que lhe escureciam a expressão e a impressionante mandíbula em um gesto de firmeza. Desceu-se do carro, eram quase dois metros de masculinidade esbelta, ágil e arrebatadora. Notou que lhe ardiam as bochechas e lhe secava a boca ao recordar a noite que tinham acontecido juntos.

-Como soubeste onde estava? -perguntou-lhe ela sem fôlego.

-Não sabia. Volto-me para minha casa -murmurou Christien com um tom frio como o gelo.

Tabby se sentiu despeitada.

-Recolherei às doze... De acordo? -Christien sorriu contra sua vontade.

O rosto do Tabby recuperou a alegria.

-Aonde vamos?

-Eu gostaria que fora uma surpresa, chérie.

Tabby deveria ter limpo a velha cozinha e ter esfregado os chãos de terracota, mas em troca estava lavando o cabelo, sonhando acordada como uma colegial e umedecendo o único vestido que tinha levado com a esperança de que lhe tirassem as rugas.

Christien, incrivelmente atrativo com umas calças de algodão cor nata e uma camisa negra, recolheu-a e a levou a um aeródromo onde se montaram em um avião privado.

-Pensa pilotar você? -perguntou-lhe Tabby um pouco assustada.

-Tenho licença de vôo desde muito jovem e sou dono de umas linhas aéreas -recordou-lhe ele.

-Eu não gosto de voar e, se tiver que fazê-lo, prefiro um Jumbo - reconheceu Tabby com uma careta.

-É um vôo muito curto, ma belle -Christien sorriu de brinca a orelha e lhe deu um tombo o coração-. Deve ser a única mulher que conheci que seria capaz de me dizer que lhe espanta voar.

Impávido ante os nervos do Tabby, ele não parava de fazer comentários sobre as vistas que ela era incapaz de ver. Voava com a mesma segurança que conduzia carros esportivos. Aterrissaram em um aeródromo perto do Bois onde os recolheu uma limusine conduzida por um chofer.

-A curiosidade me corrói -reconheceu Tabby-. Aonde me leva?

-Tenha paciência -recomendou-lhe ele enquanto a tirava da mão.

Uns dez minutos mais tarde, a limusine girou para tomar um caminho em costa flanqueado por vinhedos e acabou detendo-se ante uma elegante casa construída com pedra de uma cor dourada e rodeada de terraços adornadas com flores.

-Pelo menos me diga a quem vamos visitar -pediu-lhe Tabby.

Christien começou a subir os degraus com um amplo sorriso.

-Somos os únicos visitantes.

Tabby recordou o prazer que lhe produzia aquela boca maravilhosa e se sentiu aturdida.

-Então, o que fazemos aqui?

Christien abriu a porta que dava a um espaçoso vestíbulo com chão de azulejos.

-Agradeceria a opinião de uma mulher sobre este sítio.

Tabby deu por sentado que a casa estava em venda e se tranqüilizou e se sentiu adulada de que ele queria saber sua opinião, mas também lhe fez certa graça que ele queria saber sua opinião sobre uma casa que, evidentemente, era maravilhosa. Era solitária, tinha uma piscina e da colina se desfrutava de uma vista impressionante dos arborizados arredores. O interior era mais impressionante ainda. Foi fascinada de quarto em quarto. Era uma casa antiga que se restaurou com um estilo impecável. As cores eram quentes e os móveis antigos e modernos se mesclavam de forma intemporal. As janelas até o estuado acostumado a conduziam a terraços de pedra e em uma se encontrou, para sua surpresa, com um garçom junto a uma mesa posta com pratos de porcelana deliciosa e cristal resplandecente.

-O almoço -disse Christien como se fora o mais normal do mundo enquanto separava uma cadeira para que se sentasse ela-. Não sei você, mas eu tenho muita fome. Normalmente como à uma.

Tabby se sentou e o garçom lhe serve o vinho.

-Eu acreditava que esta casa era de outra pessoa e estava pensando em comprá-la.

Christien se encolheu de ombros.

-Não, já é minha, mas não tinha vindo nunca -reconheceu-. O investimento imobiliária é muito rentável e estou acostumado a comprar através de assessores.

-Não posso imaginar ser proprietária de uma casa e não ter a curiosidade de ir vê-la.

Isso fez que se lembrasse da imensa diferença econômica entre eles, algo que tinha passado por cima e não tinha considerado importante quando se conheceram.

Durante a deliciosa comida a base de salada de endibias, umas delicadas chuletas de cordeiro que se desfaziam na boca e bolo de arándanos, Christien lhe contou a te apaixonem historia da zona e lhe descreveu as maravilhas naturais que os rodeavam. Fazia um mormaço e o céu era de um azul muito intenso. ao longe podia ver as torres de um dos muitos châteaux que havia por ali. Só o canto dos pássaros rompia o idílio silêncio.

-Ainda não me deste sua opinião -comentou-lhe Christien.

-É fantástica... Tem que sabê-lo -Tabby se ruborizou um pouco porque se deu conta de que suas exigências podiam estar por debaixo das dele-, mas não sei o que buscas.

-O que te agrada, ma belle -Christien a olhou - a seus assombrados olhos-. Isso é o que procuro.

A intensidade daquele olhar fazia que logo que pudesse respirar pela pontada de desejo que a atravessava. Quase enjoada pela reação a sua presença, demorou um par de segundos em assimilar o que ele havia dito.

-O que me agrada ... -repetiu Tabby sem saber muito bem o que queria dizer.

Christien se levantou com um elegante movimento e lhe alargou uma mão.

-Vamos dar outra volta.

Voltaram a percorrer lentamente a casa, mas ela só podia ter uma impressão superficial das maravilhosas habitações e das paisagens que se viam pelas janelas. Seus pensamentos eram um torvelinho. Estava ele lhe pedindo que vivessem ali juntos? Se não, por que lhe importava que a casa a agradasse? Tentou tomar ar, mas a felicidade quase o impedia.

-Você gosta, verdade? -perguntou-lhe ele. -A quem não!

Tabby estava tão assustada de havê-lo interpretado mal, que deixou escapar uma risada nervosa.

-Para algumas pessoas poderia resultar muito apartada, mas me parece o sítio ideal para um artista -sussurrou Christien. Fazia algo mas de vinte e quatro horas que tinha chegado a França. Podia o sensato e prático Christien ser tão impulsivo? Podia ter decidido tão rapidamente que queria recuperar o que tinham compartilhado fazia quatro anos? Sentia-se, como ela, amargurado pelos acontecimentos que os tinham separado?

Tabby se fixou na garrafa de champanha que havia em um cubo com gelo sobre uma mesa e se deu conta de que ele tinha preparado a conversação no dormitório principal. Tentou não sorrir pela forma que tinha de programar até os gestos românticos porque tampouco queria ofendê-lo. Quando tinha dezessete anos, tinha-lhe reprovado que não tinha detalhes românticos e ele fez todo o possível para demonstrar que estava equivocada com flores, presentes e tomando a mão sem segundas intenções, mas sempre se deu conta de que tinha que programar tudo o que para ele era uma perda de tempo.

-Além disso, esta casa está perto de Paris, onde passo quase toda a semana.

Abraçou-a como se queria reforçar aquela declaração. O calor daquele corpo masculino fez que lhe endurecessem os mamilos e sentisse uma palpitação entre as coxas. Tremendo, apoiou-se nele para manter-se em pé. Parecia que havia dito a verdade ao lhe assegurar que a morte de seu pai nunca o teria afastado dela. As lágrimas lhe abrasavam os olhos e tinha um nó na garganta. Estava comportando-se de uma forma tão irracional e isso era tão impróprio dele, que só podia significar que seguia sentindo algo muito forte por ela.

Tabby olhou ao espelho que havia ao outro lado da habitação onde se refletiam os dois: Christien era alto, magro, sério e formoso; ela era muito mais baixa, de formas arredondadas e muito mais propenso aos sorrisos.

-Tudo isto é tão romântico... Deveste que planejá-lo muito...

-Você dizia que a essência do romântico estava em que não se notassem os fios que terei que dirigir para te impressionar -interrompeu-a Christien.

-Aos dezessete anos era muito exigente. Agora dou mais importância ao esforço e a imaginação, como com essa comida deliciosa...

Christien a apartou um pouco para olhá-la e ela se sentiu afligida por uma quebra de onda de desejo.

-De verdade... Chérie? -perguntou-lhe com um tom rouco-. Ou me acusará de querer te manipular quando ouvir o que quero te dizer?

-Primeiro tenho que ouvir o que quer me dizer -disse Tabby sem fôlego.

-Trouxe-te aqui para te propor uma solução às necessidades dos dois. Ofereço-te esta casa pela de Solange...

-Está tomando o cabelo.

-Não. Faria-me um favor. Seria uma mudança. O dinheiro não interviria. Preferiria não fazer uma negociação econômica contigo.

Ela sorriu pela brincadeira, mas não tinha vontades de sorrir. Também estava concentrada em tentar que seus gestos não desvelassem o muito que a tinha ofendido e a amargura que sentia por ter tido umas esperanças tão absurdas. Queria a casa de sua tia avó em troca de outra casa cinco vezes maior e com todo tipo de luxos? Realmente, queria com toda sua alma que ela deixasse os terrenos do Duvernay. Depois da noite que tinha passado em seus braços, essa obstinação era como uma bofetada humilhante.

-Eu gostaria de ir neste instante.

Tinha os olhos verdes brilhantes como cristais polidos pelo empenho em não mostrar debilidade nem emoção. Tabby saiu do dormitório para passar ao vestíbulo.

-Tenho que fazer muitas coisas na casa de campo. Dentro de uma semana tenho que voltar para a Inglaterra.

Christien franziu o cenho porque ela não podia dissimular sua palidez.

-Tabby...

-Não, não diga nada mais ou perderei a calma. Ao fim e ao cabo, trouxe-me com pretextos falsos e não tenho por que discutir nem mudanças nem negociações econômicas.

-Não hei dito que tenha que fazê-lo, mas uma oferta generosa não está acostumada ofender a ninguém e sim está acostumado a merecer consideração. Esperava que fosse sensata.

-E se não o sou? Vais ameaçar me?

-Não muito ameno às mulheres -replicou Christien com um desdém gélido-. Está sendo irracional. Quero manter intactas as posses da família e, isso não tem nada de vergonhoso. Nada do que acontecer nós vai trocá-lo e não finjo outra coisa.

Tabby, com as costas muito reta, saiu ao calor do exterior e se dirigiu para a limusine porque estava desejando ir-se dali. Irracional? O que tinha de irracional sentir-se insuportavelmente ofendida? Era tão humilhante que ela estivesse a umas milhas do château onde tinha nascido ele? Sentiu-se doente por sua própria estupidez. Tinha ido a ele como uma traça a uma vela acesa. Havia tornado a cair. Entretanto, estava furiosa com ele, tão furiosa que logo que podia olhá-lo e, muito menos, lhe dirigir a palavra.

Duas horas mais tarde, Christien parou o Ferrari diante da casa de campo. Tabby se baixou e ele a seguiu um pouco atrasado.

-Temos que falar disto -disse ele com tranquilidade e decisão.

Tabby o olhou fulminantemente.

-Não. Não quero falar com alguém que me considera menos que ele.

-Não pode me acusar disso.

-Não? -soltou uma risada estridente - Tentaste me subornar... Tentaste me comprar !

-Não era um suborno. Essa casa que te ensinei não era um suborno absolutamente, mas se te peço que volte a te pensar seus planos e troque de casa por meu único bem, oferecerei-te alguma compensação que faça que te mereça a pena -afirmou Christien sem duvidá-lo.

-É tão elegante! Como faz para que o inaceitável pareça aceitável? - perguntou-lhe Tabby ressentidamente.

-Duvido que reagisse assim se ontem à noite não nos tivéssemos deitado. Isso turvou a questão principal -Christien, com a sensual boca apertada, olhou-a sedutoramente.

-Tem razão, foi um engano imenso.

Tabby entrou na casa, fechou a porta de uma portada, apoiou-se nela e deu rédea solta ao pranto.

-Tabby!

Enquanto ele esmurrava a porta, Tabby tomou ar para serenar-se, mas as lágrimas lhe seguiam descendo pelas bochechas. Ao lhe deixar acontecer à noite com ela, tinha voltado para sua juventude impulsiva e temerária. Tinha esquecido toda prudência e sentido comum e lhe tinha entregue seu coração. Não aprenderia alguma vez? Por que se convertia em uma estúpida quando estava com ele?

Às sete, Sejam a chamou o telefone móvel. No dia anterior lhe havia dito que conhecia a mulher inglesa que tinha a galeria de arte do povoado e a sua filha, que era ceramista.

-Alice nos convidou a tomar algo. Haverá muita gente. Seguro que te encontra com outros artistas -disse-lhe Sejam animadamente.

Tabby pensou que a gente a distrairia e, embora foi com poucas esperanças de passá-lo bem, resultou uma velada muito interessante. Conheceu vários artistas que viviam na zona, trocaram-se os números de telefone e se inteirou de onde podia conseguir material de pintura. Eram as duas da madrugada quando Sejam a deixou em sua casa. Não se deu conta de que o Ferrari do Christien estava estacionado junto à casa até que se acenderam as luzes. O se baixou e se aproximou para ela com suas pernadas largas e poderosas.

Tabby estava muito tensa, mas estava disposta a defender-se e seguiu avançando com o sorriso mais inexpressivo que pôde esboçar.

-Christien... Sinto voltar tão tarde...

-Eu não! - soltou ele com um gesto de fúria em seu formoso rosto que a deixou cravada. Quase me tinha convencido de que te tinha julgado mal, mas tornei a te surpreender. Aonde estiveste esta noite? Em sua cama? Primeiro um homem e logo outro. Deita-te comigo e...

-Arrependo-me -interrompeu-lhe Tabby com os dentes apertados pela fúria-. Como me arrependo de me haver deitado contigo!

Sejam se deu conta de que ninguém o tinha tido em conta pela excitação e se desceu do carro.

-Tabby! Quer que fique? -gritou-lhe.

-Viu como me morre de calor! -espetou- Tabby ao Christien antes de voltar onde estava Sejam para lhe dizer que se fora a casa e não se preocupasse.

Christien estendeu os braços e soltou uma réstia de juramentos em francês que demonstraram a falta de tolerância típica de um homem ao que nunca em sua privilegiada vida tinham acusado de morrer de calor a alguém.

Tabby abriu a porta da casa com uma mão trêmula.

-Não quero voltar a verte.

-Por que não me deixou entrar quando voltamos de ver a casa? Deveria ter sabido que voltaria -Christien passou junto a ela e se voltou para olhá-la com ferocidade-. Assustava-te passar duas noites com o mesmo homem?

Tabby tremia de ira à luz da lua.

-Como pode me falar como se fora uma prostituta que se vai qualquer?

-Quando apareço, sempre há outro tipo te pisando os talões.

-Pensar que uma vez seu amiga Veronique me disse que você gostava de competir... -recordou Tabby com tom zombador-. Suponho que foi uma informação tão bem intencionada como o resto de conselhos que me deu amavelmente.

Christien ficou petrificado.

-Como? Veronique nunca diria esse disparate.

-Não? Seu amiga da infância certamente tirou a calculadora quando estava no berço, comprovou o que supunha te caçar e nesse preciso instante decidiu que seria a única em tirar proveito. Mas a quem lhe importa? -ao Tabby chateava ter demonstrado toda essa amargura diante dele-. Evidentemente, sabia que é um ciumento e que nada acabaria antes com sua relação.

Christien, com os maçãs do rosto avermelhados, estirou os ombros e a olhou com desaprovação.

-Envergonho-me de ter perdido os nervos e de te haver acusado de coisas que não posso demonstrar, mas não te acredito.

Tabby levantou o queixo.

-E eu não vou consentir que me acuse de estar com outros homens.

Ao Christien brilhavam os olhos de ira e soltou uma gargalhada.

-Que esperas que pense quando chega a estas horas com outro homem?

-Assombra-me que tenha o valor de me perguntar isso quando eu fui quão única nunca teve o privilégio de saber qual era minha posição contigo. Mesmo assim, te dá muito bem criticar meu comportamento -reprovou-lhe Tabby com um movimento lento da cabeça-. Faz quatro anos, você tinha a outra mulher que se chamava Eloise e nunca me falou de sua existência. Também te saiu com a tua porque eu tinha medo de fazer perguntas inconvenientes.

A cara do Christien estava rígida.

-Acabei com o Eloise assim que te vi e o seu foi algo circunstancial. Terminei ao pouco de te conhecer. Não sei como se inteirou de sua existência, mas podia haver me perguntado isso. Eu, ao reverso que você, teria sido sincero.

Tabby, raivosa porque lhe recordasse que não tinha sido sincera, deu-se a volta e acendeu a luz.

-Menti-te sobre minha idade e sabe por que, mas isso não quer dizer que não seja digna de confiança.

-Não?

-Não e muito menos te dá motivos para insinuar que seja uma qualquer.

-Onde estiveste até agora?

-Não lhe vou dizer isso Não vou responder a suas perguntas.

-Muito bem... -Christien se passou os dedos pelo cabelo-. Que esperas de mim?

Tabby estava assombrada de que lhe perguntasse isso depois de tudo o que lhe havia dito.

-Respeito.

Christien levantou as expressivas mãos, olhou-a com os penetrantes olhos dourados e se manteve em silêncio, apesar de que parecia como se fora a desencapar sua sardônica língua para burlar-se de uma petição tão ambígua.

-Respeito -repetiu Tabby-. Equivocou-te quando decidiu que te tinha enganado com o Peter aquele verão e me deve uma desculpa.

-De verdade?

Olhou-a com uns olhos ardentes nos que Tabby podia ver todo seu orgulho debatendo-se por dar rédea solta à ira.

-Sobre tudo por como me tratou durante a investigação do acidente. Não me merecia isso. Pensa-o.

-Claro que o farei!

Olhou-a de cima abaixo e logo, como se estivesse desconcertado pelas exigências dela, deu-se a volta e se afastou.

-Respeito e desculpas -recordou-lhe Tabby-, mas se quer ter um local em minha vida, quero algo mais e não estou segura de que possa consegui-lo.

Christien esteve a ponto de sorrir involuntariamente e se perguntou se estaria tentando adestrá-lo com a tática do pau e a cenoura.

-Sou muito bom na cama, ma belle -disse com uma insolência áspera.

-Mas, desgraçadamente, quase toda a vida transcorre fora do dormitório e sua oferta de uma casa de milionário em vez de uma casita de campo foi à gota que transbordou do copo. Embora te hei dito o que sinto, você não pode respeitar os desejos de sua tia avó nem meu direito de viver onde queira-disse Tabby com certo cansaço.

-Mas...

-Agora só quero me deitar e dormir como um tronco -cortou-lhe Tabby.

Christien tomou em braços para levá-la ao piso de acima.

-Seus desejos são ordens para mim.

-Me deixe! -exclamou Tabby com sensação de impotência e cansaço.

Christien a deixou na cama e acendeu o abajur da mesinha.

-Certamente eu estava mais em meu sítio na casa de milionário -disse ele pensativamente-, mas reconhece que também te gostou.

Tabby grunhiu, tirou-se os sapatos e os atirou ao chão. Não ia discutir e fechou os olhos para limpar-se um pouco.

Christien olhou ao Tabby enquanto ela dormia e suspirou. Desabotoou-lhe a camisa e a tirou, também lhe tirou a saia. Observou a cremosa redondeza de seus peitos sob o prendedor e a incrível cor pêssego de sua pele. Reprimiu um grunhido por sua falta de disciplina. Queria meter-se na cama com ela. Desconcertava-lhe a intensidade do desejo de estar com ela inclusive quando não tinha nenhuma possibilidade de ter uma relação sexual. Tampou-a com o

lençol, apagou a luz e franziu o cenho ao ver a janela sem cortina e a porta da rua que não tinha a segurança adequada. Soube que tinha que tomar algumas decisões.

CAPITULO 5

-A VER se o entendo... -nove horas depois, Veronique Giraud olhava ao Christien em seu opulento piso de Paris-. Quer romper nosso compromisso sem nenhum motivo concreto?

-Nenhum concreto. Vim a reconhecer que não estou preparado para aceitar o compromisso do matrimônio -o olhar do Christien refletia um sincero arrependimento-. Por seu bem, me teria gostado de me haver dado conta antes.

-Ainda não fixamos a data das bodas e não esperava fixá-la em um futuro imediato -indicou Veronique com uma serenidade admirável-. Pode tomar o tempo que necessite para te pensar esta decisão.

Christien, aliviado por uma reação tão serena, respirou profundamente.

-Agradeço-lhe isso, mas tive todo o tempo que necessitava e sigo te pedindo que me libere do compromisso. Sinto que tenha sido desta maneira.

Veronique o pensou um instante e assentiu elegantemente com a cabeça.

-Nem tem que te desculpar. Eu não gostaria de te obrigar a cumprir com seu compromisso contra sua vontade.

O rosto do Christien se iluminou com um sorriso de agradecimento.

-Sei que não o faria nunca. Tínhamo-nos comprometido por motivos econômicos e sociais, mas também nos une uma grande amizade. Espantaria-me perder uma amizade que sempre valorei, mas entenderia que preferisse que esse contato diminuísse agora.

-Nunca faria tal coisa. Não vou fingir que me satisfaça a decisão que tomaste, mas tampouco vou fazer um drama -disse inexpressivamente Veronique-. Entretanto, espero que não te incomode minha franqueza se te disser que logo te dará conta de que os problemas que te vai causar essa criança não merecem a pena.

Christien ficou em tensão quase imperceptivelmente.

-Sempre poderá ser franco comigo.

-Embora diga coisas que pode que não queira ouvir? -os olhos azuis do Veronique tinham um brilho de dureza que ele não conhecia.

-Mesmo assim.

-Naturalmente, sei que se trata da garota inglesa e não queria ser grosseira, mas por que não satisfaz suas apetências sexuais e o deixa assim? - perguntou-lhe Veronique com um tom de desespero soterrado-. Asseguro-te que eu não quero que confesse nada.

Christien teve que fazer um esforço por dissimular seu rechaço.

-As coisas não são tão singelas.

-São-o. É você quem está as complicando ao ser tão convencional e exigir muito de ti mesmo. O que te passou? -perguntou-lhe ela com um ar de preocupação-. Você mesmo pensa que a relação de seus pais era insalubre e obsessiva e que sua mãe segue sem poder fazer nada sem seu pai. Eu acreditava que queria evitar um matrimônio tão destrutivo...

-Não estou pensando no matrimônio -interrompeu-lhe Christien tagentemente.

Essa afirmação pareceu apaziguar ao Veronique.

-Então, por que íamos romper nosso compromisso por um pouco tão corriqueiro como um escarcéu? Eu não dou importância à fidelidade. Não me importa que essa Burnside seja você, amante Há coisas muito mais importantes na vida! -exclamou sem dissimular a impaciência-. Por isso me ofereci a negociar em seu nome com essa criatura calculadora.

-Perdoa, mas não vou falar do Tabby contigo nem a escutar seus insultos.

Veronique se tirou um solitário do dedo e o deixou sobre a mesa com um muito leve golpe.

-É teu, foi um presente -disse Christien-. Se já não o quiser, pode dá-lo a uma obra de caridade.

Veronique esboçou um sorriso inesperadamente carinhoso, levantou-se e o agarrou por cotovelo.

-Pelo menos agora posso te falar como uma amiga e possivelmente me escute com mais paciência. Espero que sigamos indo comer com nossos amigos...

-Então -recapitulou Pippa Stevenson enquanto punha os olhos em branco -, embora hajam acontecido quase quatro anos, você volta a cair, encantada da vida, na maravilhosa e deslumbrante sedução do Christien Laroche.

Tabby fez uma careta de contrariedade.

-Não foi assim, Pip...

-Elegante, perverso e atrativo, o indivíduo mais indicado para triunfar nos negócios, na cama e em qualquer parte porque sua consciência não vai parar lhe os pés -disse seu amiga com um gesto cínico-. Que vás viver perto do Christien é como se um peixe de cores se fora a um lago cheio de tubarões.

Tabby ficou séria porque se sentia muito decepcionada com o Christien e isso lhe tirava as vontades de viver no mesmo sítio que ele. Resultava irônico que recuperar a intimidade fora a conseguir que vendesse a casa, o que ele tinha querido desde o começo.

-Possivelmente tenha que replantearme onde deveríamos viver Jake e eu...

-Se tivermos em conta que é incapaz de resistir ao Christien, acredito que isso é uma das melhores notícias que ouvi em muito tempo -Tabby fez um gesto de desgosto e Pippa sacudiu a cabeça-. Perdoa, sinto-o de verdade, não lhes convidei ao Jake e a ti a minha casa em sua última noite na Inglaterra para fazer comentários sarcásticos.

-Já sei, não se preocupe.

Entretanto, Tabby se deu conta de que, como de costume, seu melhor amiga estava esgotada e muito tensa por seu exigente trabalho e por ter que fazer-se carregado de um pai inválido.

-Aconteça o que acontecer, sigo acreditando que deveria lhe dizer que tem um filho -aconselhou-lhe Pippa com certo desconcerto.

-Estou de acordo -Tabby não necessitava que lhe insistisse sobre esse assunto e sorriu a sua amiga -. Quando decidi ir a Bretanha, acreditava sinceramente que não voltaria a ver o Christien. Não meditei bem as coisas, o qual foi uma estupidez e pouco previdente.

-É normal, dadas as circunstâncias -Pippa a olhou compreensivamente.

-Entretanto, também acredito que não seria justo pôr ao Christien em uma situação comprometida com sua família ou possivelmente uma noiva por culpa do Jake quando estamos vivendo tão perto. Tenho que encontrar a melhor forma de tratar este assunto.

-Se Christien for o último em inteirar-se da existência do Jake, é por sua culpa. Você, naturalmente, sentiu-se intimidada pelo antagonismo que te encontrou quando foi à investigação do acidente -Pippa franziu o cenho-. Isso foi muito cruel.

-Mas era o que alguns sentiam para mim e certamente sigam sentindo.

Pippa baixou o olhar e nenhuma das duas reconheceu que, do acidente, Tabby também tinha perdido o contato com a Hilary e Jen, suas outras amigas.

-Necessitavam a alguém em quem concentrar sua dor e sua amargura e, como papai estava morto, eu era a mais indicada -seguiu Tabby-. O que passa é que não poderia suportar que Christien ou alguém de sua família olhasse ao Jake com esse prejuízo, como se terei que envergonhar-se dele, escondê-lo ou arrepender-se.

-Mas, por que? Seu filho é a viva imagem de seu pai e Christien Laroche não seria o homem pelo que lhe tenho se não adorasse ver essa imagem de si mesmo em miniatura. É mais, quando Jake demonstre seu assombroso quociente intelectual e sua obsessiva afeição pelos carros esportivos, Christien se sentirá orgulhoso -replicou Pippa.

Tabby se conformava com muito menos. Só esperava que, quando se tivesse recuperado da impressão, quera conhecer seu filho. Uma hora depois, Tabby foi à habitação de convidados onde Jake dormia profundamente.

Tinham passado oito dias desde que se foi da França. A última noite, Christien a tinha agasalhado e a tinha deixado sozinha. Isso era o que ela tinha querido, mas à manhã seguinte se sentiu abandonada e muito triste enquanto partia na caminhonete.

Tinha sido uma semana em que Tabby se foi zangando cada vez mais consigo mesma por ser incapaz de tirar-se ao Christien da cabeça e, muito mais, por não lhe falar de seu filho. Isso lhe fez ver uma covardia sobre a que estava disposta a refletir.

Ao dia seguinte, já na França, tentou manter ao Jake entretido com os carros que foram vendo durante o comprido viaje que tinham por diante.

-Olhe, um Rolls Royce -disse-lhe animadamente a seu filho.

O menino se moveu nervosamente em seu assento.

-Está nervoso por ir a sua casa nova?

-Posso saltar em minha cama nova?

-Nem o sonhe! -disse-lhe Tabby com um sorriso.

Assim que Tabby estacionou no caminho de entrada à casa de campo, Jake se foi com seu balão ao jardim da parte traseira para estirar as pernas. Tabby lhe deixou que gastasse um pouco de energia antes de que entrasse na casa. A verdade era que temia que pudesse decepcioná-lo. Só tinha três anos e se necessitava a imaginação de um adulto para ver as possibilidades da casa.

-Fica no jardim e não te aproxime da estrada!

Compreendeu que sua prioridade era pôr uma cerca ao redor da casa.

Jake se parou e deixou escapar um suspiro de paciência próprio de um pequeno grande homem.

-Já sei... Não sou um bebê -replicou-lhe.

Tabby entrou na casa pensando em quão depressa crescia seu filho e ficou cravada no chão com os olhos como pratos ao não reconhecer o que estava vendo. Espantada, ia sair outra vez convencida de que se colocou em outra casa quando viu um centro de flores maravilhoso com um sobre enorme que levava seu nome escrito pelo Christien. Aturdida, agarrou o sobre para ler a nota que havia dentro: Respeito seu direito a viver onde queira. Me chame. Christien.

Junto às flores havia um telefone sem fio. Inclusive lhe tinha conectado uma linha telefonica. Tinha arrumado as janelas e as paredes estavam recém grafites. Olhou ao redor sem sair de seu assombro. A habitação estava mobiliada com dois sofás e uma cômoda preciosa. Estupefata, olhou dentro da cozinha e viu uns impressionantes aparelhos novos, armários e uma mesa muito bonita. A dega estava cheio de garrafas de vinho. A geladeira estava repleta de mantimentos. Seu filho a saudou do jardim e lhe respondeu com uma mão que não podia sustentar em alto.

Feita um molho de nervos, despreendeu o telefone e marcou o número que havia no cartão. Enquanto esperava que respondesse, foi ao pequeno asseio e ficou paralisada. O «pequeno» asseio rodeava o alpendre acristalado e tinha uma ducha, chão de mármore e um jacuzzi impressionante. Também havia um armario cheio de toalhas e o que parecia roupa de cama da melhor qualidade.

-Tabby... O que te parece? -perguntou-lhe Christien enquanto ela corria escada acima com o telefone sem fio na mão.

-Acredito... Acredito que estou alucinando -balbuciou boquiaberta pelo carpete que cobria as escadas.

-Bom... Quando a vi pela primeira vez, me pareceu que a casa era um pesadelo -reconheceu Christien com tom zombador-. Uma casa própria de um cavernícola.

-Christien... De maneira nenhuma posso aceitar isto -afirmou Tabby com um fio de voz-. Tornaste-te louco? Deve que te custar uma fortuna.

-É minha forma de te pedir perdão por ter sido tão pesado e de te dar a bem-vinda a casa, ma belle -murmurou delicadamente Christien.

-Como entraste? -perguntou-lhe Tabby-. Forçaste a porta?

No dormitório havia uma cama que teria feito as delícias de uma princesa e cortinas de seda. Estava pintado com suas cores favoritas: amarelo e um azul turquesa pálido. Perguntou-se maravilhada se ainda se lembraria disso.

-Solange tinha uma chave de reposto no tronco da velha árvore do jardim.

-Obrigado por me dizer isso reprovou-lhe Tabby sem força na voz-. Não posso me acreditar que tenha feito tudo isto, e em tão pouco tempo... Que esperas em troca? Quer que me entregue em uma caixa de presente?

Sua risada rouca e sedutora lhe percorreu o espinho dorsal como uma carícia.

-Como vou devolver as janelas novas se não ter deixado as antigas? - perguntou-lhe Tabby enquanto olhava pela janela e via que um carro grande e reluzente se parou na estrada.

-Quando queira que te meta em uma caixa de presente, pode estar segura de que não te deixarei escapatória.

-Mas não posso aceitar uma generosidade que não posso igualar.

-Está me discriminando porque sou rico? -perguntou-lhe fingindo que se sentia ofendido.

Tabby voltou a baixar as escadas.

-Se aceitar tudo isto, sentiria-me como se eu te pertencesse.

-Me parece muito bem -reconheceu Christien sem pudor.-Ou como se te devesse algo...

-Não posso dizer que isso me incomode. Já sei que não está bem dizê-lo, mas se tiver remorsos, posso te dar um par de idéias para dissipá-los...

-Te cale! -Tabby ria até que olhou pela janela da cozinha e não viu o Jake-. Espera um segundo. Agora mesmo te volto a chamar!

Tabby deixou o telefone e saiu ao jardim. Tranqüilizou-se ao ver que Jake não estava por ali e voltou a olhar ao carro que seguia parado no caminho. Era um Mercedes e parecia um modelo muito caro. Ia dirigir se ao flanco da casa quando viu o Jake, que saía correndo por detrás da caminhonete. Ia perseguindo à bola que se dirigia para a estrada.

-Não, Jake... Para! -gritou Tabby com todas suas forças.

Entretanto, o grito ficou afogado pelo motor do carro que ficava em marcha. Tabby sabia que estava muito longe, mas saiu correndo para tentar evitar que seu filho saísse à estrada diante do carro. As rodas chiaram pelo freio, o condutor deu um volantazo e o Mercedes acabou parado com um estrondo sobre o borda. Fez-se um silêncio sepulcral até que Jake deixou

escapar um grito aterrador. Tabby tomou em braços, deixou-o sentado no bordo da estrada e lhe disse que não se movesse dali enquanto ela cruzava a estrada para interessar-se pelo condutor. Abriu-se a porta do carro e se baixou uma mulher maior, loira, esbelta e pálida como a cera.

-Está ferida? -perguntou-lhe Tabby com a voz entrecortada e em um mal francês.

A mulher foi até o bordo da estrada, ficou olhando fixamente ao Jake e rompeu a soluçar. Tabby lhe rodeou os ombros com um braço e a levou dentro da casa. Perguntou-lhe se queria que chamasse um médico, mas ela o rechaçou com um gesto da mão. Tabby se desculpou por ter deixado ao Jake só no jardim.

-Não foi culpa dele. Os meninos são assim -tranqüilizou-lhe a mulher em inglês e sem deixar de olhar ao Jake como se ainda não se acreditasse que estava bem-. Temos que dar graças a Deus de que não lhe tenha passado nada. É filho dele? Posso lhe perguntar seu nome?

-Meu nome é Jake. Jake Christien Burnside -disse Jake de carreirinha.

A mulher estava tremendo e voltou a cabeça para tomar outro lenço de papel da caixa que tinha deixado Tabby.

-Está emocionada e não sente saudades depois de susto que lhe deu meu filho. Seguro que não quer que chame um médico?

-Poderia... Me dar um copo de água? -a mulher respirou profundamente para tranqüilizar-se.

-Claro.

Tabby voltou com o copo de água e se encontrou com que Jake estava conversando de carros com a mulher enquanto lhe sujeitava a mão cheia de anéis. Tabby se apresentou.

fez-se um silêncio estranho.

-MA... Manette -acabou dizendo a mulher enquanto baixava os olhos avermelhados-. Manette Bonnard. Seu filho é um encanto. Deu-me um beijo porque estou triste.

Tabby aproveitou a ocasião para lhe explicar a seu filho por que estava triste e que nunca mais podia ir correndo a uma estrada.

-Por favor, não brigue com Jake. Estou segura de que terá mais cuidado - Manette sorria, mas seus olhos seguiam brilhantes pelas lágrimas.

-Tem um filho pequeno como eu? -perguntou-lhe Jake.

-Um filho maior -respondeu-lhe ela. -Gosta dos carros? -Muito.

-É mais alto que eu? -Jake se estirava tudo o que podia com um brilho de orgulho nos olhos escuros.

-Sim. Já cresceu de tudo -explicou-lhe ela com certo tom de desculpa.

-É bom?

-Não sempre.

-Eu serei muito alto e muito bom quando for maior -assegurou Jake.

Tabby ofereceu um café à mulher. Ela aceitou com um movimento da cabeça e certo ar de desconcerto nos olhos enquanto tentava responder às perguntas do Jake. Ao Jake não importava ser intrometido e para ouvir as vacilantes respostas da mulher, Tabby se inteirou de que vivia em um piso com doze dormitórios em Paris e que também tinha uma casa de férias por essa zona.

-Mamãe, posso lhe mostrar um de seus quadros a madame Bonnard?

-Se não fora muito atrevimento, mademoiselle... -interveio Manette-. Coleciono miniaturas.

Tabby foi ao alpendre acristalado pela primeira vez desde sua volta e descobriu que Christien lhe tinha posto um chão de mosaico e estanterias. A mulher olhou com atenção os dois quadros que lhe ensinou Tabby e se mostrou decepcionada ao inteirar-se de que estavam ajustados para um cliente.

-Não lhe roubarei mais tempo, mademoiselle -acabou dizendo a visitante com um suspiro.

-Cai-me bem -disse-lhe Jake.

Ao Tabby não surpreendeu que Manette Bonnard tivesse conquistado a seu filho porque tinha estado encantada com sua companhia e não tinha oculto sua avaliação por ele. Entretanto, preocupou-se quando notou que estava a ponto de ficar a chorar outra vez.

-Está segura de que poderá conduzir?

A mulher não levantou a cabeça, mas lhe deu uma palmada na mão ao Tabby.

-Por favor, não se preocupe... Não pode entendê-lo. Sinto muito -disse atropeladamente antes de ir-se para seu carro. Tabby se sentiu aliviada ao comprovar que o Mercedes se afastava devagar.

Voltou dentro para chamar o Christien, mas ficou parada ao sentir-se menos iludida. por que Christien sempre fazia o que ela menos esperava? A última vez que o viu se sentiu doída e ofendida e tinha acreditado que poderia esquecer-se da noite de paixão que tinham acontecido juntos. Sua arrogância ao acreditar que poderia conseguir que ela fizesse o que não queria fazer a

tinha humilhado e a tinha convencido de que era impossível recuperar o passado com o Christien. Entretanto, ao cabo de uma semana, Christien tinha dado a volta a todos seus convencimentos.

Tinha chegado muito longe para lhe demonstrar que tinha aceito seu direito a viver na casa do Solange. Naturalmente, ele não tinha direito a fazer aquilo, mas isso já não importava. Ao fim e ao cabo, se ela decidia buscar uma casa em outro local, venderia-lhe aquela casa ao Christien a um preço que não tivesse em conta todas as melhoras.

Sua debilidade com o Christien era imperdoável e indesculpável. Não lhe havia dito nada do Jake. Tinha permitido que seu coração e seus hormônios a arrastassem e se deitou com ele. O tamanho do jacuzzi indicava que Christien estava desejando repetir a experiência. Mas Christien não sabia que ela tinha um filho de três anos que já tinha deixado um rastro de barro em um dos sofás e que ele era o pai desse menino. Tomou ao Jake em braços e lhe deu um abraço.

-Temos a roupa na caminhonete -recordou-lhe seu filho-. Vamos a pelas caixas.

Colocaram a bagagem e Tabby chamou o Christien.

-Por que me penduraste? -perguntou-lhe ele.

-Por nada, uma tolice.

-Estava preocupado de que tivesse passado algo grave. O que vais fazer esta noite?

Ele era o único homem que podia derretê-la só com a voz.

-Poderia vir por aqui às oito? -Tenho que esperar três horas? -queixou-se ele. -Sim... Sinto muito.

Queria que Jake estivesse dormido antes de que ele chegasse.

-Jantaremos fora...

-Jantei algo antes de vir -aconselhou-lhe Tabby um pouco nervosa.

-Que jante antes das oito? -perguntou-lhe Christien com incredulidade.

-Deixa de ser tão francês. Tenho que falar de uma coisa muito importante contigo.

fez-se um silêncio curto e tenso.

-Eu também. Que disparate é esse de que eu jante sozinho antes das oito quando te convidei para jantar? -perguntou-lhe sarcásticamente.

-Até mais tarde... -Tabby tomou fôlego lentamente e pendurou o telefone.

Desfez uma mala, duas caixas de brinquedos do Jake, banhou a seu filho no jacuzzi e viu como dormia em cima do prato de sopa que lhe tinha preparado.

Levou-o a cama e o deitou antes de dar uma ducha rápida. Revolveu outras duas malas até encontrar a saia de algodão cáqui e a camisa branca que queria ficar. Além disso, maquiou-se, coisa que não estava acostumado a fazer. Perguntou-se por que se preocupava tanto se Christien nem se fixaria em quando lhe falasse do Jake.

Tabby começou a dar voltas feita um molho de nervos. Ficou cravada no chão assim que ouviu o motor de seu carro. Sem poder conter-se, abriu a porta e o viu aproximar-se de grandes pernadas. Levava um impecável traje cinza.

Christien sorriu devastadoramente.

-Não sou tolo, ma belle, adivinhei-o. Penso que está grávida.

Capítulo 6

ASSOMBRADA, Tabby o olhou com os olhos totalmente abertos.

-Não... Pensa que isso é possível?

-Não corri riscos, mas sei que os acidente acontecem e parecia como se estivesse chorando -Christien se encolheu de ombros ao ver a expressão do Tabby-. Mas não, já vejo que essa não é a coisa muito importante a que te referia

-Não, não é isso.

-Está doente? -perguntou-lhe com o cenho franzido.

-Estou muito sã.

-Então, não há motivo de preocupação. Entrou, fechou a porta, rodeou-lhe os ombros com os braços e a atraiu para si. Tabby tomou fôlego.

-Christien...

-Não me dê sustos. Estava preocupado de verdade.

-Sei, mas...

Abrçou-a com mais força e deixou escapar um grunhido de satisfação ao notar que lhe endureciam os mamilos. Tomou o traseiro com firmeza para apertá-la contra a turgente ereção.

-Caray! Desde que me chamou, só pensei em estar contigo.

Christien soprou porque o único que gostava de fazer era satisfazer o desejo premente que o dominava: apoiá-la contra a parede, levantá-la e entrar nela uma e outra vez. Como um animal, reconheceu-se com surpresa.

Tabby, afligida por um desejo idêntico, estremeceu-se arrastada pela reação irrefletida para ele. Tentou recuperar o domínio de si mesmo e apoiou a cara no pescoço do Christien para separar-se, mas o aroma de sua pele era o mais potente dos afrodisíacos. O coração lhe pulsava desbocado e se esfregou contra ele para procurar alívio em seus sensíveis mamilos.

Christien soltou uma maldição apenas audível e lhe agarrou por cabelo para atirar de sua cabeça para trás. Os olhos negros com reflexos dourados se cravaram nos sua e ela se estirou para ele como se lhe tivesse solto uma mola.

Beijou-a na boca e lhe introduziu a língua com um movimento rítmico muito explícito que fez que lhe fraquejassem os joelhos e que sentisse uma umidade ardente entre as coxas.

-Tenho que entrar em ti -ofegou Christien...

Levou-a ao sofá e a pôs em cima dele. Ela ficou tensa e foi emitir algum som de queixa, mas Christien lhe levantou a camisa e se fez cargo do objeto que retinha seus peitos. Quando ficaram livres, Christien deixou escapar um grunhido de aprovação. Tomou entre as mãos e lhe aconteceu a língua pelos sensíveis mamilos enquanto ela ofegava de agradar pelas mãos direitas carícias.

-Não podemos... -balbuciou Tabby enquanto lutava contra seu próprio desejo.

Christien a fez calar e ela conteve um gemido ao notar o dedo dele no úmido triângulo de tecido que tinha entre as coxas.

-Adoro seu corpo, adoro como reage...

-Tenho... Que falar contigo...

-Estarei mais receptivo dentro de uma hora, quando me tiver recuperado da abstinência. de nove dias -assegurou-lhe Christien.

Ela estava tão excitada, que não podia respirar. Ele a acariciava e ela se sentia transbordada por uma sensação de prazer cada vez mais intensa. Agarrou-o pelos ombros e deixou cair a cabeça para trás abandonando-se às carícias dele.

-Me diga quanto me sentiste falta de, ma belle.

Ela não podia falar, estava concentrada na imensidão do prazer que lhe estava proporcionando. Estremecia-se de desejo, apertava-se contra a perita mão do Christien arrastada pelo anseio de sua palpitante intimidade. Introduziu a língua do Christien em sua ofegante boca uma vez, dois... A intensidade erótica bastou para levá-la ao clímax e não pôde reprimir um grito extasiado.

Tabby não voltou a ser consciente de que tinha um corpo físico até que deixou de estremecer-se e desapareceu o véu de prazer obnubilante. Ele a abraçava com força e murmurava coisas incompreensíveis em francês como se soubesse que havia a tornado do reverso tanto física como emocionalmente. Apartou-a um pouco e lhe tirou o cabelo da frente. Sorriu e ela sentiu que o coração lhe dava um tombo.

-Não me pudeste dizer que me sentiste falta, mas me demonstraste isso - sussurrou Christien.

Tabby se ruborizou até o couro cabeludo. Seguiu vestida. Deixou-se arrastar de tal forma que só ela tinha sentido prazer. Com estupidez e o rosto ardendo por ter perdido o controle daquela maneira, desceu-se dos quadris do Christien e ficou bem a camisa. Ficou de pé tremendo pela impressão do que lhe tinha passado em braços dele. Lhe alisou a saia e logo entrelaçou os dedos com os dela.

Lentamente, deu-lhe a volta para que o olhasse de frente.

-Sua paixão me volta louco. Não sabe quão especial é. Não quero uma mulher a que lhe preocupe enrugá-la roupa ou despentear-se...

-Você gosta mais das porcas!

Tabby saiu correndo ao quarto de banho antes de ficar mais em evidência e tornar-se a chorar.

Entretanto, não conseguiu intimidade. Christien entreabriu a porta.

-Sairemos para jantar e desfrutaremos com pelo menos cinco pratos... sentirá-se melhor?

Tabby, com uma escova de cabelo na mão, olhou-se ao espelho e compreendeu que não havia nada que a fizesse sentir-se melhor

-Não podemos sair. Tenho que te dizer algo e logo me odiará.

Fez-se um silêncio sepulcral ao outro lado da porta.

-Há outro homem? -perguntou-lhe Christien.

-Não.

-Então, não há nada que não possa suportar -afirmou Christien com muita confiança-. Temos que nos sentar para jantar? Tenho fome, mas tenho muita mais fome de ti.

Quase não lhe saíam as palavras.

-Sairei dentro de um minuto. Abre uma dessas garrafas de vinho.

-Quer que lhe espere acima? -Christien deixou escapar uma gargalhada-. Se te pareço desesperado, é que o estou. Não posso mais!

-Fique abaixo -ordenou-lhe Tabby hesitantemente.

Fechou os olhos para conter as lágrimas que tanto a teriam aliviado. Estava segura de que nenhuma mulher tinha complicado tanto uma relação. Amava-o. Nunca tinha deixado de amá-lo. Entretanto, ele não a amava. Ansiava-a com loucura e esse era o poder que tinha ela.

Quando ele chegou, teria que havê-lo mantido a certa distância para poder lhe confessar o que tinha que lhe confessar. Embora a verdade era que tampouco sabia como tinha acabado naquele sofá com ele. Quando ele a tocava,

todo o resto deixava de existir. Entretanto, essa vez, pelo menos essa vez, teria que ter podido manter o controle pelo bem de seu filho.

-Por que está preocupada?

Christien lhe deu um copo de vinho quando ela saiu do quarto de banho e a olhou com os olhos entrecerrados.

-Minha preocupação se remonta a faz quase quatro anos -Tabby se levou o copo de vinho aos lábios.

-Voltaste para minha vida. O mais sensato seria deixar o passado onde está.

-Temo-me que esta é uma parte do passado que não podemos dirigir a nosso desejo -Tabby se sentou no sofá e cravou os olhos no copo de vinho-. Lembra-te de que aquele verão me perguntou se tomava a pílula?

Christien franziu o cenho.

-Sim.

Tabby não podia olhá-lo à cara.

-O médico me disse que tomasse porque tinha acne. Bom, deu-me pílulas para três meses, mas perdi uma caixa e fiquei sem nenhuma enquanto estava na França.

-Ficou sem pílulas...? -perguntou-lhe Christien sem sair de seu assombro.

Ao Tabby custava reconhecer quão ingênua tinha sido então.

-Pensei que não importava muito se não tomava durante duas semanas. Acreditava que tinham certo efeito acumulativo se as tinha tomado bastante tempo seguido.

-Quer dizer...? -Christien soprou-. Quer dizer que embora não tomava acreditava que seguiam evitando a gravidez?

Christien subiu o volume da voz.

-Não me grite. Já sei que foi uma estupidez, mas naqueles tempos não sabia nada destas coisas. Quando me deram isso, não me preocupei com esses detalhes porque não sabia que você apareceria e que as necessitaria para isso.

-Não me posso acreditar isso por que não me disse que tomasse alguma medida? -Christien a olhava com incredulidade.

-Bom... Havia-me dito que você não gostava dos preservativos.

-Sim! -exclamou Christien.

-Eu não queria te incomodar e me tinha convencido de que não havia perigo -Tabby deixou escapar um suspiro-. Tinha dezessete anos e não podia imaginar

que ficaria grávida. Pensava que isso não podia me ocorrer, mas, naturalmente, ocorreu-me.

Foi como se uma pedra tivesse cansado em um lago imóvel. Um lago que começava a agitar-se debaixo da superfície. Christien, pálido apesar de sua tez moreia, olhava-a do extremo oposto da habitação. Os olhos dourados resplandeciam de tensão e raiva.

Tabby voltou a olhar a taça de vinho e a deixou com um gesto brusco sobre a mesa.

-Ao pouco tempo de voltar para a Inglaterra... Descobri que estava grávida... Vomitava pela manhã, à tarde, à noite.- Para resumir ele ...

-Nosso filho nasceu três semanas antes de que eu viesse à investigação do acidente -Tabby se sujeitou as mãos para que não lhe tremessem-. Lhe quis dizer isso mas...

-Meu deus! Por que tão tarde? Por que não me disse isso meses antes?

-Trocou o número de seu móvel. Tentei chamar à vila da Dordoña, mas já a tinha vendido e eu não tinha nenhuma direção nem forma de me pôr em contato contigo.

-Não é uma desculpa muito boa. Pôde tentá-lo um pouco mais.

-Eu não tenho seu dinheiro para fazer uma busca a fundo e, além disso, tinha outros problemas. Meu pai lhe tinha deixado tudo a minha madrastra. Quando ela se deu conta de que estava grávida, jogou-me à rua, literalmente, com o posto. Acabava de começar o curso de arte e tubei que dormir no chão da casa de uma amiga até que Alison, a irmã de minha mãe, acolheu-me.

-Estou seguro de que ela poderia te haver ajudado a me encontrar através de minha linha aérea -Christien aumentou o sarcasmo e não cedeu nem um centímetro.

-Parece-me que está passando por cima que, depois do acidente, desfez-te de mim como de uma batata quente e não voltou a me falar....

-O acidente não teve nada que ver. Vi-te com o idiota da Harley...

-Mas eu não sabia o que acontecia sua cabeça -Tabby o olhava e lhe pedia sua compreensão-. Não sabia que você acreditava que eu estava com outro. Só sabia que você não queria saber nada mais de mim desde que seu pai e o meu morreram. Compreenderá que não tivesse muita pressa em te dizer que estava grávida... Porque, embora não o pense, eu também tenho orgulho.

Christien estava muito pálido. passou-se a mão trememente pelo cabelo.

-Por que não o diz claramente? Deu a meu filho em adoção!

Era natural que ele pensasse isso. Ao fim e ao cabo, ele não tinha visto nem rastro de um menino quando foi visitar a Londres nem quando ela tinha estado na casa de campo.

-Não, não o fiz. Não podia fazê-lo. Está no piso de acima...

Christien a olhou com o cenho franzido. O que tinha ouvido era muito incrível.

-Comment?

-Chama-se Jake Christien. Seu nome está na certidão de nascimento. Pensei te falar dele durante a investigação do acidente -Tabby não podia eliminar ao tom amargo de sua voz-. Mas você não queria saber nada de mim.

-O que quer dizer? -Christien não se centrava no que para ele não tinha importância-. Está dizendo que nosso filho está aqui? Não te acredito...

-O dia que me visitou em Londres o menino estava na creche e o deixei ao Alison quando vim aqui a outra vez.

Tabby se levantou e se deu conta de que podia ter estado falando com uma parede.

-Está acima? -perguntou-lhe Christien com certa violência.

Tabby ficou ao pé da escada.

-O que te parece...? -perguntou-lhe sem logo que poder falar.

-Que não posso me acreditar que seja verdade porque se o fizesse poderia me pôr tão furioso que perderia a cabeça -Christien a olhou com uma seriedade impressionante-. Não posso me acreditar que seja verdade porque a semana passada te deitou comigo e não me disse nada.

Ela se ruborizou.

-Não queria...

Olhou-a com ar zombador.

-Quero vê-lo.

-Está dormido... De acordo.

Intimidada a pela fúria de seu olhar, subiu ao piso de acima e abriu a porta do dormitório do Jake. Christien, detrás dela, estava petrificado. A cama estava iluminada por uma tênue luz de ambiente. Jake tinha a cara rosada, os cachos revoltos e o lençol enrolado ao redor da cintura. Christien apartou ao Tabby e entrou na habitação. Lhe deu um tombo o coração e se perguntou o que pensava fazer. Durante um momento interminável, Christien olhou ao Jake e os carros que estavam perfeitamente alinhados no zócalo. Soprou longamente e voltou a sair muito lentamente.

O silêncio no patamar era ensurdecador.

Tabby baixou correndo as escadas.

Christien a alcançou e a olhou fora de si.

-É como uma seqüestradora que não pediu resgate.

Tabby empalideceu.

-Tornaste a me mentir, mas esta vez as conseqüências foram muito piores. Esta vez um menino inocente sofreu...

-Jake não sofreu...

-Claro que sofreu! Não teve pai! Não tente me dizer que isso não teve importância na vida de meu filho. Não tente dar o argumento feminista de que a figura da mãe é mais importante.

Tabby, que não se esperou um ataque tão furioso, estava pálida como a cera.

-Eu não ia a ...

-Vá! Como me alegro! -espetou Christien-. A não ser que queira ouvir quão furioso estou de me inteirar que uma colegial estúpida tentou criar a meu filho.

-Não me chame estúpida! Possivelmente não seja um gênio como você, mas minha cabeça não está nada mal...

-Sim? -replicou-lhe Christien imediatamente-. Acaba de me dizer que até que te acolheu sua tia, esteve dormindo no chão enquanto estava grávida. Se te tivesse posto em contato comigo, teria vivido rodeada de luxos. Assim, ao não fazê-lo, cometeu uma estupidez indesculpável.

-Ao te escutar agora, acredito que não me pôr em contato contigo foi o mais inteligente que pude fazer. Que seja repugnantemente rico não te faz melhor.

-Salvo como pai. Tenta te concentrar no fundamental. Faz quatro anos, você tinha a responsabilidade de cuidar de nosso filho ainda não nascido. Desde quando se recomenda que as mulheres grávidas durmam no chão?

Tabby apertou os lábios e olhou para outro lado.

-Mas na situação atual, nossa preocupação principal deve ser Jake, não como me eu sinta por suas mentiras nem como se sente você por mim. trata-se do Jake e de seus direitos -Christien levantou uma mão para fazer insistência em suas palavras-. Seu direito mais elementar é ter um pai que o cuide e você o negou.

Tabby se agarrou as mãos trementes. Tinha as Palmas úmidas, os olhos lhe ardiam e tinha a garganta tão seca, que lhe doía. Por muito que o tentasse, não podia sustentar o olhar do Christien. Era como se a tivesse agarrado da

garganta e lhe tivesse arrebatado todas as desculpas antes de chegar às pensar. Jake e seus direitos. Tinha que reconhecer que não tinha pensado no direito de seu filho a conhecer seu pai até fazia pouco tempo, quando compreendeu que Jake logo começaria a fazer perguntas.

-Tal e como te comportava comigo, pensava que não queria saber nada dele.

Tabby sabia que aquilo soava a acusação, mas não podia evitá-lo porque não acreditava que fosse justo que ele se negasse a reconhecer que a forma de tratá-la tinha influenciado em sua opinião sobre ele.

-Isso não podia decidi-lo você...

-De acordo, fui à investigação do acidente decidida a te dizer que foi o pai de meu filho, mas você não me concedeu nem cinco minutos de seu tempo...

Os rasgos do Christien se esticaram, mas se manteve firme em sua posição.

-Essa não é a questão...

-Essa é exatamente a questão! -rebateu-lhe Tabby com violência ao recordar a tremenda humilhação que sentiu aquele dia-. Estava preparada e desejando te dizer que foi o pai do Jake. Acredito que deveria recordar quão grosseiro estive comigo aquele dia.

-Eu não fiz nem pingente nada.

-E nada foi o que te mereceu e recebeu por me tratar como se não te chegasse à sola do sapato. Quase te supliquei que falasse comigo em privado apesar de que toda sua esnobe família e seus amigos me olhassem com se eu tivesse sido a culpado do acidente e não meu pai.

Christien estava rígido e pálido de ira.

-Esse dia estava muito preocupado pela dor de ter perdido a meu pai para me ocupar do comportamento de outros.

-Importava-te um rabanete! Eu tinha dezoito anos, estava em um país estrangeiro e também estava sofrendo pela perda de meu pai -Tabby tremia de fúria-. Mas então te comportou como se tivesse o monopólio do sofrimento. Você perdeu a seu pai, mas pôde conservar uma lembrança dele cheio de respeito e carinho. Eu nem sequer pude ter isso porque meu pai se embebedou e tinha destruído muitas vidas.

Christien estendeu as mãos com um gesto de rechaço.

-Não me dava conta de como se comportavam outros. Se crie que detrás de meu comportamento daquele dia só havia dor... !

-Não me grite! -interrompeu-o Tabby cheia de ira.

Christien soprou e ficou paralisado e perplexo pelo som que chegava do piso de acima. Tabby reagiu antes e subiu as escadas a toda velocidade. Encontrou-se ao Jake sentado na cama e com as bochechas cheias de lágrimas.

-O carro me atropelou!

Tabby compreendeu o que lhe tinha produzido o pesadelo e o abraçou com força.

-Só era um sonho, Jake. O carro não te atropelou. Está bem -assegurou-lhe com um sorriso tranquilizador.

Entretanto, embora Jake tinha deixado de chorar, custava-lhe respirar e, como ainda não estava acordado de tudo, essas dificuldades o assustavam mais.

Capítulo 7

CHRISTIEN ficou paralisado ao ver o Jake, que lutava por colocar ar em seu pequeno peito. Christien não tinha nem idéia do que era o medo, mas sentiu

um medo penetrante como um disparo por seu filho. Viu que Tabby agarrava o que parecia um inalador e o dava ao menino. Ao menino dele.

-O que lhe passa? O que posso fazer? -perguntou Christien, que se sentia angustiado.

-Não faz falta que faça nada. Jake está bem -o tom gritão do Tabby tentava dissimular sua própria angústia-. Só é um leve ataque de asma e o broncodilatador lhe ajudará a passá-lo.

Christien era incapaz de ficar de braços cruzados, saiu ao patamar e chamou um médico com seu telefone móvel.

Os problemas respiratórios do Jake remeteram, mas ele não podia apartar o olhar de seu filho. Tinha o aspecto inconfundível de um Laroche. Tinha um redemoinho de cachos negros no nascimento do cabelo, como ele. Tinha uns olhos como os de sua avó materna: escuros e muito expressivos. Sua pele era morena, ao contrário que a do Tabby, e seus rasgos já se pareciam com os que tinha visto nos retratos de seus familiares. Entretanto, parecia frágil em comparação com ele, quem não tinha muita relação com meninos, mas pensou que sua enfermidade teria condicionado o crescimento de seu filho.

A tensão do Tabby começou a dissipar-se quando Christien se sentou ao outro lado da cama do Jake como se fora o mais normal do mundo. Jake olhou com os olhos como pratos a aquele homem vestido com um traje cinza.

Ao Tabby chateava que fizesse notar sua presença quando tinha conseguido acalmá-lo.

-Jake... Ele é...

Christien agarrou a mão ao Jake e tomou ar.

-Sou seu papai... seu pai... Christien Laroche.

-Christien! -exclamou Tabby com o tom mais tranquilo que pôde-. Se lhe causar um choque, poderia lhe provocar outro...

-Papai...?

Jake olhava ao Christien com uns olhos totalmente abertos.

-Papai... Pode me chamar como quer.

Christien se sentia satisfeito de ter reclamado seu lugar na vida de seu filho e lhe aconteceu o polegar pela mão que sujeitava. Sorriu e Jake também esboçou um sorriso.

-Você gosta do futebol? -perguntou-lhe Jake cheio de esperanças.

-Não me perco nem uma partida -mentiu-lhe Christien sem vacilar.

Tabby se sentiu marginada e comprovou sem sair de seu assombro que a diferença entre os três anos de idade e os vinte e nove não era tão grande como o mero desinteresse da mulher pelos esportes, mas Christien era capaz de vender areia no deserto. Soou um timbre e Tabby deu um coice porque até então não se deu conta de que a casa tivesse timbre.

-Certamente seja o médico -afirmou Christien.

-Chamaste ao médico? -perguntou-lhe Tabby um pouco molesta.

-Não vá, papai -pediu- Jake ao Christien.

Tabby baixou e abriu a porta a um médico muito amável. Christien, com o Jake em um de seus braços, saudou-o do alto das escadas e, a partir desse momento, dado que o diálogo em francês era muito rápido para ela, Christien se ocupou de tudo. Ao Tabby só a tiveram em conta para lhe perguntar pelo tratamento que lhe tinham dado em Londres.

Por fim, Tabby acompanhou ao médico até a porta e voltou para a habitação de seu filho. Christien se levou um dedo aos lábios para lhe indicar silêncio. Seu filho se dormiu nos braços de seu pai. Tabby ficou impressionada de que Christien se ganhou tão logo a confiança de seu filho.

-Me deixe que o deite.

-Não acredito que seja uma boa idéia que se possa despertar outra vez - replicou Christien.

Tabby teve vontades de lhe arrebatá-lo a seu filho, mas se envergonhou de ser tão possessiva.

-Não estará cômodo convexo com ele.

-Por que não? Acaso é você quão única pode mostrar seu carinho maternal? -perguntou-lhe Christien com a delicadeza do veludo e um olhar sarcástico por cima da cabeça de seu filho-. Tenho que recuperar muito tempo com o Jake. Não vou desperdiçar nenhuma oportunidade. Se ele estiver cômodo, eu ficarei aqui convexo toda à noite e não me importará quão incômodo eu esteja nem o que te pareça.

Lhe ardiam as bochechas. Tinha-a desafiado, mas era uma provocação que não ia aceitar ainda. Estava movendo-se por um território que não conhecia. Christien tinha aceito ao Jake como seu filho sem pedir nenhuma demonstração e isso era um bom sintoma. Também era natural que se zangasse, disse-se a si mesmo. Era possível que levemente ele levasse bem a situação, mas tinha que estar impressionado e necessitava algum tempo para adaptar-se. Seria um

disparate que ela discutisse com ele antes de que tivesse a ocasião de fazer-se à idéia do que significava ser pai.

Tabby se sentou na poltrona que havia junto à parede. Queria embalar ao Jake e convencer-se de que estava bem, mas estava em braços do Christien e ela se sentia impotente.

-Não fazia falta que chamasse um médico. Foi um ataque muito leve...

Christien a olhou retadoramente.

-Posso me permitir a melhor atenção médica para meu filho e penso fazê-lo se acredito necessário. Eu gostaria que o vissem um par de especialistas. Quero estar seguro de que recebe o melhor tratamento possível.

-Não pensa que primeiro deveria consultá-lo comigo?

Tabby estava fazendo um esforço enorme por não ser irracional.

-Durante três anos e meio, você tomaste todas as decisões e não me impressiona sua capacidade de julgamento.

Tabby apertou os dentes.

-Não é justo.

-Mantiveste-nos separados ao não me dizer nada de sua existência e por isso se viu privado de muitas vantagens que tinha que ter desfrutado desde seu nascimento. Como esperas que seja justo? Foste justa com ele?

-Na vida há mais costure além do dinheiro. Nosso filho teve muito amor.

-Um amor muito egoísta -disse Christien com certo desprezo-. Minha família e eu o teríamos amado. Também o privaste que sua herança cultural.

-De que demônios está falando?

Tabby o olhava fixamente, mas tinha um nó na garganta.

Christien a olhou lúgubrememente.

-Não fala francês nem bretão. É o único descendente de sua geração de uma linhagem antiga e orgulhosa. Significará muito para minha família.

-Está seguro? Está seguro de que gostarão de saber que tem um filho ilegítimo com uma filha do Gerry Burnside ?

-Na França, os filhos nascidos fora do matrimônio têm os mesmos direitos de herança que os nascidos dentro dele. Certamente, a minha família surpreenderá mais saber que tenho um filho ao que conheci hoje, um filho que não fala uma palavra de nosso idioma e que não sabe o é ser um Laroche - rematou Christien com uma convicção gélida.

Tabby sentiu um calafrio que lhe percorreu o espinho dorsal até alcançar seu ventre e deixá-la fria e vazia. Olhou-os. Viu que Christien lhe acariciava os

cachos e comprovou que lhe tremia a mão, que não tinha tanto domínio de si mesmo como queria lhe fazer acreditar.

-Parece-se muito a ti -disse sem poder evitá-lo.

-Sei -Christien a olhou com recriminação-. Como pudeste nos fazer isto?

-Christien...

-Não. Me escute -interrompeu-a Christien sem levantar a voz porque sabia que não o fazia falta-. Desde que se concebeu, merecia-se o melhor que os dois pudéssemos lhe dar. Suas necessidades estavam por cima de seus desejos e meus. Tinha que ter reconhecido isso antes de que nascesse, mas agora que sou parte de sua vida, você não poderá esquecer o que e quem é o prioritário.

Soou ameaçador. Tabby quis discuti-lo e saber a que se referia exatamente. Entretanto, tinha-lhe dado suficientes dados da crua realidade como para que se parasse a pensá-los. Não obstante, ele era um homem e ela pensava que era impossível que compreendesse humilhada e ofendida que se sentiu o dia da investigação do acidente. Fazia que se sentisse à altura do betume e violentamente protetora do Jake. Ela tinha dado por sentado que Christien a teria desprezado mais se lhe houvesse dito que tinha dado a luz a seu filho.

Quando Tabby despertou, estava tombada em sua cama, completamente vestida e com uma manta por cima. Christien deveu deitá-la depois de que ficasse dormida. Eram mais das nove da manhã e se levantou. A cama do Jake estava vazia e seu pijama no chão. Franziu o cenho, baixou as escadas e descobriu que estava sozinha na casa. Sentiu pânico ao lembrar-se de que Christien a tinha acusado de ser uma seqüestradora e apenas se atreveu a ler a nota que havia sobre a chaminé. Dizia que tinha levado ao Jake a dar um passeio no Ferrari. Recuperou o fôlego lentamente. Tranqüilizou-a um pouco que Christien fizesse algo tão imprevisível e masculino.

Era um dia ensolarado, tomou um vestido verde de verão do armário e foi tomar banho. Christien estava muito zangado com ela. Chegaria ele a superá-lo? Chegaria a ver as coisas desde seu ponto de vista e a compreender que tinha feito o que lhe parecia melhor para o Jake? Seria Jake seu único vínculo a partir desse momento? Pelo menos parecia que Christien queria forjar uma relação com o Jake, disse-se como consolo. Isso era o mais importante, mas os olhos lhe ardiam pelas lágrimas que não derramava.

Ouviu um carro e foi correndo até a porta, mas ficou atônita ao ver o Manette Bonnard que subia o caminho com um pacote na mão.

-Queria lhe agradecer sua amabilidade e sua compreensão de ontem. Espero que não lhe importe, mas trouxe um presente para seu filho. Posso falar com você, mademoiselle?

Tabby, perplexa, convidou-a a passar com um sorriso vacilante.

-Temo-me que ontem lhe ocultei minha verdadeira identidade. Estava muito envergonhada para reconhecer quem era -confessou-lhe atropeladamente-. Não me chamo Manette Bonnard. Sou a mãe do Christien, Matilde Laroche. Tabby deixou escapar uma exclamação de surpresa.

-Vim até aqui para espiá-la. Acreditava que você não tinha direito a estar nesta casa. Acreditava que não tinha direito a estar com meu filho.

Tabby se perguntou se ela saberia que seu filho tinha passado ali a noite e não pôde olhá-la à cara, mas, o que foi pior, tampouco soube o que lhe dizer.

-Embora não a conhecia nem sabia nada de você, durante anos me convenci de que a odiava por ser quem era.

Os olhos da mulher se empanaram de lágrimas e Tabby tomou a mão trememente com um gesto de compaixão.

-Entendo-o... Realmente o entendo...

-Estava louca de dor e me ceguei, mas possivelmente também temesse perder a meu filho quando não queria me separar dele -Matilde tomou fôlego entre cortadamente-. Entretanto, isso não é uma desculpa. Quando ontem vi quão jovem é você, fiquei surpreendida, mas me impressionou conhecer seu filho.

A mãe do Christien tirou uma fotografia da bolsa e a deu ao Tabby. Ela viu a imagem do Christien quando tinha cinco ou seis anos sem poder ocultar a fascinação.

-Jake é a viva imagem de seu pai -comentou Matilde.

Tabby sorriu ao lembrar do presente que lhe tinha levado ao Jake e a aceitação que isso significava.

-Certamente.

-Estou envergonhada de meu comportamento. Quando reconheci a meu neto, senti que para mim era um castigo merecido -reconheceu Matilde com arrependimento-. Desde quando o conhece Christien?

Tabby fez uma careta.

-Temo-me que não o disse até ontem à noite.

-Faz muito tempo, Solange, minha tia, quis me falar do Christien e de você, dos acidentes que podem acontecer e de que devemos saber perdoar e seguir

adiante, mas eu era muito teimosa e tinha muita compaixão de mim mesma para escutá-la.

O rosto do Matilde Laroche refletia o remorso.

Tabby obrigou a mulher a sentar-se.

-Henri conduzia muito depressa, muito para poder parar se passava algo.

O silêncio se espessava e Tabby reuniu todo seu valor para falar.

-Aquela noite, durante o jantar, meu pai teve uma discussão horrorosa com minha madrasta. Ela saiu do restaurante dando uma portada e tomou um táxi para voltar para a granja.

-Por isso ela não ia no carro -Matilde sacudiu lentamente a cabeça-. Sempre me tinha perguntado isso.

-Não quero desculpar a meu pai, mas eu gostaria que soubesse que nunca lhe tinha visto beber em excesso até aquelas férias -disse Tabby com um tom acalmado-. Meu pai se casou ao pouco tempo de morrer minha mãe. Aquele verão, ele era muito infeliz. Minha madrasta e ele não se levavam bem e acredito que começou a beber porque se deu conta de que seu segundo matrimônio tinha sido um engano espantoso.

-Era feliz com sua mãe?

-Muito -os olhos do Tabby se empanaram de lágrimas-. Estavam gastando-se brincadeiras constantemente. Ficou destroçado quando ela morreu. Acredito que se casou tão logo porque se sentia sozinho e não podia suportá-lo.

-Eu me senti assim quando Henri morreu -sussurrou Matilde enquanto lhe dava uns tapinhas na mão por sua franqueza-. Eu tampouco pude suportá-lo e após só vivi para lamentá-lo. Quando vi o Jake, compreendi que a vida tinha seguido seu curso sem mim e que eu tinha causado muita infelicidade a meus seres queridos, uma infelicidade que não se mereciam.

-Não está preocupada com o Jake, verdade?

Matilde a olhou surpreendida.

-Por que ia estar? É um menino maravilhoso e estou encantado de ter um neto.

-Christien o levou esta manhã -explicou-lhe Tabby.

A mulher se levantou.

-Não quereria ser uma moléstia e estar aqui quando chegassem, mas estou segura de que terá adivinhado, se for suficientemente generosa para reconhecê-lo, que eu adoraria ter a oportunidade de conhecê-la melhor, assim como a meu neto.

Tabby sorriu.

-Também nós gostaríamos.

-Vai lhe dizer a meu filho o que passou ontem?

-Não. Acredito que não é bom que Christien saiba absolutamente tudo.

Tabby o disse antes de pensar que ao melhor essa brincadeira não gostava a sua mãe.

Entretanto, o olhar do Matilde tinha um brilho de surpresa, mas também algo zombador e soltou uma gargalhada enquanto se despedia do Tabby.

Tabby foi ficando mais nervosa à medida que passava a manhã e Christien e Jake não voltavam. Não parava de repetir-se que era uma tolice pensar que Christien se levou ao Jake para lhe dar uma lição, mas sua imaginação não a deixava em paz. Era meio-dia quando ouviu que se aproximava um carro e saiu correndo à porta.

Christien, embainhado em uns jeans negros que pareciam sua segunda pele e com uma camiseta, desceu-se de um Aston Martin V8 e tirou o Jake da cadeira que tinha adaptado ao assento traseiro. Tabby ficou boquiaberta. A última vez que tinha visto seu filho, este tinha um arbusto de cachos negros, entretanto tinha passado por uma barbearia e já não ficava nem um cacho.

-O que lhe tem feito? -perguntou-lhe acusadoramente.

Christien a olhou com a cabeça inclinada.

-Acabei com esse penteado de neném. Ao melhor não deste conta, mas os meninos não levam cachinhos esta temporada.

-Tinha pinta de neném.

Jake o disse exatamente igual ao haveria dito seu pai, até no acento. Logo, seu filho adotou a mesma atitude impertinente que seu pai.

-A pinta depende de quem o olhe -replicou Tabby.

-Um neném é um neném -insistiu Christien.

Tabby interpretou que Christien estava disposto a rebater qualquer insinuação de que se havia extralimitado em suas atribuições de pai. Entretanto, Tabby estava contente de que houvessem tornado e, pelo bem de seu filho, podia passar por cima a belicosidade do Christien. Olhou aos dois homens donos de seu coração e não pôde evitar querê-los. Sentia falta dos cachos de seu filho, mas tinha que reconhecer que seu aspecto era mais masculino. Christien estava irresistível. Lhe secou a boca. Lhe acelerou o pulso. Lembrou-se do que tinha sentido no sofá e lhe fraquejaram os joelhos.

-A que hora lhes levantastes esta manhã? -perguntou Tabby para pensar em outra coisa.

-Jake se levantou às sete e o levei a tomar o café da manhã. Fecha a porta de casa -pediu-lhe Christien-. Quero te levar a dar uma volta.

Tabby fez o que lhe tinham pedido e se montou no assento do passageiro do impressionante carro.

-Aonde mais fostes esta manhã?

-Papai me ensinou seus carros. Eu tenho carros de brinquedo e ele tem carros de verdade.

Jake já o chamava «papai» e o fazia com verdadeiro orgulho. Pela extremidade do olho viu que Christien sorria cheio de satisfação. Evidentemente, tinham passado uma manhã para afiançar os vínculos masculinos em que tinham ido à barbearia e tinham falado de carros. Estava encantada de que se levassem assim de bem.

Christien atravessou uma impressionante porta com duas torres e Tabby ficou um pouco tensa,

-Onde estamos? -perguntou ela embora já sabia porque ao fundo do caminho podia ver-se o château.

-Estamos em casa! -exclamou Jake.

-Como... Diz? -balbuciou Tabby.

-Duvernay. Tinha que me trocar de roupa e traje ao Jake antes de ir tomar o café da manhã -comentou Christien como se fora o mais normal do mundo.

Imaginou ao Christien em um café enquanto Jake tentava imitar todos seus gestos elegantes.

-É muito grande... -seguiu Tabby

-Onde vou dormir? -perguntou Jake.

-Já lhe ensinarei isso mais tarde -respondeu-lhe seu pai.

Tabby ficou geada. Christien parou o carro, desceu de um salto e tirou o Jake. Uma mulher bastante corpulenta e muito sorridente se aproximava deles. Christien apresentou ao Tabby e ao Fanchon, que tinha sido sua babá quando era menino. Jake deu confidencialmente a mão à mulher e, ante o olhar atônito do Tabby, foram-se para o jardim.

-Queria falar contigo sem que Jake estivesse presente -explicou-lhe Christien.

Tabby se parou no meio do enorme vestíbulo e olhou ao Christien com os olhos cheios de fúria.

-Por que meu filho perguntou onde vai dormir e por que há dito que esta é sua casa?

-É muito difícil manter um segredo quando sabe um menino de três anos - Christien abriu uma porta e se apartou para que ela passasse.

-O que ouvi é mais uma fantasia que um segredo! -replicou Tabby enquanto entrava em uma habitação repleta de antiguidades.

-É? Meu filho pertence ao Duvemay.

Tabby se encontrou com o olhar do Christien e sentiu um formigamento no estômago.

-No momento, nosso filho está comigo...

-E assim será durante muito tempo -havia algo em sua entonação que fez que ela sentisse um calafrio-. Os meninos necessitam a suas mães tanto como a seus pais.

-Obrigado por seu voto de confiança -Tabby inclinou a cabeça, mas o coração lhe tinha acelerado-. Embora tenha que reconhecer que não sei por que toma a moléstia em me dizer isso.

Christien estava muito quieto.

-Estou disposto a ser muito generoso e a te fazer uma oferta.

-Não dou muita importância a suas ofertas -afirmou sinceramente Tabby.

-Pode escolher que a situação a eu exponha ou meus advogados -ofereceu-lhe Christien com toda delicadeza.

-Não há nenhuma situação -Tabby apertou tanto os punhos, que se cravou as unhas nas Palmas das mãos-. Fui eu quem te disse que Jake é teu filho e pode vê-lo sempre que quiser. Me alegro de que queira estar com ele e não entendo por que tem que falar de advogados.

-Quero que Jake e você vivam comigo.

Ela deixou escapar uma risada de desconcerto.

-Não sempre pode conseguir o que quer.

-Não? -Christien arqueou uma sobrancelha-. Se não poder aceitar que tenho o direito de fazer ofertas que me permitam ver mais a meu filho, não vais deixar me outra alternativa que pedir a custódia legal.

Essa vez, Tabby não teria podido rir nem que sua vida dependesse disso.

Capítulo 8

TABBY se assustou ao pensar em ter que lutar pela custódia do Jake porque ela só podia lhe oferecer amor. Tentou manter a calma.

-Qual é exatamente sua oferta?

Christien sorriu como se já a tivesse submetido a sua vontade.

-Jake e você devem viver comigo.

-Viver contigo? -repetiu Tabby-. O que significa isso para mim?

-Comprarei-te caixas e caixas de lingerie sexy, desfrutará de todo o sexo que possa agüentar... E de uma vida que qualquer mulher invejaria.

-O que passará quando te aborrecer?

-Seguiremos sendo civilizados.

-Eu não sou civilizada. Nestes momentos, quero te assassinar por ter o valor de insinuar que eu aceitaria essa oferta.

-Embora seja o que quer? Se não, por que veio a Bretanha?

-Como diz?

-Podia ter vendido a casa e não aparecer por aqui. Entretanto, trouxe para seu filho a três quilômetros do Duvernay. Sua eleição fala por si só -Christien a olhou como se soubesse tudo-. É evidente que queria ficar comigo tanto como eu a ti.

-Não é verdade! -gritou Tabby.

-Voltou a te deitar comigo assim que pôde.

-Te apodreça, Christien -Tabby passou junto a ele.

-Eu também me deitei contigo assim que pude. Não deixo de te desejar nem um segundo embora esteja furioso contigo.

-Nem um segundo? -perguntou-lhe Tabby involuntariamente.

-Inclusive sonho contigo.

Tabby dissimulou um sorriso. Se ele só podia sentir desejo por ela, alegrava-se de que isso fosse um tortura constante para ele. Entretanto, era possível que ela tivesse tido o desejo subconsciente de voltar a vê-lo em Bretanha? Conhecia-a ele tão bem?

Fora como fosse, não podia expor uma relação sem nenhum compromisso. Tudo o que fazia repercutia no Jake e ele já estava sofrendo grandes mudanças. Ao levá-lo a França o tinha afastado de tudo o que conhecia. Entretanto, tinha-o feito porque estava convencida de que, se começavam de novo, os dois sairiam ganhando. Voltar com o Christien tinha sido um engano, mas podia tragar-lhe e não repeti-lo. Jake sofreria se acostumava a que seus pais estivessem juntos e logo se separavam.

-Para o Jake seria difícil de suportar que nos metêssemos em uma relação que poderia resultar desastrosa ao cabo de uns meses.

-Estou seguro de que você faria um esforço para dizer a verdade sempre e não tontear com tipos em motocicletas -sussurrou Christien com certo tom sarcástico.

-Eu preferiria estar com um homem que não pensasse que é tão perfeito que eu tenho que fazer os esforços para que vão bem as coisas -seus olhos verdes tinham um brilho desafiante-. Não há nada mais que falar. É o turno de seus advogados.

Christien estava rígido pelo desafio. Agarrou-a pelas mãos e a atraiu para si. Tabby, desconcertada por que fizesse isso em meio de uma discussão tão séria, olhou-o com incredulidade.

-O que te pensa que está fazendo?

-Você saberá, ma belle.

Tabby notava claramente sua ereção. Sabia que tinha que apartar o de si, mas não podia reunir a força de vontade para fazê-lo. O desejo mais ardente estava apoderando-se do mais profundo dela. Lhe afundou os possessivos dedos na juba cor caramelo e se apropriou de sua boca espectador. Arrastou-a ha uma paixão tão repentina e profunda, que deixou escapar um ofego de voracidade e medo. Queria submeter seu corpo esbelto e poderoso, seduzi-lo até a loucura e, logo, tombar-se em qualquer superfície horizontal como uma recompensa luxuriosa e disposta. Entretanto, a própria intensidade de seu desejo a assustou tanto, que se separou bruscamente dele.

-De acordo -Christien o disse como se essa capacidade nova de resistir a ele fora o mesmo que lhe pôr uma pistola na cabeça-. Viver comigo inclui uma aliança de casamento.

Tabby piscou lentamente e sentiu vertigem.

-Não sei muito de propostas, mas acredito que teria que havê-lo dito faz uns dez minutos. Era uma proposta de matrimônio... Verdade?

Christien se passou os dedos pelo cabelo e a olhou com uma intensidade abrasadora.

-E o que ia ser se não?

Tabby fez todo o possível por apartar o olhar de seus rasgos arrebatadores.

-Está seguro?

-Se nos casarmos, Jake terá uma família como Deus manda.

Christien vivia na deliciosa fantasia de ter ao Tabby as vinte e quatro horas do dia. Imaginava na cama com dossel, acudindo a Paris para reunir-se

com ele em seu piso nos momentos que tivesse livres, acompanhando-o a viagens de trabalho...

Tabby seguia impressionada e temerosa de acreditar que falava a sério.

-Sim, mas...

-Nosso filho necessita aos dois.

-Também necessitaria uma babá, disse-se Christien em uma interrupção do que começava a ser um sonho erótico.

Um aliança de casamento seria um verdadeiro compromisso por sua parte, disse-se Tabby. Começou a notar que lhe alagava uma sensação de felicidade. Por que Christien não lhe tinha deixado claro desde o começo que estava falando de matrimônio? Teve a ligeira suspeita de que a idéia do matrimônio lhe podia ter surto como um último recurso para deitar-se com ela e dessa forma apaziguá-la.

Tabby não podia olhar ao Christien. ficaria furioso, com toda a razão, se adivinhava o que estava pensando. Ao mesmo tempo, custava-lhe acreditar que estava disposto a renunciar a sua liberdade só pelo Jake. Inclusive, se o fizesse, necessitaria algo mais que sexo e uma louvável vontade de ser um bom pai para manter um matrimônio. Não estaria julgando mal ao Christien? Possivelmente não estivesse apaixonado por ela, mas possivelmente sim sentisse carinho por ela.

-E nós? -perguntou bruscamente Tabby.

-Nós? -Christien parecia desconcertado.

-Você e eu... O que sente por mim? -balbuciou Tabby.

Christien deixou escapar uma risada rouca e a olhou luxuriosamente de cima abaixo.

-Apetite -grunhiu sem duvidá-lo.

-Não refiro a isso. Quando te perguntei o que sentia por mim... -Tabby fez um esforço porque estava claro que ele não ia ajudar ao mais mínimo.

-Aonde quer chegar?

-Mmm... Amor -Tabby conseguiu dizê-lo.

Christien se tornou atrás imediatamente.

-O que tem que ver o amor?

Ao Tabby lhe caiu a alma aos pés. Era como uma portada nos narizes de seus sonhos. Só mencionando o amor, ele se replegava e não podia dissimular seu rechaço.

-Necessitarão-se dez dias para organizar a cerimônia civil -comentou Christien.

-Ainda não aceitei.

Christien, transbordante de segurança, olhou-a com uns olhos zombadores.

-Farei os preparativos... Agora, te aproxime.

Christien começou a atrai-la para si enquanto a devorava com o olhar. Tabby tomou fôlego. Sabia que era um momento decisivo em sua relação com ele. Nunca tinha planejado nada com ele nem lhe tinha exigido nada. Entretanto, tinha que pensar no Jake. O próprio Christien havia dito que as necessidades de seu filho eram mais importantes que seus desejos egoístas. Ela não acreditava que seu matrimônio durasse mais de seis meses se só se apoiava no sexo.

-Neste instante, não estou aceitando me casar contigo.

Christien franziu o cenho e se separou dela.

-Então, o que está fazendo?

-Eu gostaria de aceitar, mas acredito que não posso. Não temos bastante em comum...

-Temos um filho e uma atração sexual que joga faíscas!

-Se não funcionar, fará muito machucara ao Jake. Muitos maridos e mulheres acabam odiando-se quando se separam...

-Sempre é tão otimista?

-Estou dando prioridade ao Jake, como há dito que tínhamos que fazer - Tabby levantou o queixo-. Se me casar contigo, sei o que farei todo o possível para que saia bem, mas não estou segura de que você vai fazer.

Christien estava ficando muito nervoso.

-Por que não?

-Está muito mimado. Tudo é muito fácil para ti.

É bonito, rico e triunfador e não está acostumado a te esforçar pelas relações.

A firme mandíbula do Christien tinha adotado um ar agressivo.

-Mas, naturalmente, poderia fazer um esforço se tivesse que fazê-lo.

-Me arrastar até a cama mais próxima não o seria -replicou Tabby com certo abafado, embora sabia que tinha que dizê-lo.

-Desde quando te arrastei? Estamos dando voltas ao mesmo assunto.

-Não, você não escuta o que te digo. Quero me casar contigo, mas não se isso significar que Jake acabe pagando o engano que cometi eu...

-Não posso te dar nenhuma garantia milagrosa.
-Se me amasse, não a necessitaria.
-Posso te fazer feliz sem amor -sussurrou Christien com grande convicção.
-Até onde estaria disposto a chegar para me fazer feliz? -ao Tabby lhe tinha ocorrido algo.
-Não me joga atrás.
Pelo menos, consolou-se Tabby, era bastante improvável que Jake, se herdava a segurança de seu pai, padecesse de falta de auto-estima.
-Há dito que se necessitarão dez dias para organizar as bodas. Tem esse tempo para me convencer de que tenho que me casar contigo.
-Te convencer? -Christien franziu o cenho-. Nem pensar.
-Tem desde hoje até a cerimônia para me convencer... Enquanto, ocuparemos camas separadas -acrescentou Tabby.
O silêncio era estremecedor.
Christien a olhou com um brilho zombador nos olhos.
-É uma brincadeira, verdade?
Tabby ficou séria.
-Não é nenhuma brincadeira. Nunca tivemos uma relação normal...
-O normal são as camas separadas?
-O mero feito de que isso seja o primeiro que se preocupe demonstra que...
-Sou suficientemente sincero para reconhecer que as camas separadas não me atraem nada.
-Trata-se de estar juntos, de sair para jantar e essas coisas. Nunca o tenho feito -Tabby apertou os lábios-. Com ninguém antes de te conhecer, saía em grupo e logo fiquei grávida.
Christien ficou muito quieto.
-E depois de que nascesse Jake?
Tabby riu forçadamente ao dar-se conta do pouco que entendia como lhe tinha trocado a vida desde que foi mãe.
-As mães solteiras não são muito apreciadas pelos estudantes. Além disso, não tinha tempo para sair. Estudava, cuidava do Jake e trabalhava várias noites à semana para conseguir um pouco de dinheiro.
Christien começava a sentir remorso pela privilegiada existência que tinha tido e tinha dado por normal. Podia imaginá-lo que teria suposto para ele ser pai quando era quase um adolescente e se estremeceu. Ela teve que tomar uma responsabilidade imprópria de sua idade. Jake a tinha privado da liberdade e a

diversão. Além disso, tinha passado pela universidade e isso era um mérito enorme.

-Não pense que não me convidaram a sair, porque o fizeram! -queria que soubesse.

-Por que não o fez?

Tabby fez uma careta.

-Os meninos tendem a pensar que é fácil se já tiver um filho. Quando o compreendi, sair só era um problema.

Christien estava muito sério.

-Não tem que me responder, mas estiveste com alguém além de mim?

Tabby, surpreendida, levantou o olhar e se encontrou com os olhos do Christien. ruborizou-se e negou com a cabeça.

Christien sentiu uma opressão no peito e soprou com força. Deu-se a volta. Seu filho tinha sido como um cinturão de castidade. Estava envergonhado de alegrar-se. Compreendia que lhe tinha destroçado a vida quando tinha dezessete anos. Paradoxalmente, aquela tinha sido a única vez em que tinha crêdulo que seu amante tomaria precauções. Ele tinha pensado mais em seu prazer que na segurança.

-De acordo... -Christien tirou peito como um homem disposto a aceitar uma obrigação desagradável-. Demonstrarei-te que posso te fazer feliz sem sexo... Espero que não pense que eu também serei feliz.

-Ao melhor surpreende.

-Não acredito.

Comeram com o Jake em um grande comilão cheio de retratos de antepassados. Depois de comer, Christien chamou Tabby e foram tomar um avião a Paris.

-Não te zangue, mas Jake tem uma entrevista com um especialista esta tarde.

-Que rapidez... -Tabby não queria discutir nada que pudesse ser pelo bem de seu filho-. O dinheiro manda...

-Não neste caso. O especialista é um amigo da família.

Tabby se ruborizou. Foram à casa do Tabby para que pudessem fazer uma mala porque ele tinha proposto que passassem a noite em Paris. Fechou a cremalheira da bolsa e se voltou. Christien a olhava do gonzo da porta. Estava irresistivelmente atrativo. Lhe secou a boca e lhe contraíram os músculos do ventre.

-Nunca viverá aqui -assegurou ele.

Tabby se encolheu de ombros como se não lhe importasse.

-Sempre me exponho ganhar -sussurrou ele delicadamente.

Ela baixou as pestanas para proteger-se do olhar do Christien. O tensão sexual era muito intensa e lhe tinha desbocado o coração. Tomou fôlego entrecortadamente. Os mamilos lhe tinham endurecido contra o prendedor e sentiu que as bochechas lhe ardiam.

Ele estendeu uma mão, ela a agarrou e deixou que a atraísse contra si.

-Não podemos -disse ela hesitantemente.

-Um beijo...

Tabby podia ouvir o Jake que jogava com os carros no piso de abaixo. Christien se inclinou, ela notou seu fôlego nas bochechas. Estava tão excitada, que deixou de respirar. Sem lhe pôr uma mão em cima, beijou-a nos lábios e se deleitou com o anseio com que ela os separou para lhe oferecer seu ardente interior. Ela se estirou para ele rendida ao penetrante movimento de sua língua e ao palpitar que sentia entre as coxas.

-Christien... -resmungou hesitantemente Tabby.

-Deixa de te comportar como uma descarada... É nosso primeiro encontro.

-Nosso primeiro encontro? -repetiu Tabby. Christien franziu o cenho.

-Pediste-me o que chamaste uma relação normal...

Tabby estava aniquilada.

-Pedi-te isso?

-Uma petição que era um desafio para que refizera o que parece ser que fiz muito mal faz quatro anos.

-Assim... Assim foi.

Christien riu.

-Será melhor que aprenda a te negar de forma muito clara necessitam-se duas pessoas para isto e vou necessitar toda a ajuda do mundo.

Tabby, assombrada e contrariada, agarrou a bolsa que tinha a seus pés e baixou as escadas. Começava a pensar que o das camas separadas tinha passado de ser uma precaução de sentido comum a ser uma condição bastante ingênua. Começava a convencer-se de que, naquele aspecto, não era superior a ele; possivelmente o amasse, mas quanto ao desejo era tão culpado como ele.

CAPITULO 9

TABBY e Christien foram a Paris com o Fanchon, a babá. O especialista examinou brevemente ao Jake e o citou ao dia seguinte para os resultados.

Christien tinha uma casa do século XVII na Ile do St-Louis. Estava em um sítio incrível sobre o Sena. Disse ao Tabby que tinha que responder algumas chamadas e a deixou vestindo-se para o jantar. Ficou um apertado traje branco

com um cinturão de couro e, quando agasalhou ao Jake, o menino lhe desejou as boas noites em francês.

Christien, muito atraente com um traje impecável, aproximou-se dela para saudá-la quando entrou no impressionante salão. Um homem, corpulento e ancião, sorria junto a umas bandejas cheias de anéis que tinha colocado junto à janela para que recebessem a melhor luz natural.

Christien tomou levemente da cintura.

-Quero que escolha o anel de compromisso.

-Está sendo muito convencional -sussurrou ela.

-Possivelmente muito. Se o preferir, deixamos a idéia do anel -replicou ele com tom sério.

-Não seja tolo, era uma brincadeira.

Tabby se inclinou sobre os anéis e se apaixonou por um diamante sobre um anel art déco.

-Não te precipite -repreendeu-a Christien, que não se confiava nos impulsos.

-Não, eu gosto deste -insistiu Tabby-. É meu estilo favorito.

Mais tarde, Christien a levou a um restaurante muito elegante para jantar.

-Isto é o que teria que ter feito a primeira noite -reconheceu ele-, mas não podia me conter.

-Não falemos dessas coisas.

Tabby estava quase sem fôlego ao vê-lo com sua segurança sedutora.

-Quero me casar contigo -disse lacônicamente Christien-. Realmente o quero.

-Mas eu não quero que seja só pelo Jake ou por...

Não disse a palavra «sexo» porque se deu conta de quão injusta era. Ele não a amava, mas ela estava sendo insistente como se dessa maneira pudesse trocar as coisas. Se o desejo e seu filho eram tudo o que tinha, possivelmente tivesse que ser mais realista.

Logo que acabou de que comer. Viu que outras mulheres o olhavam e admiravam sua elegância e atraente. Sentiu-se afligida pelo amor para ele.

-Vamos ao clube? -perguntou-lhe ele enquanto tomavam café.

-Não tenho vontades.

Desejava-o. Desejava-o tanto, que lhe doía negar-lhe Ele a seguiu ao quarto do Jake, recolheu do chão o velho cordeiro de pelúcia com o que Jake tinha

dormido desde que era um bebê, deixou-o junto a seu filho e lhe estirou os lençóis.

-Não posso me acreditar que seja nosso -disse Christien-. Quando olho ou penso nele, sinto-me tão maravilhado como quando eu era menino em Natal.

Ao Tabby brilharam os olhos.

-Eu acreditava que era a única encantada com ele.

Saíram ao corredor e Christien se parou um momento com o gesto muito sério.

-Se me falasse que estava esperando meu filho, eu não te teria falhado, mas o dia da investigação do acidente não confiava em estar a sós contigo...

-Por que? -sussurrou ela, dominada pela emoção.

-Estava muito furioso. Acreditava que me tinha enganado com o da moto. Essa convicção tinha destruído as melhores lembranças. Sentia uma amargura enorme e não queria que o notasse.

Tinha-a liberado do temor a que esse dia a tivesse rechaçado por ser a filha do Gerry Burnside. Sabia o orgulhoso que era, mas lhe havia dito mais do que certamente ele mesmo sabia. Todos esses meses, ele tinha estado furioso e amargurado por sua suposta traição. A duração desses sentimentos lhe indicavam que tinha sido algo mais que um amor do verão para ele.

-Mas me dou conta de que te pareci desumano. Não foi minha intenção. Não me dava conta de que esse dia podia te fazer danifico.

Ela ficou nas pontas dos pés, rodeou-lhe o pescoço com os braços e o olhou aos olhos.

-Sei. Obrigado pelo maravilhoso anel.

Christien, com um domínio de si mesmo desesperador, apartou-a um pouco.

-Amanhã temos que madrugar.

Era uma noite calorosa e nem sequer gostava de deitar-se. Essa mesma tarde, Christien lhe tinha ensinado o piso; havia uma piscina no porão. Baixou as escadas e iluminou a piscina. despiu-se, meteu-se na água e suspirou de agradar ao notar o frescor sobre sua pele reaquecida. deixou-se flutuar com os olhos fechados.

-Será melhor que saia da água se não quiser que faça uma loucura -avisou-lhe a voz áspera de Christien.

Ela abriu os olhos de em par e ficou de pé com um torpe chapinho. Ele estava de abaixado junto a borda da piscina com o peito nu e se levantou.

-Isto é o que uso em vez de uma ducha de água fria -seguiu ele-. Está olhando a um homem desesperado.

Ela se ruborizou ao ver a protuberância que se desenhava debaixo dos jeans negros. Ele se soltou o botão e se baixou a cremalheira com uma dificuldade evidente. Ela voltou a fixar-se na linha de pêlo negro que lhe dividia em dois o ventre. Apartou o olhar entre envergonhada e admirada por ele e nadou até os degraus. Quando saiu da água, deu-se conta de sua nudez absoluta e de quão provocador tinha que resultar para o Christien que nem sequer tivesse levado uma toalha para cobrir-se.

Christien estava imóvel. Ela tinha o cabelo úmido ao redor de seu rosto e sua pele tinha o resplendor voluptuoso de um pêssago amadurecido.

-Juro-te que não sabia que foste vir balbuciou Tabby-. Juro-lhe isso.

-Te levante... Não te tampe com as mãos... Me deixe ver o que quero ver...

Olhou-o aos olhos e notou que o coração lhe acelerava e a cabeça lhe dava voltas. Ergueu-se, deixou cair as mãos aos flancos e ouviu a respiração entrecortada do Christien com uma pontada de satisfação feminina.

-É nosso primeiro encontro -recordou-lhe ela.

-Assim sou um homem fácil... -ele não podia apartar o olhar de seus peitos e das gotas de água que lhe caíam dos mamilos-. Em realidade, sou muito fácil, sou dos que se entregam inteiramente no primeiro encontro.

-De verdade?

Tabby sentiu um calafrio embora tinha calor. Sabia que tinha que sair correndo. O estava deixando-o muito claro: se não se ia... Sentia-se como uma prostituta lasciva porque lhe fraquejavam os joelhos só de pensar em suas mãos direitas mãos sobre ela. Não sentia vergonha de expor-se a seu olhar e lhe parecia muito excitante.

Ele a beijou com um movimento inesperado, introduziu-lhe a língua entre os lábios com fruição sexual, com uma voracidade que fez que o sangue lhe fervesse como a lava. Estremecida pelo desejo, deixou que ele a levasse a banco almofadado que havia junto à parede, tombou-a e ele se agachou para lhe lambe as gotas de água que lhe percorriam os peitos e brincar com os turgentes mamilos. Separou-lhe as coxas para explorar a carne palpitante que se ocultava sob os cachos que cobriam sua intimidade feminina. Ela se ruborizou ao notar-se entregue a ele.

-Christien...

-Tornaste-te tímida... -brincou ele.

Encontrou a diminuta protuberância insuportavelmente sensível e arrancou um ofego de surpresa dela.

Sentia-se dominada por uma sensação ardente e quase dolorosa que lhe anulava os sentidos e fazia que lhe resultasse impossível concentrar-se em algo que não fora o prazer.

-Este é outro motivo pelo que tem que te casar comigo -grunhiu Christien transbordante de satisfação-. Está aqui às duas da manhã porque o desejo te impede de dormir, como acontece comigo. Somos um do outro.

-Mas...

-Não me venha com mais -disse-lhe Christien autoritariamente.

Introduziu-lhe um dedo na umidade abrasadora e ela se sentiu perdida. Utilizou a boca e a ponta da língua na parte mais sensível dela. Tabby se deixou arrastar e ofegou inverificado enquanto se aferrava ao cabelo do Christien. Estava apanhada por um prazer como não havia sentido nunca e não podia falar, não podia pensar, não podia assimilar nada que não fora a sensação incrível que estava experimentando. Então, quando já tinha perdido todo controle, ele a levantou como se fora uma boneca, deu-lhe a volta para colocá-la a seu gosto e lhe introduziu por detrás a pétrea ereção em sua vagem úmida e ofegante.

-Oh... Oh... -gritou Tabby enquanto ele entrava cada vez mais profundamente.

Sua dominação implacável era indescritivelmente excitante. Ele impôs um ritmo frenético que lhe fez perder a cabeça e alcançou o clímax até que todo o corpo se convulsionou com um orgasmo devastador. As pernas lhe derrubaram nesse momento. Christien deixou escapar uma risada, saiu dela, tombou-se no banco e voltou a colocá-la em cima dele.

-Excita-me tanto que me sinto como um animal -confessou-lhe ele com voz entrecortada.

Ela gemeu quando ele voltou entrar em suas palpitantes vísceras.

-Sou muito brusco? -perguntou-lhe com um grunhido.

-Não... O prazer me transborda -conseguiu balbuciar ela.

Christien lhe apartou o cabelo da cara, beijou-a e lhe separou um pouco as coxas para entrar mais dentro.

-A mim também, ma belle.

Ela voltou a recuperar o prazer desenfreado. Quando notou que o magnífico corpo do Christien se estremecia e se liberava, ela alcançou pela segunda vez a mesma intensidade de satisfação incontrolável. O êxtase foi tal, que notou que

os olhos lhe enchiam de lágrimas. Abraçou-o e, quando percebeu o aroma de sua virilidade ardente, compreendeu que nunca quereria deixá-lo partir.

-Esta noite também dormiremos juntos -disse Christien enquanto a beijava na cabeça-. Imagine que um dos dois morre amanhã, imagine como nos sentiríamos se tivéssemos dormido separados.

A idéia foi excessiva para o estado de ânimo do Tabby e soluçou.

-Nunca diga algo assim!

-Só era uma brincadeira -abraçou-a com todas suas forças.

Por um instante espantoso, a tinha passado pela cabeça a idéia de que ela tivesse estado no carro com seu pai aquela noite e como se teria sentido ele.

-Mas essas coisas passam.

-Já passamos quase uma eternidade de má sorte e voltamos a estar juntos.

Christien, entretanto, perguntava-se o que estava lhe passando. Por que falava e pensava daquela maneira? Era muito estranho. Sentia-se desassossegado pela quantidade de sensações desconhecidas que o embargavam. Naturalmente, gostava. O carinho não tinha nada de mau, não? Ela também desfrutava com esse tipo de coisas. Os abraços, as mãos entrelaçadas, as flores, todas essas suscetibilidades estúpidas e carentes de sentido. Abraçou-a, agarrou-a pela mão e decidiu que lhe mandaria umas flores pela manhã. Em realidade só satisfazia as necessidades dela e só um egoísta lhe negaria os pequenos detalhes que a faziam feliz.

Levou ao Tabby a uma ducha enorme.

-De dia pode ser tão formal como uma virgem vitoriana, mas de noite é minha.

Ela sentiu uma frouxidão doce e prazenteira. Ele a levou a dormitório envolta em uma toalha. Uma vez ali, desembrulhou-a como se levasse a cabo um ato simbólico e a tampou com os lençóis. Ele se tirou os jeans e se meteu junto a ela. Abraçou-a e Tabby se sentiu invadida por uma quebra de onda de segurança. Até que ficou dormida.

Christien despertou e viu que seu filho de três anos os olhava aos pés da cama.

-O que faz na cama de mamãe? -perguntou-lhe com os olhos como pratos.

-Teve um pesadelo -respondeu-lhe Christien sem muito convencimento.

-Onde está sua camisola?

-Lhe caiu... Enquanto tinha o pesadelo -explicou-lhe Christien embora sem poder reprimir o rubor.

Tabby, que também se despertou, pôs-se a rir.

-Deveria estar de meu lado -disse-lhe Christien pela comissura da boca.

-Tem que fazê-lo muito melhor para que esteja de seu lado -soltou Tabby, que começava a rir um pouco convulsivamente.

Christien a abraçou até que se acalmou. Tinha ao Tabby debaixo de um braço e ao Jake, que encontrava as risadas muito contagiosas, debaixo do outro. Possivelmente devesse chamar a sua mãe para lhe dizer que ia casar se com a filha do Gerry Burnside. Não era um covarde, mas preferia lhe mandar uma nota e manter-se afastado até que se recuperasse de sua perda. Decidiu que o mais seguro e delicado seria chamá-la por telefone. Atreveria-se logo a levar ao Tabby para que a visitasse? Negava-se a ter em conta a possibilidade de que desprezasse ou ofendesse ao Tabby. Deveria lhe dizer algo a respeito a sua mãe?

Essa tarde, Christien acompanhou ao Tabby e ao Jake ao piso de sua mãe. Não estava tão sombrio como a última vez que tinha estado ali. As cortinas já não estavam meio fechadas e algumas persianas estavam levantadas. Além disso, ficou impressionado quando sua mãe se aproximou dele para saudá-lo. Não só sorria, mas também já não ia vestida de negro como tinha feito durante os últimos quatro anos.

-Madame... -sussurrou Tabby enquanto lhe oferecia uma bochecha ao estilo francês.

-Tabby... -a mãe do Christien lhe deu um carinhoso beijo em cada bochecha-. Por favor, me chame Matilde.

Jake abriu os braços para lhe dar um abraço. Matilde se agachou e lhe disse que «avó» em francês se dizia «mamie».

Christien não podia acreditá-lo que estava vendo. Era impossível que sua mãe recebesse ao Tabby como a um membro da família a primeira vez que a via. Entretanto, aí estava sua mãe entusiasmada com o anel de compromisso e escutando o bate-papo do Jake, que a tinha arranca-rabo da mão.

Christien se esclareceu garganta e as duas mulheres o olharam com um gesto de inocente surpresa.

-Acabou-se o numero -disse Christien rotundamente-. Não vão enganar me. Não sou tão tolo. Já lhes conheciam!

-Como o adivinhaste? -perguntou-lhe ironicamente Tabby.

Christien tinha recordado a primeira vez que Veronique se encontrou com sua mãe depois do compromisso. Embora conhecia o Veronique da infância, educada-a recepção que lhe brindou sua mãe não tinha nada de carinhosa.

Christien olhou a sua mãe com certa surpresa.

-Você não gostava de Veronique, verdade?

Sua mãe ficou um pouco impressionada por sua falta de tato nessa situação e suspirou.

-Soube que era uma má desde que era uma menina.

-E como conheceste ao Tabby? -perguntou-lhe Christien enquanto se perguntava por que Veronique teria tão má fama entre as mulheres. Má...?

-Não faça perguntas e não lhe diremos mentiras -interveio Tabby em um momento no que ela, precisamente, morria de vontades por fazer uma pergunta. Veronique? Christien e sua mãe se referiam à mesma mulher que ela tinha conhecido na Dordoña?

Matilde disse que queria fazer uma festa para celebrar seu compromisso. Isso serve de distração, sobre tudo quando Christien se esforçava por calar a seu filho, que tinha começado a contar que sua mãe tinha tido um pesadelo tão horrível, que tinha perdido a camisola.

Uma vez fora do piso, Tabby e Christien entraram no elevador.

-Veronique... É a mesma Veronique que conheci faz uns anos?

Christien o confirmou com um gesto da cabeça.

Assim que ele tinha estado com outra mulher. Tabby se sentiu decepcionada. Veronique, efetivamente, era bonita, elegante e inteligente, mas também tinha sido fria e desagradável, como comprovou ela depois do acidente de carro quando subiu à vila com a esperança de voltar a ver o Christien. Entretanto, merecidamente ou não, Veronique tinha conseguido o que sempre tinha desejado: sua oportunidade de ser considerada pelo Christien algo mais que uma amiga. Não obstante, por uma vez, a vida tinha feito justiça, porque Christien estava evidentemente aturdido, disse ela com satisfação.

Mas essa satisfação deu passo a uma pontada de intranquilidade.

-Entendo que Veronique e você estiveram juntos faz um tempo e que eu não tenho nada que ver com sua ruptura, verdade?

-Não seja boba!

Christien tinha decidido que dizer toda a verdade só causaria desgostos. Tabby era feliz e, se soubesse o recentemente que tinha estado comprometido com o Veronique, sentiria-se muito desventurada.

Durante a festa de compromisso, Tabby se olhou no enorme espelho do salão do Duvernay. Um colar do Cartier uso déco, amabilidade do Christien, adornava seu pescoço e o vestido era de uma elegância que a emocionava. Era de um vermelho rubi, deixava os ombros ao descoberto e se cobria perfeitamente a seu corpo até conseguir que resultasse de uma vez sexy, feminina e elegante. Entretanto, se não tivesse sido pelo Matilde, nunca se teria atrevido a entrar no templo da alta costura da Rue St -Honore.

Tabby tinha desfrutado enormemente os oito dias anteriores e não tinha parado de fazer todo tipo de coisas. Tinha comido com o Christien debaixo de uma árvore de Las Tullerías, tinha visitado Disneyland com o Jake, tinha estado em museus incríveis e uma noite inesquecível tinha saído até ao amanhecer. Tinham falado de sua carreira como artista e se beijaram ansiosamente, como adolescentes, detrás das portas. Tinha estado com o Christien quase todo o tempo e tinha compreendido que tinha tido muito bom gosto quando se apaixonou por ele.

Ele havia se tornado muito romântico e não deixou de lhe mandar flores e lhe fazer presentes. Matilde a tinha recebido com os braços abertos e tinha conseguido que voltasse a sentir-se como parte de uma família.

Enquanto isso, independentemente de que ela ainda tivesse que aceitar formalmente seu matrimônio com o Christien, os planos de bodas tinham seguido seu curso impulsionados animadamente pelo Matilde. A aceitação do Tabby começava a parecer desnecessária. Dentro de trinta e seis horas, celebrariam uma cerimônia civil na prefeitura a que seguiria uma bênção na igreja.

Tabby estava desejando casar-se, entre outras coisas para poder fazer o amor com o Christien. Os dois tinham aprendido uma lição quando Jake os surpreendeu na cama sem a aliança de casamento. Além disso, Jake se tinha empenhado em que sua mãe dormisse com ele se por acaso voltava a ter um pesadelo.

Christien apareceu pela porta. Estava muito bonito com um smoking do Armani

-Lhe esmaguem -disse ele ao vê-la-. Está arrebatadora e é minha, ma belle.

A festa transcorreu com normalidade e o melhor champanha correu a torrentes. Jake se alterou um pouco pelo interesse que incitava e terá que lhe repreender um par de vezes. Os familiares do Christien eram bem maiores e algo antiquados, mas muito amáveis e dispostos a tratar a seu filho como se

fora um pequeno príncipe. Christien só tinha convidado a alguns amigos porque as bodas estavam muita perto. Tabby só tinha conseguido convidar a um amigo dela, a Sejam Wendell. Sua tia chegaria com seu noivo justo para as bodas antes de sair de viajem a Austrália e Pippa não podia deixar sozinho a seu pai.

Veronique Giraud se apresentou quando a festa estava em seu apogeu. Tabby notou um silêncio repentino e levantou o olhar. Surpreendeu-lhe sua aparição porque não sabia que estivesse convidada. Veronique, com um impressionante vestido de noite negro e branco, dirigiu-se diretamente ao Christien. Deu um par de passos de baile enquanto cruzava a habitação e lhe estendeu uma mão. Ele avançou e aceitou o convite. Tabby sabia dançar solto, mas não tinha aprendido nada mais e tampouco tinha feito caso do empenho do Christien para convencer a de que aprendesse os passos porque não queria fazer o ridículo durante a festa. A visão do Veronique dando voltas em braços do Christien foi como um dardo que lhe tivesse parecido no coração. Tabby se sentia como a juvenzinha acovardada que tinha sido quatro anos antes. O dia que tinha que tomar o vôo para voltar com sua madrasta, foi correndo à vila dos Laroche para tentar desesperadamente ver o Christien antes de abandonar a França. Ele não a tinha chamado nem tinha respondido suas chamadas.

Veronique apareceu na porta detrás de um mordomo.

-O que quer? -perguntou-lhe bruscamente.

Tabby ficou atônita porque até aquele momento Veronique sempre tinha sido amável com ela. Encontrou-se lhe perguntando se podia ver o Christien como se ela tivesse que lhe dar permissão.

-Tudo terminou. Deveria te dar conta de que te abandonou. Não quer te ver -Veronique a olhou com um gesto de desprezo-. Diz que vai trocar de número de celular para que lhe deixe em paz!

Tabby se sentiu como se estivesse morrendo ao dar-se conta de que Christien tinha recebido as chamadas e que aquela mulher estava ao tanto. Já estava fatal pela morte de seu pai e pelo sofrimento insuportável de seus amigas, e o rechaço do Christien a destroçou porque nunca o tinha necessitado tanto como naquele momento. Voltou-se para partir, mas Veronique era uma dessas especialistas em amassar a vítima que estava queda.

-Não me acredito que pensasse que Christien Laroche ia a sério com uma qualquer como você. Pense na Santa Claus? -espetou-lhe Veronique.

Tabby voltou para presente e tirou peito. Já não era aquela juvenzinha e ia casar se com o Christien dentro de dia e meio. Nessas circunstâncias podia

permitir-se ser elegante e passar por cima a atitude daquela má. Ao fim e ao cabo, gostasse ou não, Veronique parecia contar-se entre os amigos do Christien e teria que tolerá-la.

Alguns dos convidados maiores começavam a partir e Christien se entreteve se despedindo de um. Tabby voltou sozinha ao salão de baile. Veronique lhe aproximou e Tabby teve orgulho suficiente para recebê-la com um sorriso.

-A ver o anel que te deu de presente Christien! -exclamou Veronique com tom zombador.

-Não acredito que esteja muito interessada -replicou-lhe Tabby, que se sentiu diminuída ao ter que levantar a cabeça para olhá-la.

-Tenho verdadeira curiosidade por compará-lo -a má estendeu uma mão com um diamante solitário enorme.

-Compará-lo...? -Tabby a olhou sem entender nada.

-Este é o anel que eu levava quando estava comprometida com o Christien. Olha-o bem porque voltarei a levá-lo quando se divorciar de ti -augurou-lhe Veronique.

Tabby ficou geada.

-Quando esteve comprometida com o Christien?

-Justo até que apareceu uma qualquer com seu filho bastardo. Compensa ser fértil, verdade?

Capítulo 10

TABBY ficou pálida como a cera. Fraquejaram-lhe as pernas e se deu a volta para afastar-se do Veronique.

Estava mentindo. Christien não podia estar comprometido quando ela voltou. Christien o haveria dito. Sempre tinha sido um exemplo de sinceridade. Era impossível que tivesse sido o noivo do Veronique. Tabby, tremendo e com a boca seca, tomou uma taça de champanha e a bebeu de um gole.

Observou ao Christien, que estava no vestíbulo, e saiu a toda velocidade, para apanhá-lo antes de que o fizesse outra pessoa.

-Veronique acaba de me mostrar-me seu anel de compromisso...

Christien soltou o que pareceu um juramento em francês.

-Lhe ia contar isso depois das bodas.

Tabby o olhou com incredulidade e deu um passo atrás.

-Quer dizer... Que é verdade? Estava comprometido com ela? Quando romperam?

-Falaremos mais tarde, em privado

-Quando rompeu com ela? -insistiu Tabby.

Christien ficou tenso.

-O que eu tivesse com o Veronique não tem importância para o que tenho contigo.

-Acaba de me chamar uma qualquer pela segunda vez em minha vida e esta vez, graças a ti, mereço-me isso.

Ao Tabby tremia a voz porque tinha o coração feito pedaços.

-O que te chamou Veronique? -rugiu Christien com incredulidade-. Deveste que entendê-la mau.

-Ouvi-a perfeitamente. Já me chamou faz isso quatro anos. Pensa melhor que foi tão tolo, que não te deu conta de que queria te jogar o anzol após, mas pelo que a mim respeita, pode ficar contigo e que lhe aproveite!

Tabby se voltou para salão de baile.

Christien, cheio de ira, foi procurar ao Veronique.

-Sinto muito, mas Tabby está mentindo -Veronique suspirou compreensivamente-. Suponho que se sentirá ciumenta e está organizando esta tolice para romper nossa amizade. Não seja exigente com ela. Naturalmente, sentirá-se insegura.

Ele a olhou com os olhos entrecerrados. Má...? Sua expressão era muito séria.

-Estou convencido de que diz a verdade. Se voltar a insultá-la ou a difundir falatórios de nosso filho, demandarei-te em todos os tribunais da França até que te arruíne.

Veronique se tinha ficado pálida.

-Sou um mal inimigo -continuou Christien- e a protegerei com toda minha alma. Em minha casa. Não é bem recebida.

Tabby se tinha misturado entre a gente que estava dançando e saiu pelo outro extremo da pista de baile. Tomou outra taça de champanha com a esperança de que o álcool a ajudasse a resistir até que se fora o último convidado. Matilde estava falando com alguns familiares e não se merecia uma cena durante a festa que tinha organizado.

Entretanto, a dor e a humilhação a tinham afligida. Christien só tinha decidido casar-se com ela pelo Jake. Não sentia saudades que Veronique a odiasse. Tampouco duvidava que Matilde não lhe havia dito nada do compromisso do Christien porque ela também acreditava que tinha que casar-se com a mãe de seu neto.

Christien encontrou ao Tabby no balcão e tomou fôlego quando lhe deu as costas.

-Veronique não estava convidada esta noite e cometi o engano de acreditar que se penetrou como amostra de boa vontade, mas lhe hei dito que se vá e te garanto que não voltará a te incomodar...

-Me largue... odeio-te! -Tabby conteve o soluço que lhe formou na garganta.

-Tabby...

-Deitou-te comigo quando estava comprometido com outra mulher?

Christien quis chamar ao céu.

-Você e as mentiras, os enganar... Quando penso no que me fez sofrer porque te menti sobre minha idade faz quatro anos... -ao Tabby não saíam as palavras e passou junto ao Christien.

Uma mão a agarrou por cotovelo.

-Não nos faça isto. Deixa que passe todo. Não te disse nada do Veronique porque não queria danificá-lo...

Tabby tentou escapar dele.

-Me solte!

-Não posso permitir que vá assim...

-Gritarei se não o faz!

Christien lhe soltou o cotovelo.

-É um disparate. Sabe como estivemos juntos desde que voltamos a nos encontrar.

-Luxúria! -espetou-lhe Tabby feita uma fúria.

Estava a ponto de chorar quando voltou para salão de baile. Sejam se parou diante dela.

-O que te passa?

-Dança comigo -suplicou-lhe Tabby. A música era lenta. -Não me dá muito bem.

Tabby lhe rodeou o pescoço com os braços. -Move os pés.

-Discutiste com o Christien?

-Por que o diz?

-Não, por nada... Mas está ao bordo da pista com os olhos jogando faíscas e os punhos fechados como se eu estivesse paquerando contigo.

-Não faça conta.

-É bastante grande e não passa despercebido. Também é muito ciumento. Notei-o a primeira vez que o vi. Assim preferiria que não fizesse nada que pudesse incomodá-lo.

-Ele não é ciumento... Por que ia estar ciumento de mim?

-Certamente porque seja um desses tipos que perdem a cabeça quando se apaixonam.

-Apaixonar-se? -Tabby deixou escapar uma risada cheia de amargura.

-Sentou-lhe bastante mal. Tampouco gosta de ver como te ri com outro - comentou-lhe Sejam enquanto a mantinha a uma distância mais que prudencial.

Assim que parou a música, Christien se aproximou e Sejam a soltou com certo alívio. Tabby se encontrou com seu olhar e voltou a cabeça para outro lado. Entretanto, Christien a agarrou com força.

-Sei que está zangada comigo, mas não comece a paquerar com outros.

Ao Tabby o champanha bulia no sangue como a gasolina em uma fogueira.

-Farei o que me dê a vontade!

Christien a abraçou.

-Faz o que te digo. Esteja tranquila.

-Quero te gritar -ofegou Tabby com uma voz afogada.

-Grita o que quer, mas não paquere, põe-me furioso.

-Como pode ter ciúmes de mim depois de te haver levado assim? Quando te comprometeu com ela? -soltou-lhe Tabby com toda sua ira.

-Falaremos disto quando estiver sóbria.

-Insinúa que estou bêbada?

-Não, dou por sentado que só reclama quando bebe muito champanha.

-Me responda.

-Comprometemo-nos faz seis meses. Foi...

Tabby se soltou do abraço e se afastou com um gesto inexpressivo e as costas muito reta. A última hora da festa passou como um suspiro. Logo não se lembrava de com quem tinha falado nem o que havia dito, mas lhe doíam os maçãs do rosto de manter o sorriso. Seis meses!

Quando se foi o último convidado, Christien a agarrou pela mão e a levou a biblioteca. Ela se soltou a mão, cruzou-se de braços e levantou a cabeça para olhá-lo fixamente.

-Agora, não posso me casar contigo.

-Ia contar te o do compromisso depois das bodas. Não era importante, mas sabia que você o veria de outra forma...

-Seu compromisso com outra mulher não é importante? Não lhe devia fidelidade? Eu não me merecia sinceridade? Pensa que eu teria feito algo contigo se chegar ou seja que foi de outra mulher?

-Ser de outra? Sou um troféu? -Christien fez um gesto de desespero com a mão-. O ano passado, Veronique e eu estávamos acostumados a comentar que nos tínhamos acostumado a nos servir um do outro para certos atos sociais. Falamos do matrimônio por um motivo prático. Eu necessitava uma anfitriã e ela um marido que não interferisse em sua carreira, porque é ambiciosa. Decidimos que podíamos ser um bom matrimônio sem laços sentimentais que revistam levar a desilusão.

-Parece-me um acordo horripilante.

-Não me exigia fidelidade. Digo-lhe isso porque não quero que tenha remorsos.

-Veronique te disse que podia te deitar com quem quisesse? -Tabby o olhou espantada-. Você o aceitou? É um horror!

-Para ela não. Veronique não lhe dá importância a essas coisas.

-Bom, menos mal que não vou casar me contigo, porque se me chega a enganar, faria que sua vida fora um inferno. É mais, o inferno te pareceria um hotel de cinco estrelas.

Ela ficou atônita ao notar que Christien esboçava um muito leve sorriso.

-Sei -reconheceu ele-. Entretanto, qualquer homem aceitaria poder ter uma mulher formosa e competente que lhe permite fazer o que quiser sempre que for com certa discrição... Até que se dá conta de que há algo melhor.

-Eu acredito que é repugnante! -exclamou Tabby.

-E eu estou contigo...

Tabby deixou escapar uma risada forçada. Ele estava com ela porque toda a beleza e competência do Veronique não tinha servido de nada ante um filho de três anos que era idêntico a ele. Se Jake não tivesse existido e ela tivesse aceito que a mantivera naquela casa fastuosa do vale do Loira, Christien teria mantido seu compromisso com o Veronique e teria terminado casando-se com ela. Não podia perdoar-lhe

Christien faria algo pelo Jake. Ela tinha visto seu gesto de alívio quando o médico lhe disse que o asma não pioraria. Adorava a seu filho e ela não o reprovava, mas ela também tinha orgulho e lhe doía dar-se conta de que o homem ao que amava só apreciava seu talento para satisfazer suas exigências na cama.

-Sinto muitíssimo que tudo isto te tenha incomodado, mas não nos afeta. Eu não estava apaixonado pelo Veronique nem ela o estava de mim. Ofendi-a ao rechaçá-la, mas você e eu... Temos muitas coisas.

-Sim... Muito sexo...

-Não diga isso. Não despreze o que temos.

-Não esqueci como te desfez de mim faz quatro anos. Nem sequer teve a elegância de me dizer isso Permitiu que fora à vila de sua família detrás de ti...

Christien franziu o cenho.

-Quando... Passou isso?

-O dia que me voltava com minha madrasta. Veronique saiu à porta e tubo que me tragar a humilhação de que sua amiga me dissesse que me tinha deixado e que foste trocar o número de seu telefone móvel para que te deixasse em paz.

Christien deu um passo vacilante e a agarrou pelas mãos.

-Veronique não tinha direito. Fez-o a minhas costas. Nunca falei de ti com ela, nem lhe teria permitido que te falasse dessa forma. Entretanto, naquele momento eu acreditava que você estava com outro -recordou-lhe Christien-. Não esperava que fosse à vila.

-Dá-me igual. Ofendeu-me então e esta noite tornaste a me humilhar e a me ofender. Não te perdôo nem vou perdoar te!

Ao Tabby abrasavam os olhos pelas lágrimas e não podia escutar os argumentos do Christien. Ela o amava, mas nesse momento também o odiava. soltou-se as mãos, tirou-se o anel e o deixou em cima da mesinha.

-Não... -balbuciou Christien.

Tabby subiu as escadas correndo. Não ia permitir se chorar. Agarrou uma camisola e foi ao dormitório do Jake, onde sabia que não a incomodariam. dormiu ao pouco de deitar-se na cama que havia junto à de seu filho. despertou perto do amanhecer. Doía-lhe a cabeça e foi tomar banho para refrescar-se. A noite tinha sido muito exaltada. Entretanto, à fria luz do dia, tentava imaginar-se como sentaria ao Jake que não se celebrasse as bodas. Estava emocionado. Christien não estava apaixonado pelo Veronique, mas como agüentaria ela amá-lo durante anos sem que lhe correspondesse? Humilharia-a e lhe tiraria confiança em si mesmo.

A segunda vez que despertou estava em sua cama e se sentou sem compreendê-lo. Christien lhe dava as costas e a luz que se filtrava entre as cortinas meio abertas alagava a habitação.

-Trouxe-te aqui porque temos que falar -disse ele asperamente.

-Não... Não sei o que te dizer...

Christien se deu a volta e a olhou sombriamente.

-Deveria te haver dito que escutasse. Eu me encarregarei de falar.

Tabby se apartou uma mecha de cabelo da frente.

-Aquele dia de faz quatro anos, quando foi à vila e te encontrou com o Veronique, eu certamente estava bêbado. Depois de me ocupar de todos os trâmites depois da morte de meu pai e de que minha mãe se encerrasse sem querer ver ninguém, eu passei bêbado o resto daquela semana.

Tabby o olhava com os olhos como pratos. Nunca o teria imaginado.

-Possivelmente deveria haver-me imaginado. Seria difícil para ti...

-O difícil era estar sem ti.

Fez-se um silêncio cada vez mais profundo.

-Eu pensava me casar contigo, mas te vi com o da moto e todo me derrubou. Quando nossos pais morreram, eu te queria, mas o orgulho me impedia de te ter, assim bebi para manter certa força.

Tabby piscou. Tinha pensado em casar-se com ela?

Christien se encolheu de ombros com certo cansaço.

-Eu não gostava de me sentir daquela maneira. Eu via que minha mãe se afundava de desespero por não estar com meu pai. Era espantoso. Decidi que não queria que me passasse aquilo por nenhuma mulher.

-Entendo-o... -balbuciou Tabby embora sua experiência tinha sido muito distinta.

Sua madrastra tinha uns sentimentos muito superficiais. Além de algumas lamentações muito ruidosas, quando comprovou que não era uma viúva tão rica como ela pensava, enfureceu-se e se esqueceu de qualquer rastro de dor.

-Falava a sério quando disse que então tinha pensado te casar comigo? Quero dizer, estava furioso comigo por te haver mentido com a idade, como podia te expor te casar comigo?

-Como não? -olhou-a aos olhos-. Seguia te querendo. Tudo se resumia nisso.

Queria-a, mas contra sua vontade, interpretou Tabby. Christien não perdia a calma nem resultava sentimental, mas estava lhe dando uma informação muito importante do que tinha sentido por ela.

Christien deixou escapar o fôlego lenta e controladamente.

-Uma vez me mentiu sobre sua idade porque não queria me perder. Eu também decidi não te contar o de meu compromisso com o Veronique com umas condições que não entenderia porque não queria te perder.

-De verdade...? -ao Tabby não saía a voz.

-Aquele verão já estava apaixonado por ti. O que podia ser se não? Não podia estar sem ti nem umas horas. Não me queria reconhecer isso mas nunca tinha sentido por ninguém o que sentia por ti.

Tabby enrugou o nariz e fez um esforço enorme para conter as lágrimas.

-Christien... -disse com um fio de voz.

-Quando Solange te deixou a casa, eu o utilizei como desculpa para voltar a verte em Londres. Não tinha nenhuma necessidade de te visitar pessoalmente e podia me haver esforçado mais para que não viesse a Bretanha...

-Mas eu estava decidida a começar uma vida aqui. Acredito que não foi o único que não queria ver a realidade...

Christien estendeu as mãos.

-Não tinha nada planejado. Quando estou contigo, não posso pensar - reconheceu Christien-. Só queria verte, estar contigo, fazer o amor contigo. Nem sequer me lembrava de que existia Veronique!

Tabby se levantou da cama, atravessou a habitação e o abraçou com força.

-Além disso, rompi meu compromisso com ela imediatamente. Sentia-me culpado, mas não vacilei.

-Imediatamente? -era como se lhe tirasse outro peso de cima porque precisava confiar nele.

-Vi-a em Paris e voltei para Bretanha essa mesma tarde, mas você não estava na casa. Desgraçadamente, o remorso me fez lhe dizer ao Veronique que não ia casar me contigo e por isso se enfureceu muito mais quando se inteirou que pensava me casar contigo em seguida - Christien fez uma careta.

-Efetivamente. Nesse momento você sonhava com redecorar a casa para que fora a maravilhosa residência de seu amante, verdade?

Christien assentiu com a cabeça e um olhar de cautela.

-Conheço-te e sei como pensa -advertiu-lhe Tabby com uma segurança muito recente-. Não pensou em te casar comigo até que se inteirou da existência do Jake e compreendeu que eu não ia aceitar suas pretensões...

-Não distingue quando um homem está disposto a fazer o que for por te conseguir?

-Não... Necessito que o diga.

Tabby não podia respirar porque começava a acreditar que seu sonho estava fazendo-se realidade. Christien tomou em braços e a sentou no bordo da cama.

-Quero-te, ma belle. Quero-te com loucura.

Tabby suspirou.

-Tinha que me haver isso dito faz muito tempo.

-Demorei muito tempo em compreender o que sentia.

Tabby o olhou com um sorriso sonhador.

-Eu acreditava que era pelo Jake. Que te casava comigo por ele.

-Não, ele é maravilhoso, mas quero me casar contigo para que seja minha.

-Pensa que sou algum tipo de troféu? -brincou Tabby.

-Meu troféu.

Tomou a cara entre as mãos e a beijou.

-Quero-te muito -disse ela ao final.

-De verdade? -Christien sorriu-. Embora a tenha vexado um montão de vezes? -Sim...

-Adoro-te.

-Amanhã estaremos casados.

-Amanhã me parece que está muito longe. Desejo-te com toda minha alma...

-Vai ser uma lua de mel apaixonante -disse Tabby com tom provocador.

-Podíamos ir dar um passeio em carro -grunhiu Christien-. Ir a um hotel...

-Não, sua mãe me reservou hora em um salão de beleza...

-Isso é uma estupidez. Está preciosa. Não deixe que lhe cortem o cabelo.

Tabby levantou o olhar e viu que Jake os observava da porta.

-Beijinhos... -Jake fez uma careta-. Que asco!

-Fecha a porta e volta a deixar que te caia a camisola -propô-lhe Christien.

-Merece a pena esperar.

Voltou a abraçar-se ao Christien e Jake se uniu a eles. Sentia-se muito afortunada e amada pelos dois.

Seu vestido de noiva tinha um corpo bordado da mesma cor verde que seus olhos e uma saia cor marfim. Na cabeça levava uma diadema de esmeraldas e diamantes, o pescoço o adornava o colar de diamantes e o presente de bodas de seu noivo eram os dois impressionantes diamantes que a penduravam das orelhas.

Christien não podia apartar a vista dela. Acompanhou-a pelas escadas que levavam a prefeitura como se fora uma rainha. A cerimônia religiosa se fez em uma pequena igreja que havia à volta da esquina.

A recepção se celebrou no Hotel Ritz de Paris. Alison Davies e seu noivo não saíam de seu assombro ao ver o Tabby. Admirou-se muito a personalidade faiscante da noiva e, perto dela, o noivo não era tão inalterável como dizia sua reputação. Os convidados falavam de uma grande paixão. Comentou-se que Tabby não tinha dinheiro e que não era nem fraca como uma vassoura nenhuma beleza clássica. Também se comentou que Christien olhava à noiva como se fora tão irresistível como Cleopatra. Que Tabby tivesse triunfado onde tinha fracassado a desprezada Veronique era mais que suficiente para lhe garantir que teria muito êxito em sociedade.

Antes de abandonar o hotel, o casal confiou seu filho a sua avó Matilde. Uma limusine os levou até o aeroporto onde se montariam no avião privado do Christien para ir passar a lua de mel nas montanhas da Toscana.

Quando separou o, avião, Christien tirou um sobre do bolso.

-Entregaram-me isso justo antes da recepção. É de minha tia avó Solange.

-Solange? -repetiu Tabby, desconcertada-. Como é possível?

-Solange o escreveu o mesmo dia que trocou o testamento. Ordenou ao notário que me desse a carta só se nos casávamos.

Tabby não entendia a letra endiabrada da mulher e Christien a leu.

-De entrada me pede perdão por ter deixado parte do Duvernay a alguém que não é da família.

-De verdade? -exclamou Tabby.

-Segue me felicitando por me haver casado contigo e, assim, unificar os terrenos outra vez.

-É magia! Evidentemente, casaste-te comigo para recuperar a casa de campo.

-Solange termina nos desejando uma vida muito feliz juntos e diz que sempre soube que parecíamos o um para o outro -Christien esboçou um sorriso um pouco triste-. Deveu adivinhar que já te amava.

Tabby o olhou fixamente.

-Oxalá o tivesse feito eu. Teria passado de comprimento junto ao Veronique e me teria enfrentado contigo. Você estaria bêbado, não manteria a calma e me haveria dito que tinha visto o Peter me beijando. Tudo teria se resolvido naquele instante.

Christien suspirou e a abraçou.

-Então eu era um perfeito idiota que resistia a te amar. Agora sou mais amadurecido.

-Temo-me que eu era muito jovem para me casar

Christien a beijou na bochecha com uma ternura infinita.

-Adoro-te. Agora te valoro muito mais. Pensa em todo o tempo que temos por diante.

Ela voltou a sorrir enquanto ele a olhava com uma intensidade turbadora. Beijou-o na boca até que notou que ele ficava sem fôlego.

-Me faça o amor até que perca a cabeça -sussurrou-lhe ela.

-Descarada... -grunhiu carinhosamente Christien.

Tomou em braços para levá-la ao compartimento porque ela não podia andar do tanto que ria.

Fim